

# *Poemas Seleccionados*

Florbelá Espanca

**Ciberfil Literatura Digital**



Versão para Adobe Acrobat Reader por  
Rodolfo S. Cassaca

Março de 2002

Permitida a distribuição

Visite nosso site: [www.ciberfil.hpg.ig.com.br](http://www.ciberfil.hpg.ig.com.br)  
ou mande-nos um e-mail: [ciberfil@yahoo.com](mailto:ciberfil@yahoo.com)

# ÍNDICE

FOLHAS DE ROSA.....	5
FANATISMO.....	6
HORAS RUBRAS.....	7
EU.....	8
VAIDADE.....	9
CASTELÃ DE TRISTEZA.....	10
TORTURA.....	11
LÁGRIMAS OCULTAS.....	12
TORRE DE NÉVOA.....	13
A MINHA DOR.....	14
DIZERES ÍNTIMOS.....	15
AS MINHAS ILUSÕES.....	16
NAVIOS-FANTASMAS.....	17
SUAVIDADE.....	18
NOITE DE SAUDADE.....	19
TOLEDO.....	20
NIHIL NOVUM.....	21
SE TU VIÉSSES VER-ME.....	22
SER POETA.....	23
LOUCURA.....	24
À MORTE.....	25
FUMO.....	26
A TUA VOZ NA PRIMAVERA.....	27
FRÉMITO DO MEU CORPO.....	28
CHARNECA EM FLOR.....	29
REALIDADE.....	30
SÚPLICA.....	31
DOCE CERTEZA.....	32
QUEM SABE?!.....	33
HUMILDADE.....	34
A MULHER I.....	35
A MULHER II.....	36
AMIGA.....	37
VERSOS DE ORGULHO.....	38
DE JOELHOS.....	39
SEM REMÉDIO.....	40
O MEU ORGULHO.....	41
SAUDADES.....	42
ÓDIO.....	43
RÚSTICA.....	44
A UM MORIBUNDO.....	45
A NOSSA CASA.....	46
SUPREMO ENLEIO.....	47
AMAR!.....	48
MINHA CULPA.....	49

CRUCIFICADA.....	50
AMBICIOSA.....	51
VÃO ORGULHO.....	52
NOCTURNO.....	53
CHOPIN.....	54
ES CRAVA.....	55
O MEU DESEJO.....	56
O MAIOR BEM.....	57
ESQUECIMENTO.....	58
A VIDA.....	59
AMOR QUE MORRE.....	60
NOSTALGIA.....	61
A UM LIVRO.....	62
ALMA PERDIDA.....	63
PARA QUÊ?!.....	64
QUE IMPORTA?.....	65
CARAVELAS.....	66
INCONSTÂNCIA.....	67
CONTO DE FADAS.....	68
ANGÚSTIA.....	69
A MINHA TRAGÉDIA.....	70
LÁGRIMAS OCULTAS.....	71
PEQUENINA.....	72
ESPERA.....	73
NEURASTENIA.....	74
O MEU MAL.....	75
FRIEZA.....	76
RUÍNAS.....	77
CINZENTO.....	78
MOCIDADE.....	79
NÃO SER.....	80
VOZ QUE SE CALA.....	81
POETAS.....	82
OS VERSOS QUE TE FIZ.....	83
SONHOS.....	84
BLASFÊMIA.....	85
ESCREVE-ME.....	86
EXALTAÇÃO.....	87
MINHA CULPA.....	88
TÉDIO.....	89
VOLÚPIA.....	90
É UM NÃO QUERER MAIS QUE BEM QUERER.....	91
SONHO VAGO.....	101
ANSEIOS.....	102
LANGUIDEZ.....	103
ÁRVORES DO ALENTEJO.....	104
BALADA.....	105

## *FOLHAS DE ROSA*

Todas as prendas que me deste, um dia,  
Guardei-as, meu encanto, quase a medo,  
E quando a noite espreita o pôr-do-sol,  
Eu vou falar com elas em segredo...

E falo-lhes d'amores e de ilusões,  
Choro e rio com elas, mansamente...  
Pouco a pouco o perfume do outrora  
Flutua em volta delas, docemente...

Pelo copinho de cristal e prata  
Bebo uma saudade estranha e vaga,  
Uma saudade imensa e infinita  
Que, triste, me deslumbra e m'embriaga

O espelho de prata cinzelada,  
A doce oferta que eu amava tanto,  
Que reflectia outrora tantos risos,  
E agora reflecte apenas pranto,

E o colar de pedras preciosas,  
De lágrimas e estrelas constelado,  
Resumem em seus brilhos o que tenho  
De vago e de feliz no meu passado...

Mas de todas as prendas, a mais rara,  
Aquele que mais fala à fantasia,  
São as folhas daquela rosa branca  
Que a meus pés desfolhaste, aquele dia...

## *FANATISMO*

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.  
Meus olhos andam cegos de te ver!  
Não és sequer razão do meu viver,  
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...  
Passo no mundo, meu Amor, a ler  
No misterioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida!

“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:  
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: Princípio e Fim! ...”

## ***HORAS RUBRAS***

Horas profundas, lentas e caladas  
Feitas de beijos sensuais e ardentes,  
De noites de volúpia, noites quentes  
Onde há risos de virgens desmaiadas...

Oiço as olaias rindo desgrenhadas...  
Tombam astros em fogo, astros dementes,  
E do luar os beijos languescents  
São pedaços de prata p'las estradas...

Os meus lábios são brancos como lagos...  
Os meus braços são leves como afagos,  
Vestiu-os o luar de sedas puras...

Sou chama e neve branca e misteriosa...  
e sou, talvez, na noite voluptuosa,  
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

## *EU*

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida! ...

Sou aquela que passa a ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver  
E que nunca na vida me encontrou!

## *VAIDADE*

Sonho que sou a Poetisa eleita,  
Aquele que diz tudo e tudo sabe,  
Que tem a inspiração pura e perfeita,  
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade  
Para encher todo o mundo! E que deleita  
Mesmo aqueles que morrem de saudade!  
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...  
Aquele de saber vasto e profundo,  
Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,  
E quando mais no alto ando voando,  
Acordo do meu sonho... E não sou nada! ...

## *CASTELÃ DE TRISTEZA*

Altiva e couraçada de desdém,  
Vivo sozinha em meu castelo: a Dor!  
Passa por ele a luz de todo o amor...  
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castela da Tristeza, vês?... A quem?...  
— E o meu olhar é interrogador —  
Perscruto ao longe as sombras do sol-pôr...  
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, porque choras  
Lendo, toda de branco, um livro de horas,  
À sombra rendilhada dos vitrais?...

À noite, debruçada, p'las ameias,  
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...  
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

## *TORTURA*

Tirar dentro do peito a Emoção,  
A lúcida Verdade, o Sentimento!  
— E ser, depois de vir do coração,  
Um punhado de cinza esparso ao vento! ...

Sonhar um verso de alto pensamento,  
E puro como um ritmo de oração!  
— E ser, depois de vir do coração,  
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ocos, rudes, os meus versos:  
Rimas perdidas, vendavais dispersos,  
Com que iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,  
O verso altivo e forte, estranho e duro,  
Que dissesse, a chorar, isto que sinto! !

## *LÁGRIMAS OCULTAS*

Se me ponho a cismar em outras eras  
Em que ri e cantei, em que era querida,  
Parece-me que foi noutras esferas,  
Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste boca dolorida,  
Que dantes tinha o rir das primaveras,  
Esbate as linhas graves e severas  
E cai num abandono de esquecida!

E fico pensativa, olhando o vago...  
Toma a brandura plácida de um lago  
O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,  
Ninguém as vê brotar dentro da alma,  
Ninguém as vê cair dentro de mim!

## *TORRE DE NÉVOA*

Subi ao alto, à minha Torre esguia,  
Feita de fumo, névoas e luar,  
E pus-me, comovida, a conversar  
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria  
Dos versos que são meus, do meu sonhar,  
E todos os poetas, a chorar,  
Responderam-me então: “Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também  
Tivemos ilusões, como ninguém,  
E tudo nos fugiu, tudo morreu! ...”

Calaram-se os poetas, tristemente...  
E é desde então que eu choro amargamente  
Na minha Torre esguia junto ao céu! ...

## *A MINHA DOR*

A minha Dor é um convento ideal  
Cheio de claustros, sombras, arcarias,  
Aonde a pedra em convulsões sombrias  
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonia  
Ao gemer, comovidos, o seu mal...  
E todos têm sons de funeral  
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios  
Dum roxo macerado de martírios,  
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,  
Noites e dias rezo e grito e choro,  
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

## *DIZERES ÍNTIMOS*

É tão triste morrer na minha idade!  
E vou ver os meus olhos, penitentes  
Vestidinhos de roxo, como crentes  
Do soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade! ... )  
As minhas mãos esguias, languescentes,  
De brancos dedos, uns bebés doentes  
Que hão-de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso,  
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,  
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova! )  
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida! ... ”  
Responde a minha Dor: “Que linda a cova! ... ”

## *AS MINHAS ILUSÕES*

Hora sagrada dum entardecer  
De Outono, à beira mar, cor de safira,  
Soa no ar uma invisível lira...  
O sol é um doente a enlanguescer...

A vaga estende os braços a suster,  
Numa dor de revolta cheia de ira,  
A doirada cabeça que delira  
Num último suspiro, a estremecer!

O sol morreu... e veste luto o mar...  
E eu vejo a urna de oiro, a balouçar,  
À flor das ondas, num lençol de espuma.

As minhas ilusões, doce tesoiro,  
Também as vi levar em urnas de oiro,  
No mar da Vida, assim... uma por uma...

## *NAVIOS-FANTASMAS*

O arabesco fantástico do fumo  
Do meu cigarro traça o que disseste,  
A azul, no ar, e o que me escreveste,  
E tudo o que sonhastes e eu presumo.

Para a minha alma estática e sem rumo,  
A lembrança de tudo o que me deste  
Passa como o navio que perdestes,  
No arabesco fantástico do fumo...

Lá vão! Lá vão! Sem velas e sem mastros,  
Têm o brilho rutilante de astros,  
Navios-fantasmas, perdem-se a distância!

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,  
Noiva-menina, a doidas caravelas,

## *SUAVIDADE*

Pousa a tua cabeça dolorida  
Tão cheia de quimeras, de ideal,  
Sobre o regaço brando e maternal  
Da tua doce Irmã compadecida.

Hás-de contar-me nessa voz tão qu'rida  
A tua dor que julgas sem igual,  
E eu, pra te consolar, direi o mal  
Que à minha alma profunda fez a Vida.

E hás-de adormecer nos meus joelhos...  
E os meus dedos enrugados, velhos,  
Hão-de fazer-se leves e suaves...

Hão-de pousar-se num fervor de crente,  
Rosas brancas tombando docemente,  
Sobre o teu rosto, como penas de aves...

## ***NOITE DE SAUDADE***

A Noite vem poisando devagar  
Sobre a Terra, que inunda de amargura...  
E nem sequer a benção do luar  
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar  
A sua dor que é cheia de tortura...  
E eu oiço a Noite imensa soluçar!  
E eu oiço soluçar a Noite escura!

Porque és assim tão escura, assim tão triste?!  
é que, talvez, ó Noite, em ti existe  
Uma saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu sei donde me vem...  
Talvez de ti, ó Noite! ... Ou de ninguém! ...  
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!

## ***TOLEDO***

Diluído numa taça de oiro a arder  
Toledo é um rubi. E hoje é nosso!  
O sol a rir... Vivalma... Não esboço  
Um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tacteiam-me a tremer...  
Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço,  
É como um jasmineiro em alvoroço  
Ébrio de sol, de aroma, de prazer!

Cerro um pouco o olhar, onde subsiste  
Um romântico apelo vago e mudo  
— Um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...  
Uma torre ergue ao céu um grito agudo...  
Tua boca desfolha-me num beijo...

## *NIHIL NOVUM*

Na penumbra do pórtico encantado  
De Bruges, noutras eras, já vivi;  
Vi os templos do Egito com Loti;  
Lancei flores, na Índia, ao rio sagrado.

No horizonte de bruma opalizado,  
Frente ao Bósforo errei, pensando em ti!  
O silêncio dos claustros conheci  
Pelos poentes de nácar e brocado...

Mordi as rosas brancas de Ispaã  
E o gosto a cinza em todas era igual!  
Sempre a charneca bárbara e deserta,

Triste, a florir, numa ansiedade vã!  
Sempre da vida ? o mesmo estranho mal,  
E o coração ? a mesma chaga aberta!

## ***SE TU VIESSSES VER-ME...***

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,  
A essa hora dos mágicos cansaços,  
Quando a noite de manso se avizinha,  
E me prendesses toda nos teus braços...

Quando me lembra: esse sabor que tinha  
A tua boca... o eco dos teus passos...  
O teu riso de fonte... os teus abraços...  
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,  
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo  
E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...  
Quando os olhos se me cerram de desejo...  
E os meus braços se estendem para ti...

## ***SER POETA***

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma, e sangue, e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda a gente!

## *LOUCURA*

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada  
Pavorosa! Não sei onde era dantes.  
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!  
Não sei de nada, Deus, não sei de nada! ...

Passa em tropel febril a cavalgada  
Das paixões e loucuras triunfantes!  
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!  
Não tenho nada, Deus, não tenho nada! ...

Pesadelos de insônia, ébrios de anseio!  
Loucura a esboçar-se, a enegrecer  
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!  
Ó pavoroso e atroz mal de trazer  
Tantas almas a rir dentro da minha!

## *À MORTE*

Morte, minha Senhora Dona Morte,  
Tão bom que deve ser o teu abraço!  
Lânguido e doce como um doce laço  
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte  
Tua mão que nos guia passo a passo,  
Em ti, dentro de ti, no teu regaço  
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,  
Fecha-me os olhos que já viram tudo!  
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
Má fada me encantou e aqui fiquei  
À tua espera... quebra-me o encanto

## *FUMO*

Longe de ti são ermos os caminhos.  
Longe de ti não há luar nem rosas,  
Longe de ti há noites silenciosas,  
Há dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois velhos pobrezinhos  
Perdidos pelas noites invernosas...  
Abertos, sonham mãos cariciosas,  
Tuas mãos doces, plenas de carinhos!

Os dias são outonos: choram... choram...  
Há crisantemos roxos que descoram...  
Há murmúrios dolentes de segredos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!  
E ele é, ó meu Amor, pelos espaços,  
Fumo leve que foge entre os meus dedos! ...

## *A TUA VOZ NA PRIMAVERA*

Manto de seda azul, o céu reflete  
Quanta alegria na minha alma vai!  
Tenho os meus lábios úmidos: tomai  
A flor e o mel que a vida nos promete!

Sinfonia de luz meu corpo não repete  
O ritmo e a cor dum mesmo beijo... olhai!  
Iguala o sol que sempre às ondas cai,  
Sem que a visão dos poentes se complete!

Meus pequeninos seios cor-de-rosa,  
Se os roça ou prende a tua mão nervosa,  
Têm a firmeza elástica dos gamos...

Para os teus beijos, sensual, flori!  
E amendoeira em flor, só ofereço os ramos,  
Só me exalto e sou linda para ti!

## ***FRÉMITO DO MEU CORPO...***

Frémido do meu corpo a procurar-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,  
Sede de beijos, amargor de fel,  
Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,  
Vai boiando ao acaso das correntes,  
Esquife negro sobre um mar de chamas...

## *CHARNECA EM FLOR*

Enche o meu peito, num encanto mago,  
O frémito das coisas dolorosas...  
Sob as urzes queimadas nascem rosas...  
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago  
Em mim? Eu oiço bocas silenciosas  
Murmurar-me as palavras misteriosas  
Que perturbam meu ser como um afago!

E, nesta febre ansiosa que me invade,  
Dispo a minha mortalha, o meu burel,  
E já não sou, Amor, Soror Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,  
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:  
Sou a charneca rude a abrir em flor!

## ***REALIDADE***

Em ti o meu olhar fez-se alvorada  
E a minha voz fez-se gorgheio de ninho...  
E a minha rubra boca apaixonada  
Teve a frescura pálida do linho...

Embriagou-me o teu beijo como um vinho  
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada...  
E a minha cabeleireira desatada  
Pôs a teus pés a sombra dum caminho...

Minhas pálpebras são cor de verbena,  
Eu tenho os olhos garços, sou morena,  
E para te encontrar foi que eu nasci...

Tens sido vida fora o meu desejo  
E agora, que te falo, que te vejo,  
Não sei se te encontrei... se te perdi...

## *SÚPLICA*

Olha para mim, amor, olha para mim;  
Meus olhos andam doidos por te olhar!  
Cega-me com o brilho de teus olhos  
Que cega ando eu há muito por te amar.

O meu colo é arminho branco imaculado  
Duma brancura casta que entontece;  
Tua linda cabeça loira e bela  
Deita em meu colo, deita e adormece!

Os meus braços são brancos como o linho  
Quando os cerro de leve, docemente...  
Oh! deixa-me prender-te e enlear-te  
Nessa cadeia assim eternamente! ...

Vem para mim, amor... Ai não desprezes  
A minha adoração de escrava louca!  
Só te peço que deixes exalar  
Meu último suspiro na tua boca! ...

## ***DOCE CERTEZA***

Por essa vida afora hás de adorar  
Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,  
Em infinito anseio hás de beijar  
Estrelas d'ouro fulgindo em muita boca!

Hás de guardar em cofre perfumado  
Cabelos d'ouro e risos de mulher,  
Muito beijo d'amor apaixonado;  
E não te lembrarás de mim sequer! ...

Hás de tecer uns sonhos delicados...  
Hão de por muitos olhos magoados,  
Os teus olhos de luz andar imersos! ...

Mas nunca encontrarás p'la vida fora,  
Amor assim, como este amor que chora  
Neste beijo d'amor, que são meus versos!

## *QUEM SABE?! ...*

Eu sigo-te e tu foges. É este o meu destino:  
Beber o fel amargo em luminosa taça,  
Chorar amargamente um beijo teu, divino,  
E rir olhando o vulto altivo da desgraça!

Tu foges-me, e eu sigo o teu olhar bendito;  
Por mais que fujas sempre, um sonho há de alcançar-te  
Se um sonho pode andar por todo o infinito,  
De que serve fugir se um sonho há de encontrar-te?!

Demais, nem eu talvez, perceba se o amor  
É este perseguir de raiva, de furor,  
Com que eu te sigo assim como os rafeiros leais.

Ou se é então a fuga eterna, misteriosa,  
Com que me foges sempre, ó noite tenebrosa!  
Por me fugires, sim, talvez me queiras mais!

## *HUMILDADE*

Toda a terra que pisas, eu qu'ria ajoelhada,  
Beijar terna e humilde em lânguido fervor;  
Qu'ria poisar fervente a boca apaixonada  
Em cada passo teu, ó meu bendito amor!

De cada beijo meu, havia de nascer  
Uma sangrenta flor! Ébria de luz, ardente!  
No colo purpurino havia de trazer  
Desfeito no perfume o mist'rioso Oriente!

Qu'ria depois colher essas flores reais,  
Essas flores de sonho, entranhas, sensuais,  
E lançar-tas aos pés em perfumados molhos.

Bem paga ficaria, ó meu cruel amante!  
Se, sobre elas, eu visse apenas uma instante  
Cair como um orvalho os teus divinos Olhos!

## *A MULHER I*

Um ente de paixão e sacrifício,  
De sofrimento cheio, eis a mulher!  
Esmaga o coração dentro do meu peito,  
E nem te doas coração, sequer!

Sê forte, corajoso, não fraquejes  
Na luta; sê em Vênus sempre Marte;  
Sempre o mundo é vil e infame o os homens  
Se te sentem gemer hão de pisar-te!

Se às vezes tu fraquejas, pobrezinho,  
Essa brancura ideal de puro arminho  
Eles deixam pra sempre maculada;

E gritam então os vis: “Olhem, vejam  
É aquela a infame!” e apedrejam  
A pobrezita, a triste, a desgraçada!

## *A MULHER II*

Ó mulher! Como és fraca e como és forte!  
Como sabes ser doce e desgraçada!  
Como sabes fingir quando em teu peito  
A tua alma se estorce amargurada!

Quantas morrem saudosas duma imagem  
Adorada que amaram doidamente!  
Quantas e quantas almas endoidecem  
Enquanto a boca ri alegremente!

Quanta paixão e amor às vezes têm  
Sem nunca o confessarem a ninguém  
Doces almas de dor e sofrimento!

Paixão que faria a felicidade  
Dum rei; amor de sonho e de saudade,  
Que se esvai e que foge num lamento!

## *AMIGA*

Deixa-me ser a tua amiga, Amor;  
A tua amiga só, já que não queres  
Que pelo teu amor seja a melhor  
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor  
O que me importa a mim?! O que quiseres  
É sempre um sonho bom! Seja o que for  
Bendito sejas to por m'o dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...  
Como se os dois nascêssemos irmãos,  
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem! ... Que fantasia louca  
Guardar assim, fechados nestas mãos,  
Os beijos que sonhei p'ra minha boca! ...

## *VERSOS DE ORGULHO*

O mundo quer-me mal porque ninguém  
Tem asas como eu tenho! Porque Deus  
Me fez nascer princesa entre plebeus  
Numa torre de orgulho e de desdém.

Porque o meu Reino fica para além...  
Porque trago no olhar os vastos céus  
E os oiros e clarões são todos meus!  
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu Amor?  
— O jardim dos meus versos todo em flor...  
A seara dos teus beijos pão bendito...

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...  
— São os teus braços dentro dos meus braços,  
Via Láctea fechando o Infinito.

## *DE JOELHOS*

‘Bendita seja a Mãe que te gerou. ’  
Bendito o leite que te fez crescer.  
Bendito o berço aonde te embalou  
A tua ama, pra te adormecer!

Bendita essa canção que acalentou  
Da tua vida o doce alvorecer...  
Bendita seja a lua que inundou  
De luz, a terra, só para te ver...

Benditos sejam todos que te amarem,  
As que em volta de ti ajoelharem  
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser  
Alguém, bendita seja essa Mulher,  
Bendito seja o beijo dessa boca! !

## ***SEM REMÉDIO***

Aqueles que me têm muito amor  
Não sabem o que sinto e o que sou...  
Não sabem que passou, um dia, a Dor,  
À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor,  
Este frio que anda em mim, e que gelou  
O que de bom me deu Nosso Senhor!  
Se eu nem sei por onde ando e onde vou! !

Sinto os passos da Dor, essa cadência  
Que é já tortura infinda, que é demência!  
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio  
A mesma angústia funda, sem remédio,  
Andando atrás de mim, sem me largar! ...

## *O MEU ORGULHO*

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera  
Não me lembrar! Em tardes dolorosas  
Lembro-me que fui a Primavera  
Que em muros velhos faz nascer as rosas!

As minhas mãos outrora carinhosas  
Pairavam como pombas... Quem soubera  
Porque tudo passou e foi quimera,  
E porque os muros velhos não dão rosas!

O que eu mais amo é que mais me esquece...  
E eu sonho: 'Quem olvida não merece...'  
E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobrezinha:  
Que também é orgulho ser sozinha,  
E também é nobreza não ter nada!

## ***SAUDADES***

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...  
Se o nosso sonho foi tão alto e forte  
Que bem pensara vê-lo até à morte  
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!  
Que tudo isso, Amor nos não importe.  
Se ele deixou beleza que conforto  
Deve-nos ser sagrado como o pão.

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,  
Para mais doidamente me lembrar  
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:  
Quanto menos quisesse recordar  
Mais a saudade andasse presa a mim!

## *ÓDIO*

Ódio por Ele? Não... Se o amei tanto,  
Se tanto bem lhe quis no meu passado,  
Se o encontrei depois de o ter sonhado,  
Se à vida assim roubei todo o encanto,

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto  
Turva o meu triste olhar, marmorizado,  
Olhar de monja, trágico, gelado  
Com um soturno e enorme Campo Santo!

Nunca mais o amar já é bastante!  
Quero senti-lo doutra, bem distante,  
Como se fora meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saudade infinda,  
Mágoa de o ter perdido, amor ainda!  
Ódio por Ele? Não... não vale a pena...

## *RÚSTICA*

Ser a moça mais linda do povoado,  
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,  
Ver descer sobre o ninho aconchegado  
A benção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,  
Cheirando a alfazema e a tomilho...  
— Com o luar matar a sede ao gado,  
Dar às pombas o sol num grão de milho. .

Ser pura como a água da cisterna,  
Ter confiança numa vida eterna  
Quando descer à ‘terra da verdade’...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!  
Dou por elas meu trono de Princesa,  
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

## *A UM MORIBUNDO*

Não tenhas medo, não! Tranqüilamente,  
Como adormece a noite pelo Outono,  
Fecha os teus olhos, simples, docemente,  
Como, à tarde, uma pomba que tem sono ...

A cabeça reclinava levemente  
E os braços deixa-os ir ao abandono,  
Como tombam, arfando, ao sol poente,  
As asas de uma pomba que tem sono...

O que há depois? Depois?... O azul dos céus?  
Um outro mundo? O eterno nada? Deus?  
Um abismo? Um castigo? Uma guarida?

Que importa? Que te importa, ó moribundo?  
— Seja o que for, será melhor que o mundo!  
Tudo será melhor do que esta vida! ...

## *A NOSSA CASA*

A nossa casa, Amor, a nossa casa!  
Onde está ela, Amor, que não a vejo?  
Na minha doida fantasia em brasa  
Constrói-a, num instante, o meu desejo

Onde está ela, Amor, a nossa casa,  
O bem que neste mundo mais invejo?  
O brando ninho aonde o nosso beijo  
Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos.  
Andamos de mãos dadas, nos caminhos  
Duma terra de rosas, num jardim,

Num pais de ilusão que nunca vi...  
E que eu moro — tão bom! — dentro de ti  
E tu, ó meu Amor, dentro de mim...

## ***SUPREMO ENLEIO***

Quanta mulher no teu passado, quanta!  
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?  
Se delas veio o sonho que conforta,  
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,  
Folhas murchas de rojo à tua porta...  
Quando eu for uma pobre coisa morta,  
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!  
Hás-de ver-me, beijar-me em todas elas,  
Mesmo na boca da que for mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,  
Nesse corpo vibrante de mulher  
Será o meu que hás-de encontrar ainda.

## *AMAR!*

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: aqui... além...  
Mais Este e Aquele, ou Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente! ...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi para cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

## *MINHA CULPA*

### *A Artur Ledesma*

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem  
Quem sou?! Um fogo-fátuo, uma miragem...  
Sou um reflexo... um canto de paisagem  
Ou apenas cenário! Um vaivém...

Como a sorte, hoje aqui, depois além!  
Sei lá quem sou?! Sei lá! Sou a roupagem  
Dum doido que partiu numa romagem  
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem! ...

Sou um verme que um dia quis ser astro...  
Uma estátua truncada de alabastro...  
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,  
Num mundo de vaidades e pecados,  
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

## *CRUCIFICADA*

Amiga ... noiva... irmã... o que quiseres!  
Por ti, todos os céus terão estrelas,  
Por teu amor, mendiga, hei-de merecê-las,  
Ao beijar a esmola que me deres.

Podes amar até outras mulheres!  
— Hei-de compor, sonhar palavras belas,  
Lindos versos de dor só para elas,  
Para em lânguidas noites lhes dizeres!

Crucificada em mim, sobre os meus braços,  
Hei-de poisar a boca nos teus passos  
Pra não serem pisados por ninguém.

E depois... Ah! depois de dores tamanhas,  
Nascerás outra vez de outras entranhas,  
Nascerás outra vez de uma outra Mãe!

## *AMBICIOSA*

Para aqueles fantasmas que passaram,  
Vagabundos a quem jurei amar,  
Nunca os meus braços lânguidos traçaram  
O vôo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram  
Sobre um amor em sangue a palpitar...  
— Quantas panteras bárbaras mataram  
Só pelo raro gosto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária  
Erguida na montanha solitária  
Interrogando a vibração dos céus!

O amor dum homem? — Terra tão pisada!  
Gota de chuva ao vento baloiçada...  
Um homem? — Quando eu sonho o amor dum deus!

## *VÃO ORGULHO*

Neste mundo vaidoso o amor é nada,  
É um orgulho a mais, outra vaidade,  
A coroa de loiros desfolhada  
Com que se espera a Imortalidade.

Ser Beatriz! Natércia! Irrealidade...  
Mentira... Engano de alma desvairada...  
Onde está desses braços a verdade,  
Essa fogueira em cinzas apagada?...

Mentira! Não te quis ... não me quiseste,  
Eflúvios subtis dum bem celeste?  
Gestos... . palavras sem nenhum condão.

Mentira! Não fui tua ... não! Somente...  
Quis ser mais do que sou, mais do que gente,  
No alto orgulho de o ter sido em vão! ...

## *NOCTURNO*

Amor! Anda o luar todo bondade,  
Beijando a terra, a desfazer-se em luz. .  
Amor! São os pés brancos de Jesus  
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar ... Quanta saudade  
Das ilusões e risos que em ti pus!  
Traçaste em mim os braços duma cruz,  
Neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de mágoas,  
É nesta noite o nenúfar dum lago  
'Stendendo as asas brancas sobre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,  
Fecha-os num beijo dolorido e vago...  
E deixa-me chorar devagarinho ...

## *CHOPIN*

Não se acende hoje a luz... Todo o luar  
Fique lá fora. Bem aparecidas  
As estrelas miudinhas, dando no ar  
As voltas dum cordão de margaridas!

Entram falenas meio entontecidas ...  
Lusco-fusco... Um morcego, a palpitar  
Passa... torna a passar... torna a passar  
As coisas têm o ar de adormecidas...

Mansinho ... Roça os dedos p'lo teclado,  
No vago arfar que tudo alteia e doira,  
Alma, Sacrário de Almas, meu Amado!

E, enquanto o piano a doce queixa exala,  
Divina e triste, a grande sombra loira,  
Vem para mim da escuridão da sala ...

## *ESCRAVA*

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,  
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,  
Fala da minha boca a palpitar,  
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propício o astro e a flor,  
Que a teus pés se incline a terra e o mar,  
P'los séculos dos séculos sem par,  
Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,  
E, de mãos postas, em sentida prece,  
Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, esse verso imenso de ansiedade,  
Esse verso de amor que te fizesse  
Ser eterno por toda a Eternidade! ...

## *O MEU DESEJO*

Vejo-te só a ti no azul dos céus,  
Olhando a nuvem de oiro que flutua.  
Ó minha perfeição que criou Deus  
E que num dia lindo me fez sua!

Nos vultos que diviso pela rua,  
Que cruzam os seus passos com os meus...  
Minha boca tem fome só da tua!  
Meus olhos têm sede só dos teus!

Sombra da tua sombra, doce e calma,  
Sou a grande quimera da tua alma  
E, sem viver, ando a viver contigo...

Deixa-me andar assim no teu caminho  
Por toda a vida, Amor, devagarinho,  
Até a morte me levar consigo...

## *O MAIOR BEM*

Este querer-te bem sem me querereres,  
Este sofrer por ti constantemente,  
Andar atrás de ti sem tu me veres  
Faria piedade a toda a gente.

Mesmo a beijar-me a tua boca mente...  
Quantos sangrentos beijos de mulheres  
Poisa na minha a tua boca ardente,  
E quanto engano nos seus vãos dizeres! ...

Mas que me importa a mim que me não queiras.  
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,  
Este misero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdéns,  
É, na vida, o mais alto dos meus bens?  
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

## *ESQUECIMENTO*

Esse de quem eu era e que era meu,  
Que foi um sonho e foi realidade  
Que me vestiu a alma de saudade,  
Para sempre de mim desapar'ceu.

Tudo em redor então escureceu,  
E foi longínqua toda a claridade!  
Ceguei,... tateio sombras... Que ansiedade!  
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro.  
A sombra dos meus olhos, a escurecer...  
Veste de roxo e negro os crisântemos...

E desse que era meu já me não lembro...  
Ah, a doce agonia de esquecer  
A lembrar doidamente o que esquecemos!

## *A VIDA*

É vão o amor, o ódio, ou o desdém;  
Inútil o desejo e o sentimento...  
Lançar um grande amor aos pés de alguém  
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo «Pedro Sem»,  
Uma alegria é feita dum tormento,  
Um riso é sempre o eco dum lamento,  
Sabe-se lá um beijo de onde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...  
Uma saudade morta em nós renasce  
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia.  
A gente esquece sempre o bem de um dia.  
Que queres, meu Amor, se é isto a vida!

## *AMOR QUE MORRE*

O nosso amor morreu... Quem o diria!  
Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta,  
Ceguinha de te ver, sem ver a conta  
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...  
E outro clarão, ao longe, já desponta!  
Um engano que morre... e logo aponta  
A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que pra viver  
São precisos amores, pra morrer,  
E são precisos sonhos para partir.

E bem sei, meu Amor, que era preciso  
Fazer do amor que parte o claro riso  
De outro amor impossível que há-de vir!

## *NOSTALGIA*

Nesse País de lenda, que me encanta,  
Ficaram meus brocados, que despi,  
E as jóias que p'las aias reparti  
Como outras rosas de Rainha Santa!

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!  
Foi por lá que as semeiei e que as perdi...  
Mostrem-se esse País onde eu nasci!  
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

Ó meu País de sonho e de ansiedade,  
Não sei se esta quimera que me assombra,  
É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...  
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra  
Por entre tanta sombra igual a mim!

## *A UM LIVRO*

No silêncio de cinzas do meu Ser  
Agita-se uma sombra de cipreste,  
Sombra roubada ao livro que ando a ler,  
A esse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquele que escreveste,  
Artista da saudade e do sofrer!  
Estranho livro aquele em que puseste  
Tudo o que sinto, sem poder dizer!

Leio-o, e folheio, assim, toda a minh'alma!  
O livro que me deste é meu, e salma  
As orações que choro e rio e canto! ...

Poeta igual a mim, ai quem me dera  
Dizer o que tu dizes! ... Quem soubera  
Velar a minha Dor desse teu manto! ...

## *ALMA PERDIDA*

Toda esta noite o rouxinol chorou,  
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!  
Alma de rouxinol, alma de gente,  
Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,  
Que se fundiu na Dor, suavemente...  
Talvez sejas a alma, a alma doente  
D'alguém que quis amar e nunca amou!

Toda a noite choraste... e eu chorei  
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei  
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,  
Que eu pensei que eras tu a minh'alma  
Que chorasse perdida em tua voz! ...

## *PARA QUÊ?!*

Tudo é vaidade neste mundo vão...  
Tudo é tristeza, tudo é pó, é nada!  
E mal desponta em nós a madrugada,  
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção  
Que o nosso peito ri à gargalhada,  
Flor que é nascida e logo desfolhada,  
Pétalas que se pisam pelo chão! ...

Beijos de amor! Pra quê?! ... Tristes vaidades!  
Sonhos que logo são realidades,  
Que nos deixam a alma como morta!

Só neles acredita quem é louca!  
Beijos de amor que vão de boca em boca,  
Como pobres que vão de porta em porta! ...

## *QUE IMPORTA?...*

Eu era a desdenhosa, a indiferente.  
Nunca sentira em mim o coração  
Bater em violências de paixão,  
Como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,  
Sem sombra de desejo ou de emoção,  
Enquanto as asas loiras da ilusão  
Abrem dentro de mim ao sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;  
Como nascida em carinhoso monte,  
Toda ela é riso, e é frescura e graça!

Nela refresca a boca um só instante...  
Que importa?... se o cansado viandante  
Bebe em todas as fontes... quando passa?...

## *CARAVELAS*

Cheguei a meio da vida já cansada  
De tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi  
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.  
E as torres de marfim que construí  
Em trágica loucura as destruí  
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar morto:  
Mar sem marés, sem vagas e sem porto  
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...  
Ai quem me dera as que eu deitei ao Mar!  
As que eu lancei à vida, e não voltaram! ...

## *INCONSTÂNCIA*

Procurei o amor, que me mentiu.  
Pedi à Vida mais do que ela dava;  
Eterna sonhadora edificava  
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
E tanto beijo a boca me queimava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...  
Atrás do sol dum dia outro a aquecer  
As brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo  
É igual a outro amor que vai surgindo,  
Que há-de partir também... nem eu sei quando...

## *CONTO DE FADAS*

Eu trago-te nas mãos o esquecimento  
Das horas más que tens vivido, Amor!  
E para as tuas chagas o unguento  
Com que sarei a minha própria dor.

Os meus gestos são ondas de Sorrento...  
Trago no nome as letras de uma flor...  
Foi dos meus olhos garços que um pintor  
Tirou a luz para pintar o vento...

Dou-te o que tenho: o astro que dormita,  
O manto dos crepúsculos da tarde,  
O sol que é de oiro, a onda que palpita.

Dou-te, comigo, o mundo que Deus fez!  
— Eu sou Aquela de quem tens saudade,  
A princesa do conto: «Era uma vez... »

## *ANGÚSTIA*

Tortura do pensar! Triste lamento!  
Quem nos dera calar a tua voz!  
Quem nos dera cá dentro, muito a sós,  
Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar! ... e o pensamento  
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...  
Querer apagar no céu — ó sonho atroz! —  
O brilho duma estrela com o vento! ...

E não se apaga, não... nada se apaga!  
Vem sempre rastejando como a vaga...  
Vem sempre perguntando: “O que te resta?... ”

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!  
Ser pedaço de gelo, ser granito,  
Ser rugido de tigre na floresta

## *A MINHA TRAGÉDIA*

Tenho ódio à luz e raiva à claridade  
Do sol, alegre, quente, na subida.  
Parece que minh'alma é perseguida  
Por um carrasco cheio de maldade!

Ó minha vã, inútil mocidade,  
Trazes-me embriagada, entontecida! ...  
Duns beijos que me deste noutra vida,  
Trago em meus lábios roxos, a saudade! ...

Eu não gosto do sol, eu tenho medo  
Que me leiam nos olhos o segredo  
De não amar ninguém, de ser assim!

Gosto da Noite imensa, triste, preta,  
Como esta estranha e doida borboleta  
Que eu sinto sempre a voltejar em mim! ...

## *LÁGRIMAS OCULTAS*

Se me ponho a cismar em outras eras  
Em que ri e cantei, em que era querida,  
Parece-me que foi noutras esferas,  
Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste boca dolorida,  
Que dantes tinha o rir das primaveras,  
Esbate as linhas graves e severas  
E cai num abandono de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago...  
Tomo a brandura plácida dum lago  
O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,  
Ninguém as vê brotar dentro da alma!  
Ninguém as vê cair dentro de mim!

## ***PEQUENINA***

*À Maria Helena Falcão Risques*

És pequenina e ris... A boca breve  
É um pequeno idílio cor-de-rosa...  
Haste de lírio frágil e mimoso!  
Cofre de beijos feito sonho e neve...

Doce quimera que a nossa alma deve  
Ao Céu que assim te fez tão graciosa!  
Que nesta vida amarga e tormentosa  
Te fez nascer como um perfume leve!

O ver o teu olhar faz bem à gente...  
E cheira e sabe, a nossa boca, a flores  
Quando o teu nome diz, suavemente...

Pequenina que a Mãe de Deus sonhou,  
Que ela afaste de ti aquelas dores  
Que fizeram de mim isto que sou!

## *ESPERA...*

Não me digas adeus, ó sombra amiga,  
Abranda mais o ritmo dos teus passos;  
Sente o perfume da paixão antiga,  
Dos nossos bons e cândidos abraços!

Sou a dona dos místicos cansaços,  
A fantástica e estranha rapariga  
Que um dia ficou presa nos teus braços...  
Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Teu amor fez de mim um lago triste:  
Quantas ondas a rir que não lhe ouviste,  
Quanta canção de ondinas lá no fundo!

Espera... espera... ó minha sombra amada...  
Vê que pra além de mim já não há nada  
E nunca mais me encontras neste mundo! ...

## *NEURASTENIA*

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!  
Um sino dobra em mim Ave-Marias!  
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,  
Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desgrenhado chora e reza  
Por alma dos que estão nas agonias!  
E flocos de neve, aves brancas, frias,  
Batem as asas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?!  
Vento... tenho saudades! Mas de quê?!  
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!  
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso! ! ...

## ***O MEU MAL***

*A meu irmão*

Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,  
Eu sei o nome ao meu estranho mal:  
Eu sei que fui a renda dum vitral,  
Que fui cipreste, e caravela, e dor!

Fui tudo que no mundo há de maior,  
Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!  
Eu fui, talvez, um verso de Nerval,  
Ou um cínico riso de Chanfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,  
Deram as minhas mãos aroma aos nardos...  
Deu cor ao aloendro a minha boca...

Ah! De Boabdil fui lágrima na Espanha!  
E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha!  
Mágoa não sei de quê! Saudade louca!

## ***FRIEZA***

Os teus olhos são frios como espadas,  
E claros como os trágicos punhais;  
Têm brilhos cortantes de metais  
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas  
De abandonos cruéis e desleais,  
Fantásticos desejos irreais,  
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,  
Que viver neste mundo sem amar  
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!  
E quanta vez dirás a soluçar:  
“Ah! Quem me dera, Irmã, amar assim! ... ”

## *RUÍNAS*

Se é sempre Outono o rir das primaveras,  
Castelos, um a um, deixa-os cair...  
Que a vida é um constante derruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

E deixa sobre as ruínas crescer heras.  
Deixa-as beijar as pedras e florir!  
Que a vida é um contínuo destruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!  
Tenho ainda mais sonhos para erguê-los  
Mais altos do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!  
São como os beijos duma linda boca!  
Sonhos! ... Deixa-os tombar... deixa-os tombar...

## *CINZENTO*

Poeiras de crepúsculos cinzentos.  
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,  
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços,  
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,  
Devagarinho, em misteriosos passos...  
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...  
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,  
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,  
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que teu olhar me deslumbrou...  
Hora em que a tua boca me beijou...  
Hora em que fumo e névoa te tornaste...

## *MOCIDADE*

A mocidade esplêndida, vibrante,  
Ardente, extraordinária, audaciosa,  
Que vê num cardo a folha duma rosa,  
Na gota de água o brilho dum diamante;

Essa que fez de mim Judeu Errante  
Do espírito, a torrente caudalosa,  
Dos vendavais irmã tempestuosa,  
— Trago-a em mim vermelha, triunfante!

No meu sangue rubis correm dispersos:  
— Chamas subindo ao alto nos meus versos,  
Papoilas nos meus lábios a florir!

Ama-me doida, estonteadoramente,  
Ó meu Amor! que o coração da gente  
É tão pequeno... e a vida, água a fugir...

## *NÃO SER*

Quem me dera voltar à inocência  
Das coisas brutas, sãs, inanimadas,  
Despir o vão orgulho, a incoerência:  
— Mantos rotos de estátuas mutiladas!

Ah! Arrancar às carnes laceradas  
Seu mísero segredo de consciência!  
Ah! Poder ser apenas florescência  
De astros em puras noites deslumbradas!

Ser nostálgico choupo ao entardecer,  
De ramos graves, plácidos, absortos  
Na mágica tarefa de viver!

Ser haste, seiva, ramaria inquieta,  
Erguer ao sol o coração dos mortos  
Na urna de oiro de uma flor aberta! ...

## *VOZ QUE SE CALA*

Amo as pedras, os astros e o luar  
Que beija as ervas do atalho escuro,  
Amo as águas de anil e o doce olhar  
Dos animais, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro  
E dos sapos, o brando tilintar  
De cristais que se afagam devagar,  
E da minha charneca o rosto duro.

Amo todos os sonhos que se calam  
De corações que sentem e não falam,  
Tudo o que é Infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!  
Solução imenso, eterno, que é a voz  
Do nosso grande e mísero Destino! ...

## *POETAS*

Ai as almas dos poetas  
Não as entende ninguém;  
São almas de violetas  
Que são poetas também.

Andam perdidas na vida,  
Como as estrelas no ar;  
Sentem o vento gemer  
Ouvem as rosas chorar!

Só quem embala no peito  
Dores amargas e secretas  
É que em noites de luar  
Pode entender os poetas

E eu que arrasto amarguras  
Que nunca arrastou ninguém  
Tenho alma para sentir  
A dos poetas também!

## ***OS VERSOS QUE TE FIZ***

Deixe dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem pra te dizer!  
São talhados em mármore de Paros  
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Tem dolência de veludo caros,  
São como sedas pálidas a arder...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não te digo ainda...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz.

## *SONHOS*

Ter um sonho, um sonho lindo,  
Noite branda de luar,  
Que se sonhasse a sorrir...  
Que se sonhasse a chorar...

Ter um sonho, que nos fosse  
A vida, a luz, o alento,  
Que a sonhar beijasse doce  
A nossa boca... um lamento...

Ser pra nós o guia, o norte,  
Na vida o único trilho;  
E depois ver vir a morte

Despedaçar esses laços! ...  
É pior que ter um filho  
Que nos morresse nos braços!

## *BLASFÊMIA*

Cala-te... Escuta... Não me digas nada...  
Cai a noite nos longes donde vim...  
Toda eu sou alma e amor! Sou um jardim!  
Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios, a sombra enluarada,  
Quando os teus olhos descem sobre mim,  
Traça trémulas hastes de jasmim  
Na palidez da face extasiada!

Sou no teu rosto a luz que o alumia...  
Sou a expressão das tuas mãos de raça...  
E os beijos que me dás já foram meus...

Em ti sou glória, altura e poesia!  
E vejo-me (Oh, milagre cheio de graça! )  
Dentro de ti, em ti, igual a Deus!

## *ESCREVE-ME ...*

Escreve-me! Ainda que seja só  
Uma palavra, uma palavra apenas,  
Suave como o teu nome e casta  
Como um perfume casto d'açucenas!

Escreve-me! Há tanto, há tanto tempo  
Que te não vejo, amor! Meu coração  
Morreu já, e no mundo aos pobres mortos  
Ninguém nega uma frase d'oração!

“Amo-te! ” Cinco letras pequeninas,  
Folhas leves e tenras de boninas,  
Um poema d'amor e felicidade!

Não queres mandar-me esta palavra apenas?  
Olha, manda então... brandas... serenas...  
Cinco pétalas roxas de saudade...

## *EXALTAÇÃO*

Viver! ... Beber o vento e o sol! ... Erguer  
Ao Céu os corações a palpitar!  
Deus fez os nossos braços pra prender,  
E a boca fez-se sangue pra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto, a arder! ...  
Asas sempre perdidas a pairar,  
Mais alto para as estrelas desprender! ...  
A glória! ... A fama! ... O orgulho de criar! ...

Da vida tenho o mel e tenho os travos  
No lago dos meus olhos de violetas,  
Nos meus beijos extáticos, pagãos! ...

Trago na boca o coração dos cravos!  
Boémios, vagabundos, e poetas:  
— Como eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos! ...

## *MINHA CULPA*

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem  
Quem sou? Um fogo-fátuo, uma miragem...  
Sou um reflexo... um canto de paisagem  
Ou apenas cenário! Um vaivém

Como a sorte: hoje aqui, depois além!  
Sei lá quem sou? Sei lá! Sou a roupagem  
De um doido que partiu numa romagem  
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem! ...

Sou um verme que um dia quis ser astro...  
Uma estátua truncada de alabastro. .  
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,  
Num mundo de maldades e pecados,  
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

## *TÉDIO*

Passo pálida e triste. Oiço dizer  
“Que branca que ela é! Parece morta! ”  
E eu que vou sonhando, vaga, absorta,  
Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!  
— O que é que isso me faz?... o que me importa?...  
O frio que trago dentro gela e corta  
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que isso me importa?! Essa tristeza  
É menos dor intensa que frieza,  
É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente...  
O mesmo lago plácido, dormente dias,  
E os dias, sempre os mesmos, a correr...

## *VOLÚPIA*

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frémito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...  
A névem que arrastou o vento norte...  
— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente, em voluptuosas danças...

# *É UM NÃO QUERER MAIS QUE BEM QUERER*

## I

Gosto de ti apaixonadamente,  
De ti que és a vitória, a salvação,  
De ti que me trouxeste pela mão  
Até ao brilho desta chama quente.

A tua linda voz de água corrente  
Ensinou-me a cantar... e essa canção  
Foi ritmo nos meus versos de paixão,  
Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,  
Da noite negra o mágico farol,  
Cravos rubros a arder numa fogueira.

E eu, que era neste mundo uma vencida,  
Ergo a cabeça ao alto, encaro o Sol!  
— Águia real, apontas-me a subida!

## II

Meu amor, meu Amado, vê... repara:  
Pousa os teus lindos olhos de oiro em mim,  
— Dos meus beijos de amor Deus fez-me avara  
Para nunca os contares até ao fim.

Meus olhos têm tons de pedra rara  
— É só para teu bem que os tenho assim —  
E as minhas mãos são fontes de água clara  
A cantar sobre a sede dum jardim.

Sou triste como a folha ao abandono  
Num parque solitário, pelo Outono,  
Sobre um lago onde vogam nenufares...

Deus fez-me atravessar o teu caminho...  
— Que contas dás a Deus indo sozinho,  
Passando junto a mim, sem me encontrares?

### III

Frémido do meu corpo a procurar-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,  
Sede de beijos, amargor de fel,  
Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,  
Vai boiando ao acaso das correntes,  
Esquife negro sobre um mar de chamas

## IV

És tu! És tu! Sempre vieste, enfim!  
Oíço de novo o riso dos teus passos!  
És tu que eu vejo a estender-me os braços  
Que Deus criou pra me abraçar a mim!

Tudo é divino e santo visto assim...  
Foram-se os desalentos, os cansaços...  
O mundo não é mundo: é um jardim!  
Um céu aberto: longes, os espaços!

Prende-me toda, Amor, prende-me bem!  
Que vês tu em redor? Não há ninguém!  
A Terra? — Um astro morto que flutua...

Tudo o que é chama a arder, tudo o que sente,  
Tudo o que é vida e vibra eternamente  
É tu seres meu, Amor, e eu ser tua!

## V

Dize-me, Amor, como te sou querida,  
Conta-me a glória do teu sonho eleito,  
Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,  
Arranca-me dos pântanos da vida.

Embriagada numa estranha lida,  
Trago nas mãos o coração desfeito.  
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito  
Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo,  
Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,  
Agonia sem fé dum moribundo,

Grito o teu nome, numa sede estranha,  
Como se fosse, Amor, toda a frescura  
Das cristalinas águas da montanha!

## VI

Falo de ti às pedras das estradas,  
E ao sol que é loiro como o teu olhar,  
Falo ao rio, que desdobra a faiscar,  
Vestidos de Princesas e de Fadas;

Falo às gaivotas de asas desdobradas,  
Lembrando lenços brancos a acenar,  
E aos mastros que apunham o luar  
Na solidão das noites consteladas;

Digo os anseios, os sonhos, os desejos  
De onde a tua alma, tonta de vitória,  
Levanta ao céus a torre dos meus beijos!

E os meus gritos de amor, cruzando o espaço,  
Sobre os brocados fúlgidos da glória,  
São astros que me tombam do regaço!

## VII

São mortos os que nunca acreditaram  
Que esta vida é somente uma passagem,  
Um atalho sombrio, uma paisagem  
Onde os nossos sentidos se pousaram.

São mortos os que nunca alevantaram  
De entre escombros e Torre de Menagem  
Dos seus sonhos de orgulho e de coragem,  
E os que não riram e os que não choraram.

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,  
Quando eu partir para o País da Luz,  
A sombra calma de um entardecer,

Tombando, em doces pregas de mortalha,  
Sobre o teu corpo heróico, posto em cruz,  
Na solidão dum campo de batalha!

## VIII

Abrir os olhos, procurar a luz,  
De coração erguido no alto, em chama,  
Que tudo neste mundo se reduz  
A ver os astros cintilar na lama!

Amar o sol da glória e a voz da fama  
Que em clamorosos gritos se traduz!  
Com misericórdia, amar quem nos não ama,  
E deixar que nos preguem numa cruz!

Sobre um sonho desfeito erguer a torre  
Doutro sonho mais alto e, se esse morre,  
Mais outro e outro ainda, toda a vida!

Que importa que nos vençam desenganos,  
Se pudermos contar os nossos anos  
Assim como degraus duma subida?

## IX

Perdi os meu fantásticos castelos  
Como névoa distante que se esfuma...  
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:  
Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre gelos  
Que se afundaram sobre um mar de bruma...  
— Tantos escolhos! Quem podia vê-los?  
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,  
A minha cota de aço, o meu corcel,  
Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...  
Sobre o meu coração pesam montanhas...  
Olho assombrada as minhas mãos vazias...

## X

Eu queria mais altas as estrelas,  
Mais largo o espaço, o Sol mais criador,  
Mais refulgente a Lua, o mar maior,  
Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas  
Das almas, mais rosais a abrir em flor,  
Mais montanhas, mais asas de condor,  
Mais sangue sobre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida:  
— Quanto mais funda e lúgubre a descida,  
Mais alta é a ladeira que não cansa!

E, acabada a tarefa... em paz, contente,  
Um dia adormecer, serenamente,  
Como dorme no berço uma criança!

## *SONHO VAGO*

Um sonho alado que nasceu um instante,  
Erguido ao alto em horas de demência...  
Gotas de água que tombam em cadência  
Na minh'alma tristíssima, distante...

Onde está ele, o Desejado? O Infante?  
O que há-de vir e amar-me em doida ardência?  
O das horas de mágoa e penitência?  
O Príncipe Encantado? O Eleito? O Amante?

E neste sonho eu já nem sei quem sou...  
O brando marulhar dum longo beijo  
Que não chegou a dar-se e que passou...

Um fogo-fátuo rútilo, talvez...  
E eu ando a procurar-te e já te vejo!  
E tu já me encontraste e não me vês! ...

## *ANSEIOS*

Meu doido coração aonde vais,  
No teu imenso anseio de liberdade?  
Toma cautela com a realidade;  
Meu pobre coração olha que cais!

Deixa-te estar quietinho! Não amais  
A doce quietação da soledade?  
Tuas lindas quimeras irreais,  
Não valem o prazer duma saudade!

Tu chamas ao meu seio, negra prisão!  
Ai, vê lá bem, ó doido coração,  
Não te deslumbre o brilho do luar!

Não 'stendas tuas asas para o longe  
Deixa-te estar quietinho, triste monge,  
Na paz da tua cela, a soluçar.

## *LANGUIDEZ*

Tardes da minha terra, doce encanto,  
Tardes de uma pureza de açucenas,  
Tardes de sonho, as tardes de novenas,  
Tardes de Portugal, as tardes de Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!  
Horas benditas, leves como penas,  
Horas de fumo e cinza, horas serenas,  
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,  
Que poisam sobre duas violetas,  
Asasavas cansadas de voar...

E a minha boca tem uns beijos mudos...  
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,  
Traçam gestos de sonho pelo ar...

## *ÁRVORES DO ALENTEJO*

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte  
A planície é um brasido e, torturadas,  
As árvores sangrentas, revoltadas,  
Gritam a Deus a benção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte  
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,  
Esfíngicas, recortam desgrenhadas  
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,  
Almas iguais à minha, almas que imploram  
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:  
— Também ando a gritar, morta de sede,  
Pedindo a Deus a minha gota de água!

## ***BALADA***

Amei-te muito, e eu creio que me quiseste  
Também por um instante nesse dia  
Em que tão docemente me disseste  
Que amavas ‘ma mulher que o não sabia.

Amei-te muito, muito! Tão risonho  
Aquele dia foi, aquela tarde!...  
E morreu como morre todo o sonho  
Deixando atrás de si só a saudade! ...

E na taça do amor, a ambrosia  
Da quimera bebi aquele dia  
A tragos bons, profundos, a cantar...

O meu sonho morreu... Que desgraçada!  
E como o rei de Thule da balada  
Deitei também a minha taça ao mar ...

## **A Mensageira das Violetas, de Florbela Espanca**

### **Fonte:**

ESPANCA, Florbela. *A mensageira das violetas*: antologia. Seleção e edição de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999. (Pocket).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Luciana Peixoto Silva – Divinópolis/MG

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **A MENSAGEIRA DAS VIOLETAS Florbela Espanca**

### **CRISÂNTEMOS**

Sombrios mensageiros das violetas,  
De longas e revoltas cabeleiras;  
Branco, sois o casto olhar das virgens  
Pálidas que ao luar, sonham nas eiras.  
Vermelhos, gargalhadas triunfantes,  
Lábios quentes de sonhos e desejos,  
Carícias sensuais d'amor e gozo;  
Crisântemos de sangue, vós sois beijos!  
Os amarelos riem amarguras,  
Os roxos dizem prantos e torturas,  
Há-os também cor de fogo, sensuais...  
Eu amo os crisântemos misteriosos  
Por serem lindos, tristes e mimosos,  
Por ser a flor de que tu gostas mais!

### **NO HOSPITAL**

*À Théa*

Na vasta enfermaria ela repousa  
Tão branca como a orla do lençol  
Gorjeia a sua voz ternos perfumes  
Como no bosque à noite o rouxinol.  
É delicada e triste. O seu corpito  
Tem o perfume casto da verbena.  
Não são mais brancas as magnólias brancas  
Que a sua boca tão branca e pequena.  
Ouço dizer: - Seu rosto faz sonhar!  
Serão pétalas de rosa ou de luar?  
Talvez a neve que chorou o inverno...  
Mas vendo-a assim tão branca, penso eu:  
É um astro cansado, que do céu

Veio repousar nas trevas dum inferno!

## VULCÕES

Tudo é frio e gelado. O gume dum punhal  
Não tem a lividez sinistra da montanha  
Quando a noite a inunda dum manto sem igual  
De neve branca e fria onde o luar se banha.  
No entanto que fogo, que lavas, a montanha  
Oculta no seu seio de lividez fatal!  
Tudo é quente lá dentro...e que paixão tamanha  
A fria neve envolve em seu vestido ideal!  
No gelo da indiferença ocultam-se as paixões  
Como no gelo frio do cume da montanha  
Se oculta a lava quente do seio dos vulcões...  
Assim quando eu te falo alegre, friamente,  
Sem um tremor de voz, mal sabes tu que estranha  
Paixão palpita e rugem em mim doida e fremente!

## O MEU ALENTEJO

Meio-dia. O sol a prumo cai ardente,  
Dourando tudo...ondeiam nos trigais  
D'ouro fulvo, de leve...docemente...  
As papoulas sangrentas, sensuais...  
Andam asas no ar; e raparigas,  
Flores desabrochadas em canteiros,  
Mostram por entre o ouro das espigas  
Os perfis delicados e trigueiros...  
Tudo é tranqüilo, e casto, e sonhador...  
Olhando esta paisagem que é uma tela  
De Deus, eu penso então: onde há pintor,  
Onde há artista de saber profundo,  
Que possa imaginar coisa mais bela,  
Mais delicada e linda neste mundo?!

## PAISAGEM

Uns bezerritos bebem lentamente  
Na tranqüila levada do moinho.  
Perpassa nos seus olhos, vagamente,  
A sombra duma alma cor do linho!  
Junto deles um par. Naturalmente  
Namorados ou noivos. De mansinho  
Soltam frases d'amor...e docemente  
Uma criança canta no caminho!  
Um trecho de paisagem campesina,  
Uma tela suave, pequenina,  
Um pedaço de terra sem igual!  
Oh, abre-me em teu seio a sepultura,  
Minha terra d'amor e de ventura,  
Ó meu amado e lindo Portugal!

## VOZES DO MAR

Quando o sol vai caindo sob as águas  
Num nervoso delíquio d'ouro intenso,  
Donde vem essa voz cheia de mágoas

Com que falas à terra, ó mar imenso?  
Tu falas de festins, e cavalgadas  
De cavaleiros errantes ao luar?  
Falas de caravelas encantadas  
Que dormem em teu seio a soluçar?  
Tens cantos d'epopéias? Tens anseios  
D'amarguras? Tu tens também receios,  
Ó mar cheio de esperança e majestade?!  
Donde vem essa voz, ó mar amigo?...  
...Talvez a voz do Portugal antigo,  
Chamando por Camões numa saudade!

#### CRAVOS VERMELHOS

Bocas rubras de chama a palpitar,  
Onde fostes buscar a cor, o tom,  
Esse perfume doido a esvoaçar,  
Esse perfume capitoso e bom?!  
Sois volúpias em flor! Ó gargalhadas  
Doidas de luz, ó almas feitas risos!  
Donde vem essa cor, ó desvairadas,  
Lindas flores d'esculturais sorrisos?!  
...Bem sei vosso segredo...Um rouxinol  
Que vos viu nascer, ó flores do mal  
Disse-me agora: "Uma manhã, o sol,  
O sol vermelho e quente como estriga  
De fogo, o sol do céu de Portugal  
Beijou a boca a uma rapariga..."

#### ANSEIOS

*À minha Júlia*

Meu doido coração aonde vais,  
No teu imenso anseio de liberdade?  
Toma cautela com a realidade;  
Meu pobre coração olha cais!  
Deixa-te estar quietinho! Não amais  
A doce quietação da soledade?  
Tuas lindas quimeras irreais  
Não valem o prazer duma saudade!  
Tu chamas ao meu seio, negra prisão!...  
Ai, vê lá bem, ó doido coração,  
Não te deslumbre o brilho do luar!  
Não 'stendas tuas asas para o longe...  
Deixa-te estar quietinho, triste monge,  
Na paz da tua cela, a soluçar!...

#### A ANTO!

Poeta da saudade, ó meu poeta qu'rido  
Que a morte arrebatou em seu sorrir fatal,  
Ao escrever o *Só* pensaste enternecido  
Que era o mais triste livro deste Portugal,

Pensaste nos que liam esse teu missal,  
Tua bíblia de dor, teu chorar sentido  
Temeste que esse altar pudesse fazer mal  
Aos que comungam nele a soluçar contigo!

Ó Anto! Eu adoro os teus estranhos versos,  
Soluços que eu uni e que senti dispersos  
Por todo o livro triste! Achei teu coração...  
Amo-te como não te quis nunca ninguém,  
Como se eu fosse, ó Anto, a tua própria mãe  
Beijando-te já frio no fundo do caixão!

#### NOITE TRÁGICA

O pavor e a angústia andam dançando...  
Um sino grita endechas de poentes...  
Na meia-noite d'hoje, soluçando,  
Que presságios sinistros e dolentes!...  
Tenho medo da noite!... Padre nosso  
Que estais no céu... O que minh'alma teme!  
Tenho medo da noite!... Que alvoroço  
Anda nesta alma enquanto o sino geme!  
Jesus! Jesus, que noite imensa e triste!  
A quanta dor a nossa dor resiste  
Em noite assim que a própria dor parece...  
Ó noite imensa, ó noite do Calvário,  
Leva contigo envolto no sudário  
Da tua dor a dor que me não 'squece!

#### ERRANTE

Meu coração da cor dos rubros vinhos  
Rasga a mortalha do meu peito brando  
E vai fugindo, e tonto vai andando  
A perder-se nas brumas dos caminhos.  
Meu coração o místico profeta,  
O paladino audaz da desventura,  
Que sonha ser um santo e um poeta,  
Vai procurar o Paço da Ventura...  
Meu coração não chega lá decerto...  
Não conhece o caminho nem o trilho,  
Nem há memória desse sítio incerto...  
Eu tecerei uns sonhos irreais...  
Como essa mãe que viu partir o filho,  
Como esse filho que não voltou mais!

#### CEGUEIRA BENDITA

Ando perdida nestes sonhos verdes  
De ter nascido e não saber quem sou,  
Ando ceguinha a tatear paredes  
E nem ao menos sei quem me cegou!  
Não vejo nada, tudo é morto e vago...  
E a minha alma cega, ao abandono  
Faz-me lembrar o nenúfar dum lago  
'Stendendo as asas brancas cor do sonho...  
Ter dentro d'alma na luz de todo o mundo  
E não ver nada nesse mar sem fundo,  
Poetas meus irmãos, que triste sorte!...  
E chamam-nos a nós Iluminados!  
Pobres cegos sem culpas, sem pecados,  
A sofrer pelos outros té à morte!

## JUNQUILHOS...

Nessa tarde mimosa de saudade  
Em que eu te vi partir, ó meu amor,  
Levaste-me a minh'alma apaixonada  
Nas folhas perfumadas duma flor.  
E como a alma, dessa florzita,  
Que é minha, por ti palpita amante!  
Oh alma doce, pequenina e branca,  
Conserva o teu perfume estonteante!  
Quando fores velha, emurhecida e triste,  
Recorda ao meu amor, com teu perfume  
A paixão que deixou e qu'inda existe...  
Ai, dize-lhe que se lembre dessa tarde,  
Que venha aquecer-se ao brando lume  
Dos meus olhos que morrem de saudade!

## MENTIRAS

*Ai quem me dera uma feliz mentira  
que fosse uma verdade para mim!*  
J. DANTAS

Tu julgas que eu não sei que tu me mentes  
Quando o teu doce olhar pousa no meu?  
Pois julgas que eu não sei o que tu sentes?  
Qual a imagem que alberga o peito meu?  
Ai, se o sei, meu amor! Em bem distingo  
O bom sonho da feroz realidade...  
Não palpita d'amor, um coração  
Que anda vogando em ondas de saudade!  
Embora mintas bem, não te acredito;  
Perpassa nos teus olhos desleais  
O gelo do teu peito de granito...  
Mas finjo-me enganada, meu encanto,  
Que um engano feliz vale bem mais  
Que um desengano que nos custa tanto!

## AOS OLHOS DELE

Não acredito em nada. As minhas crenças  
Voaram como voa a pomba mansa,  
Pelo azul do ar. E assim fugiram o  
As minhas doces crenças de criança.  
Fiquei então sem fê; e a toda gente  
Eu digo sempre, embora magoada:  
Não acredito em Deus e a Virgem Santa  
É uma ilusão apenas e mais nada!  
Mas avisto os teus olhos, meu amor,  
Duma luz suavíssima de dor...  
E grito então ao ver esses dois céus:  
Eu creio, sim, eu creio na Virgem Santa  
Que criou esse brilho que m'encanta!  
Eu creio, sim, creio, eu creio em Deus!

## DOCE CERTEZA

Por essa vida fora hás-de adorar  
Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,  
Em infinito anseio hás de beijar

Estrelas d'ouro fulgindo em muita boca!  
Hás de guardar em cofre perfumado  
Cabelos d'ouro e risos de mulher,  
Muito beijo d'amor apaixonado;  
E não te lembrarás de mim sequer...  
Hás de tecer uns sonhos delicados...  
Hão de por muitos olhos magoados,  
Os teus olhos de luz andar imersos!...  
Mas nunca encontrarás p'la vida fora,  
Amor assim como este amor que chora  
Neste beijo d'amor que são meus versos!...

#### VERSOS

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...  
Pedaços de sorriso, branca espuma,  
Gargalhadas de luz, cantos dispersos,  
Ou pétalas que caem uma a uma...  
Versos!... Sei lá! Um verso é o teu olhar,  
Um verso é o teu sorriso e os de Dante  
Eram o teu amor a soluçar  
Aos pés da sua estremecida amante!  
Meus versos!... Sei eu lá também que são...  
Sei lá! Sei lá!... Meu pobre coração  
Partido em mil pedaços são talvez...  
Versos! Versos! Sei lá o que são versos...  
Meus soluços de dor que andam dispersos  
Por este grande amor em que não crês...

#### À TUA PORTA HÁ UM PINHEIRO MANSO

À tua porta há um pinheiro manso  
De cabeça pendida, a meditar,  
Amor! Sou eu, talvez, a contemplar  
Os doces sete palmos do descanso.  
Sou eu que para ti atiro e lanço,  
Como um grito, meus ramos pelo ar,  
Sou eu que estendo os braços a chamar  
Meu sonho que se esvai e não alcanço.  
Eu que do sol filtro os ruivos brilhos  
Sobre as louras cabeças dos teus filhos  
Quando o meio-dia tomba sobre a serra...  
E, à noite, a sua voz dolente e vaga  
É o soluço da minha alma em chaga:  
Raiz morta de sede sob a terra!

#### A TUA VOZ DE PRIMAVERA

Manto de seda azul, o céu reflete  
Quanta alegria na minha alma vai!  
Tenho os meus lábios úmidos: tomai  
A flor e o mel que a vida nos promete!  
Sinfonia de luz meu corpo não repete  
O ritmo e a cor dum mesmo desejo... olhai!  
Iguala o sol que sempre às ondas cai,  
Sem que a visão dos poentes se complete!  
Meus pequeninos seios cor-de-rosa,  
Se os roça ou prende a tua mão nervosa,  
Têm a firmeza elástica dos gamos...

Para os teus beijos, sensual, flori!  
E amendoeira em flor, só ofereço os ramos,  
Só me exalto e sou linda para ti!

#### TRAZES-ME EM TUAS MÃOS DE VITORIOSO

Trazes-me em tuas mãos de vitorioso  
Todos os bens que a vida me negou,  
E todo um roseiral, a abrir, glorioso  
Que a solitária estrada perfumou.  
Neste meio-dia límpido, radioso,  
Sinto o teu coração que Deus talhou  
Num pedaço de bronze luminoso,  
Como um berço onde a vida me pousou.  
O silêncio, ao redor, é uma asa quieta...  
E a tua boca que sorri e anseia,  
Lembra um cálix de tulipa entreaberta...  
Cheira a ervas amargas, cheira a sândalo...  
E o meu corpo ondulante de sereia  
Dorme em teus braços másculos de vândalo...

EU...

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que alguém sonhou.  
Alguém que veio ao mundo pra me ver,  
E que nunca na vida me encontrou!

#### TORTURA

Tirar dentro do peito a emoção,  
A lúcida verdade, o sentimento!  
- E ser, depois de vir do coração,  
Um punhado de cinza esparsa ao vento!...  
Sonhar um verso d'alto pensamento,  
E puro como um ritmo d'oração!  
- E ser, depois de vir do coração,  
O pó, o nada, o sonho dum momento!...

São assim ocos, rudes, os meus versos:  
Rimas perdidas, vendavais dispersos,  
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,  
O verso altivo e forte, estranho e duro,  
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

## A MINHA DOR

*A você*

A minha dor é um convento ideal  
Cheio de claustros, sombras, arcarias,  
Aonde a pedra em convulsões sombrias  
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres d'agonias  
Ao gemer, comovidos, o seu mal...  
E todos têm sons de funeral  
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha dor é um convento. Há lírios  
Dum roxo macerado de mártírios,  
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,  
Noites e dias rezo e grito e choro!  
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

## A FLOR DO SONHO

A flor do sonho, alvíssima, divina  
Miraculosamente abriu em mim,  
Como se uma magnólia de cetim  
Fosse florir num muro todo em ruína.  
Pende em meu seio a haste branda e fina.  
E não posso entender como é que, enfim,  
Essa tão rara flor abriu assim!...  
Milagre... fantasia... ou talvez, sina....  
Ó flor, que em mim nasceste sem abrolhos,  
Que tem que sejam tristes os meus olhos  
Se eles são tristes pelo amor de ti?!...  
Desde que em mim nasceste em noite calma,  
Voou ao longe a asa da minh'alma  
E nunca, nunca mais eu me entendi...

## NOITE DE SAUDADE

A noite vem pousando devagar  
Sobre a terra que inunda de amargura...  
E nem sequer a bênção do luar  
A quis tornar divinamente pura...  
Ninguém vem atrás dela a acompanhar  
A sua dor que é cheia de tortura...  
E eu ouço a noite a soluçar!  
E eu ouço soluçar a noite escura!  
Por que é assim tão 'scura, assim tão triste?!  
É que, talvez, ó noite, em ti existe  
Uma saudade igual à que eu contendo!  
Saudade que eu nem sei donde me vem...  
Talvez de ti, ó noite!... Ou de ninguém!...  
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!

## AMIGA

Deixa-me ser a tua amiga, amor;  
A tua amiga só, já que não queres  
Que pelo teu amor seja a melhor  
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor  
O que me importa, a mim?! O que quiseses  
É sempre um sonho bom! Seja o que for  
Bendito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, amor, devagarinho...  
Como se os dois nascêssemos irmãos,  
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca  
Guardar assim, fechados, nestas mãos,  
Os beijos que sonhei pra minha boca!...

#### PARA QUÊ?!

Tudo é vaidade neste mundo vão...  
Tudo é tristeza; tudo é pó, é nada!  
E mal desponta em nós a madrugada,  
Vem logo a noite encher o coração!  
Até o amor nos mente, essa canção  
Que nosso peito ri `a gargalhada,  
Flor que é nascida e logo desfolhada,  
Pétalas que se pisam pelo chão!...  
Beijos d'amor? Pra quê?!... Tristes vaidades!  
Sonhos que logo são realidades,  
Que nos deixam a alma como morta!  
Só acredita neles quem é louca!  
Beijos d'amor que vão de boca em boca,  
Como pobres que vão de porta em porta!...

#### VELHINHA

Se os que me viram já cheia de graça  
Olharem bem de frente para mim,  
Talvez, cheios de dor, digam assim:  
"Já ela é velha! Como o tempo passa!..."

Não sei rir e cantar por mais que faça!  
Ó minhas mãos talhadas em marfim,  
Deixem esse fio de ouro que esvoaça!  
Deixem correr a vida até ao fim!

Tenho vinte e três anos! Sou velhinha!  
Tenho cabelos brancos e sou crente...  
Já murmuro orações... falo sozinha...

E o bando cor-de-rosa dos carinhos  
Que tu me fazes, olho-os indulgente,  
Como se fosse um bando de netinhos...

#### IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:  
"Parece Sexta-feira da Paixão.

Sempre a cismar, cismar, d'olhos no chão,  
Sempre a pensar na dor que não existe...  
O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!  
Faça por 'star contente! Pois então?!..."  
Quando se sofre, o que se diz é vão...  
Meu coração, tudo, calado ouviste...  
Os meus males ninguém mos adivinha...  
A minha dor não fala, anda sozinha...  
Disseste ela o que sente! Ai quem me dera!...  
Os males d'Anto toda a gente os sabe!  
Os meus...ninguém... A minha dor não cabe  
Nos cem milhões de versos que eu fizera!...

QUEM?...

Não sei quem és. Já não te vejo bem...  
E ouço-me dizer (ai, tanta vez!...)  
Sonho que um outro sonho me desfez?  
Fantasma de que amor? Sombra de quem?  
Névoa? Quimera? Fumo? Donde vem?...  
- Não sei se tu, amor, assim me vês!...  
Nossos olhos não são nossos, talvez...  
Assim, tu não és tu! Não és ninguém!...  
És tudo e não és nada... És a desgraça...  
És quem nem sequer vejo; és um que passa...  
És sorriso de Deus que não mereço...  
És aquele que vive e que morreu...  
És aquele que é quase um outro eu...  
És aquele que nem sequer conheço...

SEM PALAVRAS

Branças, suaves mãos de irmã  
Que são mais doces que as das rainhas,  
Hão de pousar em tuas mãos, as minhas  
Numa carícia transcendente e vã.  
E a tua boca a divinal manhã  
Que diz as frases com que me acarinhas,  
Há de pousar nas dolorosas linhas  
Da minha boca purpurina e sã.  
Meus olhos hão de olhar teus olhos tristes;  
Só eles te dirão que tu existes  
Dentro de mim num riso d'alvorada!  
E nunca se amará ninguém melhor;  
Tu calando de mim o teu amor,  
Sem que eu nunca do meu te diga nada!...

QUE IMPORTA?...

Eu era a desdenhosa, a indiferente.  
Nunca sentira em mim o coração  
Bater em violências de paixão,  
Como bate no peito à outra gente.  
Agora, olhas-me tu altivamente,  
Sem sombra de desejo ou de emoção,  
Enquanto as asas louras da ilusão  
Abrem dentro de mim ao sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;  
Como nascida em carinhoso monte,  
Toda ela é riso, e é frescura e graça!  
Nela refresca a boca um só instante...  
Que importa?... Se o cansado viandante  
Bebe em todas as fontes... quando passa?...

#### O MEU ORGULHO

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera  
Não lembrar! Em tardes dolorosas  
Lembro-me que fui a primavera  
Que em muros velhos faz nascer as rosas!  
As minhas mãos outrora carinhosas  
Pairavam como pombas... Quem soubera  
Por que tudo passou e foi quimera,  
E por que os muros velhos não dão rosas!  
São sempre os que eu recorro que me esquecem...  
Mas digo para mim: "Não me merecem..."  
E já não fico tão abandonada!  
Sinto que valho mais, mais pobrezinha:  
Que também é orgulho ser sozinha  
E também é nobreza não ter nada!

#### INCONSTÂNCIA

Procurei o amor, que me mentiu.  
Pedi à vida mais do que ela dava;  
Eterna sonhadora edificava  
Meu castelo de luz que me caiu!  
Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
E tanto beijo a boca me queimava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me fugiu!  
Passei a vida a amar e a esquecer...  
Atrás do sol dum dia outro a aquecer  
As brumas dos atalhos por onde ando...  
E este amor que assim me vai fugindo  
É igual a outro amor que vai surgindo,  
Que há-de partir também... nem eu sei quando...

#### O NOSSO MUNDO

Eu bebo a vida, a vida, a longos tragos  
Como um divino vinho de Falerno!  
Pousando em ti o meu olhar eterno  
Como pousam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...  
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...  
E a vida já não é o rubro inferno  
Todo fantasmas tristes e pressagos!

A vida, meu amor, quero vivê-la!  
Na mesma taça erguida em tuas mãos,  
Bocas unidas, hamos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...  
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...  
O mundo, amor! ... As nossas bocas juntas!...

#### ANOITECER

A luz desmaia num fulgor d'aurora,  
Diz-nos adeus religiosamente...  
E eu que não creio em nada, sou mais crente  
Do que em menina, um dia, o fui... outrora...  
Não sei o que em mim ri, o que em mim chora,  
Tenho bênçãos de amor pra toda a gente!  
E a minha alma, sombria e penitente  
Soluça no infinito desta hora!  
Horas tristes que vão ao meu rosário...  
Ó minha cruz de tão pesado lenho!  
Ó meu áspero e intermimo Calvário!  
E a esta hora tudo em mim revive:  
Saudades de saudades que não tenho...  
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

#### CREPÚSCULO

Teus olhos, borboletas de ouro, ardentes  
Borboletas de sol, de asas magoadas,  
Pousam nos meus, suaves e cansadas  
Como em dois lírios roxos e dolentes...  
E os lírios fecham... Meu amor não sentes?  
Minha boca tem rosas desmaiadas,  
E a minhas pobres mãos são maceradas  
Como vagas saudades de doentes...  
O silêncio abre as mãos... entorna rosas...  
Andam no ar carícias vaporosas  
Como pálidas sedas, arrastando...  
E a tua boca rubra ao pé da minha  
É na suavidade da tardinha.  
Um coração ardente palpitando...

#### EXALTAÇÃO

Viver!... Beber o vento e o sol!... Erguer  
Ao céu os corações a palpitar!  
Deus fez os nossos braços pra prender,  
E a boca fez-se sangue pra beijar!  
A chama, sempre rubra, ao alto a arder!...  
Asas sempre perdidas a pairar,  
Mais alto para as estrelas desprender!...  
A glória!... A fama!... O orgulho de criar!...  
Da vida tenho o mel e tenho os travos  
No lago dos meus olhos de violetas,  
Nos meus beijos estáticos, pagãos!...  
Trago na boca o coração dos cravos!  
Boêmios, vagabundos, e poetas:  
- Como eu sou vossa irmã, ó meus irmãos!...

#### RÚSTICA

Ser a moça mais linda do povoado,  
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,  
Ver descer sobre o ninho aconchegado  
A bênção do Senhor em cada filho.  
Um vestido de chita bem lavado,  
Cheirando a alfazema e a tomilho...  
Com o luar matar a sede ao gado,  
Dar às pombas o sol num grão de milho...  
Ser pura como a água da cisterna,  
Ter confiança numa vida eterna  
Quando descer à "terra da verdade"...  
Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!  
Dou por elas meu trono de princesa,  
E todos os meus reinos de ansiedade.

#### CONTO DE FADAS

Eu trago-te nas mãos o esquecimento  
Das horas más que tens vivido, amor!  
E para as tuas chagas o unguento  
Com que sarei a minha própria dor.

Os meus gestos são ondas de Sorrento...  
Trago no nome as letras duma flor...  
Foi dos meus olhos garços que um pintor  
Tirou a luz para pintar o vento...

Dou-te o que tenho: o astro que dormita,  
O manto dos crepúsculos da tarde,  
O sol que é d'ouro, a onda que palpita.

Dou-te comigo o mundo que Deus fez!  
- Eu sou aquela de quem tens saudade,  
A princesa de conto: "Era uma vez..."

#### EU

Até agora eu não me conhecia,  
Julgava que era eu e eu não era  
Aquela que em meus versos descrevera  
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era eu não o sabia  
E, mesmo que o soubesse, o não dissera...  
Olhos fitos em rútila quimera  
Andava atrás de mim... E não me via!

Andava a procurar-me - pobre louca! -  
E achei o meu olhar no teu olhar,  
E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,  
É a chama da tua alma a esbrasear  
As apagadas cinzas da minha alma!

#### PASSEIO NO CAMPO

Meu amor! Meu amante! Meu amigo!  
Colhe a hora que passa, hora divina,

Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!  
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, amor, a cinta esbelta e fina...  
Pele dourada de alabastro antigo...  
Frágeis mãos de madona florentina...  
- Vamos correr e rir por entre o trigo!

Há rendas de gramíneas pelos montes...  
Papoulas rubras nos trigais maduros...  
Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, amor... tornemos, nas alfombras  
Dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras...

### MENDIGA

Na vida nada tenho e nada sou;  
Eu ando a mendigar pelas estradas...  
No silêncio das noites estreladas  
Caminho, sem saber para onde vou!

Tinha o manto do sol... quem mo roubou?!  
Quem pisou minhas rosas desfolhadas?!  
Quem foi que sobre as ondas revoltadas  
A minha taça de ouro espedaçou?

Agora vou andando e mendigando,  
Sem que um olhar dos mundos infinitos  
Veja passar o verme, rastejando...

Ah, quem me dera ser como os chacais  
Uivando os brados, rouquejando os gritos  
Na solidão dos ermos matagais!...

### SUPREMO ENLEIO

Quanta mulher no teu passado, quanta!  
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?  
Se delas veio o sonho que conforta,  
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,  
Folhas murchas de rojo à tua porta...  
Quando eu for uma pobre coisa morta,  
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!  
Hás de ver-me, beijar-me em todas elas,  
Mesmo na boca da que for mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,  
Nesse corpo vibrante de mulher  
Será o meu que hás de encontrar ainda...

### TOLEDO

Diluído numa taça de ouro a arder  
Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!  
O sol a rir...Viv' alma...Não esboço  
Um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tateiam-me a tremer...  
Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço,  
É como um jasmineiro em alvoroço  
Ébrio de sol, de aroma, de prazer!

Cerro um pouco o olhar, onde subsiste  
Um romântico apelo vago e mudo  
- Um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...  
Uma torre ergue ao céu um grito agudo...  
Tua boca desfolha-me num beijo...

#### SER POETA

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!  
É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!  
É ter fome, é ter sede de infinito!  
Por elmo, as manhãs de ouro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma e sangue e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda a gente!

#### ALVORECER

A noite empalidece. Alvorecer...  
Ouve-se mais o gargalhar da fonte...  
Sobre a cidade muda, o horizonte  
É uma orquídea estranha a florescer.

Há andorinhas prontas a dizer  
A missa d'alva, mal o sol desponte.  
Gritos de galos soam monte em monte  
Numa intensa alegria de viver.

Passos ao longe...um vulto que se esvai...  
Em cada sombra Colombina trai...  
Anda o silêncio em volta a q'rer falar...

E o luar que desmaia, macerado,  
Lembra, pálido, tonto, esfarrapado,  
Um Pierrot, todo branco, a soluçar...

#### AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: aqui...além...  
Mais este e aquele, o outro e toda a gente....  
Amar!Amar! E não amar ninguém!  
Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar.

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

#### NOSTALGIA

Nesse país de lenda, que me encanta,  
Ficaram meus brocados, que despi,  
E as jóias que p'las aias reparti  
Como outras rosas de Rainha Santa!  
Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!  
Foi por lá que as semeei e que as perdi...  
Mostrem-me esse País onde eu nasci!  
Mostrem-me o reino de que eu sou infanta!  
Ó meu país de sonho e de ansiedade,  
Não sei se esta quimera que me assombra,  
É feita de mentira ou de verdade!  
Quero voltar! Não sei por onde vim...  
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra  
Por entre tanta sombra igual a mim!

#### CRUCIFICADA

Amiga... noiva... irmã... o que quiseres!  
Por ti, todos os céus terão estrelas,  
Por teu amor, mendiga, hei de merecê-las,  
Ao beijar a esmola que me deres.  
Podes amar até outras mulheres!  
- Hei de compor, sonhar palavras belas,  
Lindos versos de dor só para elas,  
Para em lânguidas noites lhes dizeres!  
Crucificada em mim, sobre os meus braços,  
Hei de pousar a boca nos teus passos  
Pra não serem pisados por ninguém.  
E depois... Ah, depois de dores tamanhas,  
Nascerás outra vez de outras entranhas,  
Nascerás outra vez de uma outra mãe!

#### ESPERA...

Não me digas adeus, ó sombra amiga,  
Abranda mais o ritmo dos teus passos;  
Sente o perfume da paixão antiga,  
Dos nossos bons e cândidos abraços!  
Sou dona de místicos cansaços,  
A fantástica e estranha rapariga  
Que um dia ficou presa nos teus braços...

Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Teu amor fez de mim um lago triste:  
Quantas ondas a rir que não lhe ouviste,  
Quanta canção de ondinas lá no fundo!

Espera...espera...ó minha sombra amada...  
Vê que pra além de mim já não há nada  
E nunca mais me encontrarás neste mundo!

### INTERROGAÇÃO

Neste tormento inútil, neste empenho  
De tornar em silêncio o que em mim canta,  
Sobem-me roucos brados à garganta  
Num clamor de loucura que contendo.

Ó alma da charneca sacrossanta,  
Irmã da alma rútila que eu tenho,  
Dize para onde eu vou, donde é que venho  
Nesta dor que me exalta e me alevanta!

Visões de mundos novos, de infinitos,  
Cadências de soluços e de gritos,  
Fogueira a esbrasear que me consome!

Dize que mão é esta que me arrasta?  
Nódoa de sangue que palpita e alastra...  
Dize de que é que eu tenho sede e fome?!

### VOLÚPIA

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frêmito vibrante de ansiedade,  
Dou-te meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...  
A nuvem que arrastou o vento norte...  
- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente, em voluptuosas danças...

### A VOZ DA TÍLIA

Diz-me a tília a cantar: "Eu sou sincera,  
Eu sou isto que vês: o sonho, a graça,  
Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,  
Este ar escultural de *bayadera*..."

E de manhã o sol é uma cratera,  
Uma serpente de ouro que me enlaça...

Trago nas mãos as mãos da primavera...  
E é para mim que em noites de desgraça  
Toca o vento Mozart, triste e solene,  
E à minha alma vibrante, posta a nu,  
Diz a chuva sonetos de Verlaine..."

E, ao ver-me triste, a tília murmurou:  
"Já fui um dia poeta como tu...  
Ainda hás de ser tília como eu sou..."

## NÃO SER

Quem me dera voltar à inocência  
Das coisas brutas, sãs, inanimadas,  
Despir o vão orgulho, a incoerência:  
- Mantos rotos de estátuas mutiladas!  
Ah! Arrancar às carnes laceradas  
Seu mísero segredo de consciência!  
Ah! Poder ser apenas florescência  
De astros em puras noites deslumbradas!  
Ser nostálgico choupo ao entardecer,  
De ramos graves, plácidos, absortos  
Na mágica tarefa de viver!  
Ser haste, seiva, ramaria inquieta,  
Erguer ao sol o coração dos mortos  
Na urna de ouro de uma flor aberta!...

?

Quem fez ao sapo o leito carmesim  
De rosas desfolhadas à noitinha?  
E quem vestiu de monja a andorinha,  
E perfumou as sombras do jardim?  
Quem cinzelou estrelas no jasmim?  
Quem deu esses cabelos de rainha  
Ao girassol? Quem fez o mar? E a minha  
Alma a sangrar? Quem me criou a mim?  
Quem fez os homens e deu vida aos lobos?  
Santa Tereza em místicos arroubos?  
Os monstros? E os profetas? E o luar?  
Quem nos deu asas para andar de rastros?  
Quem nos deu olhos para ver os astros?  
- Sem nos dar braços para os alcançar?

## IN MEMORIAM

*Ao meu morto querido*

Na cidade de Assis, *Il Poverello*  
Santo, três vezes santo, andou pregando  
Que o sol, a terra, a flor, o rocío brando,  
Da pobreza o tristíssimo flagelo,  
Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,  
Tudo era nosso irmão! - E assim sonhando,  
Pelas estradas da Umbria foi forjando  
Da cadeia do amor o maior elo!

"Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água..."  
Ah! *Poverello!* Em mim, essa lição  
Perdeu-se como vela em mar de mágoa

Batida por furiosos vendavais!  
- Eu fui na vida a irmã de um só irmão,  
E já não sou a irmã de ninguém mais!

### ÁRVORES DO ALENTEJO

Horas mortas... Curvada aos pés do monte  
A planície é um brasido... e, torturadas,  
As árvores sangrentas, revoltadas,  
Gritam a Deus a bênção duma fonte!  
E quando, manhã alta, o sol posponte  
A ouro a giesta, a arder, pelas estradas,  
Esfíngicas, recortam desgrenhadas  
Os trágicos perfis no horizonte!  
Árvores! Corações, almas que choram,  
Almas iguais à minha, almas que imploram  
Em vão remédio para tanta mágoa!  
Árvores! Não choreis! Olhai e vede:  
- Também ando a gritar, morta de sede,  
Pedindo a Deus a minha gota d'água!

### QUEM SABE?...

*Ao Ângelo*

Queria tanto saber porque sou eu!  
Quem me enjeitou neste caminho escuro?  
Queria tanto saber porque seguro  
Nas minhas mãos o bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o céu  
Também é para o mau, para o perjuro?  
Para onde vai a alma, que morreu?  
Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

A estrada de Damasco, o meu caminho,  
O meu bordão de estrelas de ceguinho,  
Água da fonte de que estou sedenta!

Quem sabe se este anseio de eternidade,  
A tropeçar na sombra, é a verdade,  
É já a mão de Deus que me acalenta?

### FRÊMITO DO MEU CORPO A PROCURAR-TE

Frêmito do meu corpo a procurar-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,  
Doído anseio dos meus braços a abraçar-te,  
Olhos buscando os teus por toda a parte,  
Sede de beijos, amargor de fel,  
Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que a mitigue e a farte!  
E vejo-te tão longe! Sinto tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que não me amas...  
E o meu coração que tu não sentes,  
Vai boiando ao acaso das correntes,  
Esquife negro sobre um mar de chamas...

## DIZE-ME, AMOR, COMO TE SOU QUERIDA

Dize-me, amor, como te sou querida,  
Conta-me a glória do teu sonho eleito,  
Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,  
Arranca-me dos pântanos da vida.  
Embragada numa estranha lida,  
Trago nas mãos o coração desfeito,  
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito  
Que me salve e levante redimida!  
Nesta negra cisterna em que me afundo,  
Sem quimeras, sem crenças, sem turnura,  
Agonia sem fé dum moribundo,  
Grito o teu nome numa sede estranha,  
Como se fosse, amor, toda a frescura  
Das cristalinas águas da montanha!

## FALO DE TI ÀS PEDRAS DAS ESTRADAS

Falo de ti às pedras das estradas,  
E ao sol que e louro como o teu olhar,  
Falo ao rio, que desdobra a faiscar,  
Vestidos de princesas e de fadas;  
Falo às gaivotas de asas desdobradas,  
Lembrando lenços brancos a acenar,  
E aos mastros que apunhalam o luar  
Na solidão das noites consteladas;  
Digo os anseios, os sonhos, os desejos  
Donde a tua alma, tonta de vitória,  
Levanta ao céu a torre dos meus beijos!  
E os meus gritos de amor, cruzando o espaço,  
Sobre os brocados fúlgidos da glória,  
São astros que me tombam do regaço!

## PERDI OS MEUS FANTÁSTICOS CASTELOS

Perdi meus fantásticos castelos  
Como névoa distante que se esfuma...  
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:  
Quebrei as minhas lanças uma a uma!  
Perdi minhas galerias entre os gelos  
Que se afundaram sobre um mar de bruma...  
- Tantos escolhos! Quem podia vê-los? –  
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!  
Perdi a minha taça, o meu anel,  
A minha cota de aço, o meu corcel,  
Perdi meu elmo de ouro e pedrarias...  
Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...  
Sobre o meu coração pesam montanhas...  
Olho assombrada as minhas mãos vazias...

## O TEU OLHAR

Passam no teu olhar nobres cortejos,  
Frotas, pendões ao vento sobranceiros,  
Lindos versos de antigos romancesiros,  
Céus do Oriente, em brasa, como beijos,  
Mares onde não cabem teus desejos;

Passam no teu olhar mundos inteiros,  
Todo um povo de heróis e marinheiros,  
Lanças nuas em rútilos lampejos;  
Passam lendas e sonhos e milagres!  
Passa a Índia, a visão do Infante em Sagres,  
Em centelhas de crença e de certeza!  
E ao sentir-se tão grande, ao ver-te assim,  
Amor, julgo trazer dentro de mim  
Um pedaço da terra portuguesa!

#### O MAIOR BEM

Este querer-te bem sem me queres,  
Este sofrer por ti constantemente,  
Andar atrás de ti sem tu me veres  
Faria piedade a toda a gente.  
Mesmo a beijar-me a tua boca mente...  
Quantos sangrentos beijos de mulheres  
Pousa na minha a tua boca ardente,  
E quanto engano nos seus vãos dizeres!...  
Mas que me importa a mim que me não queiras,  
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,  
Este mísero pungir, árduo e profundo,  
Do teu frio desamor, dos teus desdêns,  
É, na vida, o mais alto dos meus bens?  
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

#### OS MEUS VERSOS

Rasga esses versos que eu te fiz, amor!  
Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento,  
Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,  
Que a tempestade os leve aonde for!  
Rasga-os na mente, se os souberes de cor,  
Que volte ao nada o nada de um momento!  
Julguei-me grande pelo sentimento,  
E pelo orgulho ainda sou maior!...  
Tanto verso já disse o que eu sonhei!  
Tantos penaram já o que eu penei!  
Asas que passam, todo o mundo as sente...  
Rasgas os meus versos... Pobre endoidecida!  
Como se um grande amor cá nesta vida  
Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

#### O MEU SONETO

Em atitudes e em ritmos fleugmáticos,  
Erguendo as mãos em gestos recolhidos,  
Todos brocados fúlgidos, hieráticos,  
Em ti andam bailando os meus sentidos...

E os meus olhos serenos, enigmáticos  
Meninos que na estrada andam perdidos,  
Dolorosos, tristíssimos, extáticos,  
São letras de poemas nunca lidos...

As magnólias abertas dos meus dedos  
São mistérios, são filtros, são enredos

Que pecados d'amor trazem de rastros...

E a minha boca, a rútila manhã,  
Na Via Láctea, lírica, pagã,  
A rir desfolha as pétalas dos astros!...

## CHARNECA EM FLOR

Florbela Espanca

1931

Amar, amar; amar; amar sempre y con todo  
El ser y con la tierra y con el cielo,  
Com lo claro del sol y lo obscuro del lodo.  
Amar por toda ciencia y amar por todo anhelo.

Y cuando la montana de la vida  
Nos sea dura y larga, y alta, y llena de abismos,  
Amar la inmensidad, que es de amor encendida,  
Y arder em la fusión de nuestros pechos mismos...

Rubén Darío

## CHARNECA EM FLOR

Enche o meu peito, num encanto mago,  
O frêmito das coisas dolorosas...  
Sob as urzes queimadas nascem rosas...  
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago  
Em mim? Eu oiço bocas silenciosas  
Murmurar-me as palavras misteriosas  
Que perturbam meu ser como um afago!

E nesta febre ansiosa que me invade,  
Dispo a minha mortalha, o meu burel,  
E, já não sou, Amor, Sórór Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,  
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:  
Sou a charneca rude a abrir em flor!

## **VERSOS DE ORGULHO**

O mundo quer-me mal porque ninguém  
Tem asas como eu tenho! Porque Deus  
Me fez nascer Princesa entre plebeus  
Numa torre de orgulho e de desdém!

Porque o meu Reino fica para Além!  
Porque trago no olhar os vastos céus,  
E os oiros e os clarões são todos meus!  
Porque Eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?!  
O jardim dos meus versos todo em flor,  
A seara dos teus beijos, pão bendito,

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...  
São os teus braços dentro dos meus braços:  
Via Láctea fechando o Infinito!...

## **RÚSTICA**

Ser a moça mais linda do povoado.  
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,  
Ver descer sobre o ninho aconchegado  
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,  
Cheirando a alfazema e a tomilho...  
- Com o luar matar a sede ao gado,  
Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,  
Ter confiança numa vida eterna  
Quando descer à "terra da verdade"...

Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!  
Dou por elas meu trono de Princesa,  
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

## **REALIDADE**

Em ti o meu olhar fez-se alvorada,  
E a minha voz fez-se gorjeio de ninho,  
E a minha rubra boca apaixonada  
Teve a frescura pálida do linho.

Embriagou-me o teu beijo como um vinho  
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada,  
E a minha cabeleira desatada  
Pôs a teus pés a sombra dum caminho.

Minhas pálpebras são cor de verbena,  
Eu tenho os olhos garços, sou morena,  
E para te encontrar foi que eu nasci...

Tens sido vida fora o meu desejo,  
E agora, que te falo, que te vejo,  
Não sei se te encontrei, se te perdi...

## **CONTO DE FADAS**

Eu trago-te nas mãos o esquecimento  
Das horas más que tens vivido, Amor!  
E para as tuas chagas o unguento  
Com que sarei a minha própria dor.

Os meus gestos são ondas de Sorrento...  
Trago no nome as letras de uma flor...  
Foi dos meus olhos garços que um pintor  
Tirou a luz para pintar o vento...

Dou-te o que tenho: o astro que dormita,  
O manto dos crepúsculos da tarde,  
O sol que é d'ouro, a onda que palpita.

Dou-te comigo o mundo que Deus fez!  
- Eu sou Aquela de quem tens saudade,  
A Princesa do conto: "Era uma vez..."

## **A UM MORIBUNDO**

Não tenhas medo, não! Tranqüilamente,  
Como adormece a noite pelo Outono,  
Fecha os teus olhos, simples, docemente,  
Como, à tarde, uma pomba que tem sono...

A cabeça reclinava levemente  
E os braços deixava-os ir ao abandono,  
Como tombam, arfando, ao sol poente,  
As asas de uma pomba que tem sono...

O que há depois? Depois?... O azul dos céus?  
Um outro mundo? O eterno nada? Deus?  
Um abismo? Um castigo? Uma guarida?

Que importa? Que te importa, ó moribundo?  
- Seja o que for, será melhor que o mundo!  
Tudo será melhor do que esta vida!...

## **EU**

Até agora eu não me conhecia,  
julgava que era Eu e eu não era  
Aquela que em meus versos descrevera  
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia  
mesmo que o soubesse, o não dissera...  
Olhos fitos em rútila quimera  
Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me - pobre louca!-  
E achei o meu olhar no teu olhar,  
E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,  
E a chama da tua alma a esbrasear  
As apagadas cinzas da minha alma!

## **PASSEIO AO CAMPO**

Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!  
Colhe a hora que passa, hora divina,  
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!  
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...  
Pele doirada de alabastro antigo...  
Frágeis mãos de madona florentina...  
- Vamos correr e rir por entre o trigo! –

Há rendas de gramíneas pelos montes...  
Papoilas rubras nos trigais maduros...  
Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras  
Dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras!...

## **TARDE NO MAR**

A tarde é de oiro rútilo: esbraseia  
O horizonte: um cacto purpurino.  
E a vaga esbelta que palpita e ondeia,  
Com uma frágil graça de menino,

Poisa o manto de arminho na areia  
E lá vai, e lá segue ao seu destino!  
E o sol, nas casas brancas que incendeia.  
Desenha mãos sangrentas de assassino!

Que linda tarde aberta sobre o mar!  
Vai deitando do céu molhos de rosas  
Que Apolo se entretém a desfolhar...

E, sobre mim, em gestos palpitantes,  
As tuas mãos morenas, milagrosas,  
São as asas do sol, agonizantes...

### **SE TU VIÉSSES VER-ME...**

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,  
A essa hora dos mágicos cansaços,  
Quando a noite de manso se avizinha,  
E me prendesses toda nos teus braços...

Quando me lembra: esse sabor que tinha  
A tua boca... o eco dos teus passos...  
O teu riso de fonte... os teus abraços...  
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,  
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo  
E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...  
Quando os olhos se me cerram de desejo...  
E os meus braços se estendem para ti...

### **MISTÉRIO**

Gosto de ti, ó chuva, nos beirados,  
Dizendo coisas que ninguém entende!  
Da tua cantilena se desprende  
Um sonho de magia e de pecados.

Dos teus pálidos dedos delicados  
Uma alada canção palpita e ascende,  
Frases que a nossa boca não aprende  
Murmúrios por caminhos desolados.

Pelo meu rosto branco, sempre frio,  
Fazes passar o lúgubre arrepio  
Das sensações estranhas, dolorosas...

Talvez um dia entenda o teu mistério...  
Quando, inerte, na paz do cemitério,  
O meu corpo matar a fome às rosas!

## **O MEU CONDÃO**

Quis Deus dar-me o condão de ser sensível  
Como o diamante à luz que o alumia,  
Dar-me uma alma fantástica, impossível:  
- Um bailado de cor e fantasia!

Quis Deus fazer de ti a ambrosia  
Desta paixão estranha, ardente, incrível!  
Erguer em mim o facho inextinguível,  
Como um cinzel vincando uma agonia!

Quis Deus fazer-me tua... para nada!  
- Vãos, os meus braços de crucificada,  
Inúteis, esses beijos que te dei!

Anda! Caminha! Aonde?... Mas por onde?...  
Se a um gesto dos teus a sombra esconde  
O caminho de estrelas que tracei...

## **AS MINHAS MÃOS**

As minhas mãos magritas, afiladas,  
Tão brancas como a água da nascente,  
Lembram pálidas rosas entornadas  
Dum regaço de Infanta do Oriente.

Mãos de ninfa, de fada, de vidente,  
Pobrezinhas em sedas enroladas,  
Virgens mortas em luz amortalhadas  
Pelas próprias mãos de oiro do sol-poente.

Magras e brancas... Foram assim feitas...  
Mãos de enjeitada porque tu me enjeitas...  
Tão doces que elas são! Tão a meu gosto!

Pra que as quero eu - Deus! - Pra que as quero eu?!  
Ó minhas mãos, aonde está o céu?  
...Aonde estão as linhas do teu rosto?

## **NOITINHA**

A noite sobre nós se debruçou...  
Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!  
O luar, pelas colinas, nesta hora,  
É água dum gomil que se entornou...

Não sei quem tanta pérola espalhou!  
Murmura alguém pelas quebradas fora...  
Flores do campo, humildes, mesmo agora.  
A noite, os olhos brandos, lhes fechou...

Fumo beijando o colmo dos casais...  
Serenidade idílica de fontes,  
E a voz dos rouxinóis nos salgueirais...

Tranqüilidade... calma... anoitecer...  
Num êxtase, eu escuto pelos montes  
O coração das pedras a bater...

## **LEMBRANÇA**

Fui Essa que nas ruas esmolou  
E fui a que habitou Paços Reais;  
No mármore de curvas ogivais  
Fui Essa que as mãos pálidas poisou...

Tanto poeta em versos me cantou!  
Fiei o linho à porta dos casais...  
Fui descobrir a Índia e nunca mais  
Voltei! Fui essa nau que não voltou...

Tenho o perfil moreno, lusitano,  
E os olhos verdes, cor do verde Oceano,  
Sereia que nasceu de navegantes...

Tudo em cinzentas brumas se dilui...  
Ah, quem me dera ser Essas que eu fui,  
As que me lembro de ter sido... dantes!...

## **A NOSSA CASA**

A nossa casa, Amor, a nossa casa!  
Onde está ela, Amor, que não a vejo?  
Na minha doida fantasia em brasa  
Constrói-a, num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,  
O bem que neste mundo mais invejo?  
O brando ninho aonde o nosso beijo  
Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos,  
Andamos de mãos dadas, nos caminhos  
Duma terra de rosas, num jardim,

Num país de ilusão que nunca vi...  
E que eu moro - tão bom! - dentro de ti  
E tu, ó meu Amor, dentro de mim...

## **MENDIGA**

Na vida nada tenho e nada sou;  
Eu ando a mendigar pelas estradas...  
No silêncio das noites estreladas  
Caminho, sem saber para onde vou!

Tinha o manto do sol... quem mo roubou?!  
Quem pisou minhas rosas desfolhadas?!  
Quem foi que sobre as ondas revoltadas  
A minha taça de oiro espedaçou?!

Agora vou andando e mendigando,  
Sem que um olhar dos mundos infinitos  
Veja passar o verme, rastejando...

Ah, quem me dera ser como os chacais  
Uivando os brados, rouquejando os gritos  
Na solidão dos ermos matagais!...

## **SUPREMO ENLEIO**

Quanta mulher no teu passado, quanta!  
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?  
Se delas veio o sonho que conforta,  
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,  
Folhas murchas de rojo à tua porta...  
Quando eu for uma pobre coisa morta,  
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!  
Hás de ver-me, beijar-me em todas elas,  
Mesmo na boca da que for mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,  
Nesse corpo vibrante de mulher  
Será o meu que hás de encontrar ainda...

## **TOLEDO**

Diluído numa taça de oiro a arder  
Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!  
O sol a rir... Vivalma... Não esboço  
Um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tateiam-me a tremer...  
Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço  
É como um jasmineiro em alvoroço  
Ébrio de sol, de aroma, de prazer!

Cerro um pouco o olhar onde subsiste  
Um romântico apelo vago e mudo,  
- Um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...  
Uma torre ergue ao céu um grito agudo...  
Tua boca desfolha-me num beijo...

## **OUTONAL**

Caem as folhas mortas sobre o lago;  
Na penumbra outonal, não sei quem tece  
As rendas do silêncio... Olha, anoitece!  
- Brumas longínquas do País do Vago...

Veludos a ondear... Mistério mago...  
Encantamento... A hora que não esquece,  
A luz que a pouco e pouco desfalece,  
Que lança em mim a bênção dum afago...

Outono dos crepúsculos doirados,  
De púrpuras, damascos e brocados!  
- Vestes a terra inteira de esplendor!

Outono das tardinhas silenciosas,  
Das magníficas noites voluptuosas  
Em que eu soluço a delirar de amor...

## **SER POETA**

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma e sangue e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda gente!

## **ALVORECER**

A noite empalidece. Alvorecer...  
Ouve-se mais o gargalhar da fonte...  
Sobre a cidade muda, o horizonte  
É uma orquídea estranha a florescer.

Há andorinhas prontas a dizer  
A missa d'alva, mal o sol desponte.  
Gritos de galos soam monte em monte  
Numa intensa alegria de viver.

Passos ao longe... um vulto que se esvai...  
Em cada sombra Colombina trai...  
Anda o silêncio em volta a q'rer falar...

E o luar que desmaia, macerado,  
Lembra, pálido, tonto, esfarrapado,  
Um Pierrot, todo branco, a soluçar...

## **MOCIDADE**

A mocidade esplêndida, vibrante,  
Ardente, extraordinária, audaciosa.  
Que vê num cardo a folha dum rosa,  
Na gota de água o brilho dum diamante;

Essa que fez de mim Judeu Errante  
Do espírito, a torrente caudalosa,  
Dos vendavais irmã tempestuosa,  
- Trago-a em mim vermelha, triunfante!

No meu sangue rubis correm dispersos:  
- Chamas subindo ao alto nos meus versos,  
Papoilas nos meus lábios a florir!

Ama-me doida, estonteadoramente,  
O meu Amor! que o coração da gente  
É tão pequeno... e a vida, água a fugir...

## **AMAR!**

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

## **NOSTALGIA**

Nesse País de lenda, que me encanta,  
Ficaram meus brocados, que despi,  
E as jóias que p'las aias reparti  
Como outras rosas de Rainha Santa!

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!  
Foi por lá que as semeiei e que as perdi...  
Mostrem-me esse País onde eu nasci!  
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

O meu País de sonho e de ansiedade,  
Não sei se esta quimera que me assombra,  
É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...  
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra  
Por entre tanta sombra igual a mim!

## **AMBICIOSA**

Para aqueles fantasmas que passaram,  
Vagabundos a quem jurei amar,  
Nunca os meus braços lânguidos traçaram  
O vôo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram  
Sobre um amor em sangue a palpitar...  
- Quantas panteras bárbaras mataram  
Só pelo raro gosto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária  
Erguida na montanha solitária  
Interrogando a vibração dos céus!

O amor dum homem? - Terra tão pisada!  
Gota de chuva ao vento baloiçada...  
Um homem? - Quando eu sonho o amor dum deus!...

## **CRUCIFICADA**

Amiga... noiva... irmã... o que quiseres!  
Por ti, todos os céus terão estrelas,  
Por teu amor, mendiga, hei-de merecê-las,  
Ao beijar a esmola que me deres.

Podes amar até outras mulheres!  
- Hei de compor, sonhar palavras belas,  
Lindos versos de dor só para elas,  
Para em lânguidas noites lhes dizeres!

Crucificada em mim, sobre os meus braços,  
Hei de poisar a boca nos teus passos  
Pra não serem pisados por ninguém.

E depois... Ah! depois de dores tamanhas,  
Nascerás outra vez de outras entranhas,  
Nascerás outra vez de uma outra Mãe!

## **ESPERA...**

Não me digas adeus, ó sombra amiga,  
Abranda mais o ritmo dos teus passos;  
Sente o perfume da paixão antiga,  
Dos nossos bons e cândidos abraços!

Sou a dona dos místicos cansaços,  
A fantástica e estranha rapariga  
Que um dia ficou presa nos teus braços...  
Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Teu amor fez de mim um lago triste:  
Quantas ondas a rir que não lhe ouviste,  
Quanta canção de ondinas lá no fundo!

Espera... espera... ó minha sombra amada...  
Vê que pra além de mim já não há nada  
E nunca mais me encontras neste mundo!...

## **INTERROGAÇÃO**

A Guido Batelli

Neste tormento inútil, neste empenho  
De tornar em silêncio o que em mim canta,  
Sobem-me roucos brados à garganta  
Num clamor de loucura que contenho.

Ó alma de charneca sacrossanta,  
Irmã da alma rútila que eu tenho,  
Dize pra onde vou, donde é que venho  
Nesta dor que me exalta e me alevanta!

Visões de mundos novos, de infinitos,  
Cadências de soluços e de gritos,  
Fogueira a esbrasear que me consome!

Dize que mão é esta que me arrasta?  
Nódoa de sangue que palpita e alastra...  
Dize de que é que eu tenho sede e fome?!

## **VOLÚPIA**

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frêmito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...  
A nuvem que arrastou o vento norte...  
- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente, em voluptuosas danças...

## **FILTRO**

Meu Amor, não é nada: - Sons marinhos  
Numa concha vazia, choro errante...  
Ah, olhos que não choram! Pobrezinhos...  
Não há luz neste mundo que os levante!

Eu andarei por ti os maus caminhos  
E as minhas mãos, abertas a diamante,  
Hão de crucificar-se nos espinhos  
Quando o meu peito for o teu mirante!

Para que corpos vis te não desejem,  
Hei de dar-te o meu corpo, e a boca minha  
Pra que bocas impuras te não beijem!

Como quem roça um lago que sonhou,  
Minhas cansadas asas de andorinha  
Hão-de prender-te todo num só vôo...

## **MAIS ALTO**

Mais alto, sim! mais alto, mais além  
Do sonho, onde morar a dor da vida,  
Até sair de mim! Ser a Perdida,  
A que se não encontra! Aquela a quem

O mundo não conhece por Alguém!  
Ser orgulho, ser águia na subida,  
Até chegar a ser, entontecida,  
Aquela que sonhou o meu desdém!

Mais alto, sim! Mais alto! A Intangível!  
Turris Ebúrnea erguida nos espaços,  
A rutilante luz dum impossível!

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber  
O mal da vida dentro dos meus braços,  
Dos meus divinos braços de Mulher!

## **NERVOS D'OIRO**

Meus nervos, guizos de oiro a tilintar  
Cantam-me n'alma a estranha sinfonia  
Da volúpia, da mágoa e da alegria,  
Que me faz rir e que me faz chorar!

Em meu corpo fremente, sem cessar,  
Agito os guizos de oiro da folia!  
A Quimera, a Loucura, a Fantasia,  
Num rubro turbilhão sinto-As passar!

O coração, numa imperial oferta.  
Ergo-o ao alto! E, sobre a minha mão,  
É uma rosa de púrpura, entreaberta!

E em mim, dentro de mim, vibram dispersos,  
Meus nervos de oiro, esplêndidos, que são  
Toda a Arte suprema dos meus versos!

## **A VOZ DA TÍLIA**

Diz-me a tília a cantar: "Eu sou sincera,  
Eu sou isto que vês: o sonho, a graça,  
Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,  
Este ar escultural de bayadera..."

E de manhã o sol é uma cratera,  
Uma serpente de oiro que me enlaça...  
Trago nas mãos as mãos da Primavera...  
E é para mim que em noites de desgraça

Toca o vento Mozart, triste e solene,  
E à minha alma vibrante, posta a nu,  
Diz a chuva sonetos de Verlaine..."

E, ao ver-me triste, a tília murmurou:  
"Já fui um dia poeta como tu...  
Ainda hás de ser tília como eu sou..."

## **NÃO SER**

Quem me dera voltar à inocência  
Das coisas brutas, sãs, inanimadas,  
Despir o vão orgulho, a incoerência:  
- Mantos rotos de estátuas mutiladas!

Ah! arrancar às carnes laceradas  
Seu mísero segredo de consciência!  
Ah! poder ser apenas florescência  
De astros em puras noites deslumbradas!

Ser nostálgico choupo ao entardecer,  
De ramos graves, plácidos, absortos  
Na mágica tarefa de viver!

Ser haste, seiva, ramaria inquieta,  
Erguer ao sol o coração dos mortos  
Na urna de oiro dum flor aberta!...

?

Quem fez ao sapo o leito carmesim  
De rosas desfolhadas à noitinha?  
E quem vestiu de monja a andorinha,  
E perfumou as sombras do jardim?

Quem cinzelou estrelas no jasmim?  
Quem deu esses cabelos de rainha  
Ao girassol? Quem fez o mar? E a minha  
Alma a sangrar? Quem me criou a mim?

Quem fez os homens e deu vida aos lobos?  
Santa Teresa em místicos arroubos?  
Os monstros? E os profetas? E o luar?

Quem nos deu asas para andar de rastros?  
Quem nos deu olhos para ver os astros  
- Sem nos dar braços para os alcançar?!...

## **IN MEMORIAM**

Ao meu morto querido

Na cidade de Assis, "Il Poverello"  
Santo, três vezes santo, andou pregando  
Que o sol, a terra, a flor, o rocio brando,  
Da pobreza o tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,  
Tudo era nosso irmão! - E assim sonhando,

Pelas estradas da Umbria foi forjando  
Da cadeia do amor o maior elo!

"Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água..."  
Ah, Poverello! Em mim, essa lição  
Perdeu-se como vela em mar de mágoa

Batida por furiosos vendavais!  
Eu fui na vida a irmã dum só Irmão,  
E já não sou a irmã de ninguém mais!

## **ÁRVORES DO ALENTEJO**

Ao Prof Guido Battelli

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte  
A planície é um brasido... e, torturadas,  
As árvores sangrentas, revoltadas,  
Gritam a Deus a bênção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte  
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,  
Esfíngicas, recortam desgrenhadas  
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,  
Almas iguais à minha, almas que imploram  
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:  
- Também ando a gritar, morta de sede,  
Pedindo a Deus a minha gota de água!

## **QUEM SABE?...**

Ao Ângelo

Queria tanto saber por que sou Eu!  
Quem me enfeitou neste caminho escuro?  
Queria tanto saber por que seguro  
Nas minhas mãos o bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o céu  
Também é para o mau, para o perjuro?  
Para onde vai a alma que morreu?  
Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

A estrada de Damasco, o meu caminho,  
O meu bordão de estrelas de ceguinho,  
Água da fonte de que estou sedenta!

Quem sabe se este anseio de Eternidade,  
A tropeçar na sombra, é a Verdade,  
É já a mão de Deus que me acalenta?

## **A MINHA PIEDADE**

A Bourbon e Meneses

Tenho pena de tudo quanto lida  
Neste mundo, de tudo quanto sente,  
Daquele a quem mentiram, de quem mente,  
Dos que andam pés descalços pela vida,

Da rocha altiva, sobre o monte erguida,  
Olhando os céus ignotos frente a frente,  
Dos que não são iguais à outra gente,  
E dos que se ensangüentam na subida!

Tenho pena de mim... pena de ti...  
De não beijar o riso duma estrela...  
Pena dessa má hora em que nasci...

De não ter asas para ir ver o céu...  
De não ser Esta... a Outra... e mais Aquela...  
De ter vivido e não ter sido Eu...

## **SOU EU!**

À minha ilustre camarada Laura haveas

Pelos campos em fora, pelos combros,  
Pelos montes que embalam a manhã,  
Largo os meus rubros sonhos de pagã,  
Enquanto as aves poisam nos meus ombros...

Em vão me sepultaram entre escombros  
De catedrais duma escultura vã!  
Olha-me o loiro sol tonto de assombros,  
as nuvens, a chorar, chamam-me irmã!

Ecos longínquos de ondas... de universos..  
Ecos dum Mundo... dum distante Além,  
Donde eu trouxe a magia dos meus versos!

Sou eu! Sou eu! A que nas mãos ansiosas  
Prendeu da vida, assim como ninguém,  
Os maus espinhos sem tocar nas rosas!

## **PANTEÍSMO**

Ao Botto de Carvalho

Tarde de brasa a arder, sol de verão  
Cingindo, voluptuoso, o horizonte...  
Sinto-me luz e cor, ritmo e clarão  
Dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,  
Oíço-me gota de água a rir, na fonte,  
E a curva altiva e dura do Marão  
É o meu corpo transformado em monte!

E de braços na terra penso e cismo  
Que, neste meu ardente panteísmo  
Nos meus sentidos postos e absortos

Nas coisas luminosas deste mundo,  
A minha alma é o túmulo profundo  
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

## **MINHA TERRA**

A. J. Emídio Amaro

Ó minha terra na planície rasa,  
Branca de sol e cal e de luar,  
Minha terra que nunca viu o mar  
Onde tenho o meu pão e a minha casa...

Minha terra de tardes sem uma asa,  
Sem um bater de folha... a dormirar...  
Meu anel de rubis a flamejar,  
Minha terra mourisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu...  
Aonde a mãe que eu tive e que morreu,  
Foi moça e loira, amou e foi amada...

Truz... truz... truz... Eu não tenho onde me acoite,  
Sou um pobre de longe, é quase noite...  
Terra, quero dormir... dá-me pousada!

## **A UMA RAPARIGA**

À Nice

Abre os olhos e encara a vida! A sina  
Tem que cumprir-se! Alarga os horizontes!  
Por sobre lamaçais alteia pontes  
Com tuas mãos preciosas de menina.

Nessa estrada da vida que fascina  
Caminha sempre em frente, além dos montes!  
Morde os frutos a rir! Bebe nas fontes!  
Beija aqueles que a sorte te destina!

Trata por tu a mais longínqua estrela,  
Escava com as mãos a própria cova  
E depois, a sorrir, deita-te nela!

Que as mãos da terra façam, com amor,  
Da graça do teu corpo, esguia e nova,  
Surgir à luz a haste duma flor!...

## **MINHA CULPA**

A Artur Ledesma

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem  
Quem sou?! Um fogo-fátuo, uma miragem...  
Sou um reflexo... um canto de paisagem  
Ou apenas cenário! Um vaivém...

Como a sorte: hoje aqui, depois além!  
Sei lá quem Sou?! Sei lá! Sou a roupagem  
Dum doido que partiu numa romagem  
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Sou um verme que um dia quis ser astro...  
Uma estátua truncada de alabastro...  
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,  
Num mundo de vaidades e pecados,  
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

## **TEUS OLHOS**

Olhos do meu Amor! Infantes loiros  
Que trazem os meus presos, endoidados!  
Neles deixei, um dia, os meus tesoiros:  
Meus anéis. minhas rendas, meus brocados.

Neles ficaram meus palácios moiros,  
Meus carros de combate, destroçados,

Os meus diamantes, todos os meus oiros  
Que trouxe d'Além-Mundos ignorados!

Olhos do meu Amor! Fontes... cisternas..  
Enigmáticas campas medievais...  
Jardins de Espanha... catedrais eternas...

Berço vinde do céu à minha porta...  
Ó meu leite de núpcias irreais!...  
Meu sumptuoso túmulo de morta!...

He hum não querer mais que bem querer; (Camões)

I

Gosto de ti apaixonadamente,  
De ti que és a vitória, a salvação,  
De ti que me trouxeste pela mão  
Até ao brilho desta chama quente.

A tua linda voz de água corrente  
Ensinou-me a cantar... e essa canção  
Foi ritmo nos meus versos de paixão,  
Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,  
Da noite negra o mágico farol,  
Cravos rubros a arder numa fogueira!

E eu, que era neste mundo uma vencida,  
Ergo a cabeça ao alto, encaro o sol!  
- Águia real, apontas-me a subida!

He hum não querer mais que bem querer. (Camões)

II

Meu Amor, meu Amado, vê... repara:  
Poisa os teus lindos olhos de oiro em mim,  
- Dos meus beijos de amor Deus fez-me avara  
Para nunca os contares até ao fim.

Meus olhos têm tons de pedra rara,  
E só para teu bem que os tenho assim  
-E as minhas mãos são fontes de água clara  
A cantar sobre a sede dum jardim.

Sou triste como a folha ao abandono  
Num parque solitário, pelo Outono,  
Sobre um lago onde vogam nenúfares...

Deus fez-me atravessar o teu caminho...  
- Que contas dás a Deus indo sozinho,  
Passando junto a mim, sem me encontrares? -

He hum não querer mais que bem querer; (Camões)

III

Frêmito do meu corpo a procurar-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,  
Sede de beijos, amargor de fel,  
Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,  
Vai boiando ao acaso das correntes,  
Esquife negro sobre um mar de chamas...

*He hum não querer mais que bem querer; (Camões)*

IV

És tu! És tu! Sempre vieste, enfim!  
Oíço de novo o riso dos teus passos!  
És tu que eu vejo a estender-me os braços  
Que Deus criou pra me abraçar a mim!

Tudo é divino e santo visto assim.  
Foram-se os desalentos, os cansaços..  
O mundo não é mundo: é um jardim!  
Um céu aberto: longes, os espaços!

Prende-me toda, Amor, prende-me bem!  
Que vês tu em redor? Não há ninguém!  
A terra? - Um astro morto que flutua...

Tudo o que é chama a arder, tudo o que sente  
Tudo o que é vida e vibra eternamente  
É tu seres meu, Amor, e eu ser tua!

*He hum não querer mais que bem querer; (Camões)*

V

Dize-me, Amor, como te sou querida,  
Conta-me a glória do teu sonho eleito,  
Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,  
Arranca-me dos pântanos da vida.

Embriagada numa estranha lida,  
Trago nas mãos o coração desfeito,  
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito  
Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo.  
Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,  
Agonia sem fé dum moribundo,

Grito o teu nome numa sede estranha,  
Como se fosse, Amor, toda a frescura  
Das cristalinas águas da montanha!

*He hum não querer mais que bem querer; (Camões)*

VI

Falo de ti às pedras das estradas,  
E ao sol que é loiro como o teu olhar,  
Falo ao rio, que desdobra a faiscar,  
Vestidos de Princesas e de Fadas;

Falo às gaivotas de asas desdobradas,  
Lembrando lenços brancos a acenar,  
E aos mastros que apunhalam o luar  
Na solidão das noites consteladas;

Digo os anseios, os sonhos, os desejos  
Donde a tua alma, tonta de vitória  
Levanta ao céu a torre dos meus beijos!

E os meus gritos de amor, cruzando o espaço,  
Sobre os brocados fúlgidos da glória,  
São astros que me tombam do regaço!

*He hum não querer mais que bem querer; (Camões)*

VII

São mortos os que nunca acreditaram  
Que esta vida é somente uma passagem,  
Um atalho sombrio, uma paisagem  
Onde os nossos sentidos se poisaram.

São mortos os que nunca alevantaram  
Dentre escombros a Torre de Menagem  
Dos seus sonhos de orgulho e de coragem,  
E os que não riram e os que não choraram.

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,  
Quando eu partir para o País da Luz,  
A sombra calma dum entardecer,

Tombando, em doces pregas de mortalha,  
Sobre o teu corpo heróico, posto em cruz,  
Na solidão dum campo de batalha!

He hum não querer mais que bem querer; (Camões)

VIII

Abrir os olhos, procurar a luz,  
De coração erguido ao alto, em chama,  
Que tudo neste mundo se reduz  
A ver os astros cintilar na lama!

Amar o sol da glória e a voz da fama  
Que em clamorosos gritos se traduz!  
Com misericórdia, amar quem nos não ama,  
E deixar que nos preguem numa cruz!

Sobre um sonho desfeito erguer a torre  
Doutro sonho mais alto e, se esse morre,  
Mais outro e outro ainda, toda a vida!

Que importa que nos vençam desenganos,  
Se pudermos contar os nossos anos  
Assim como degraus duma subida?

He hum não querer mais que bem querer; (Camões)

IX

Perdi os meus fantásticos castelos  
Como névoa distante que se esfuma...  
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:  
Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gelos  
Que se afundaram sobre um mar de bruma...  
- Tantos escolhos! Quem podia vê-los? -  
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,  
A minha cota de aço, o meu corcel,  
Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...  
Sobre o meu coração pesam montanhas...  
Olho assombrada as minhas mãos vazias...

He hum não querer mais que bem querer; (Camões)

X

Eu queria mais altas as estrelas,  
Mais largo o espaço, o sol mais criador,  
Mais refulgente a lua, o mar maior,  
Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas  
Das almas, mais rosais a abrir em flor,  
Mais montanhas, mais asas de condor,  
Mais sangue sobre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida,  
- Quanto mais funda e lúgubre a descida  
Mais alta é a ladeira que não cansa!

E, acabada a tarefa... em paz, contente,  
Um dia adormecer, serenamente,  
Como dorme no berço uma criança!

## **Livro de Mágoas, de Florbela Espanca**

### **Fonte:**

ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. Amadora, Portugal : Bertrand, 1978.

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

William Mendonça – Tanguá/RJ

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **LIVRO DE MÁGOAS Florbela Espanca**

### **ESTE LIVRO ...**

Este livro é de mágoas. Desgraçados  
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!  
Somente a vossa dor de Torturados  
Pode, talvez, senti-lo ... e compreendê-lo.

Este livro é para vós. Abençoados  
Os que o sentirem , sem ser bom nem belo!  
Bíblia de tristes ... Ó Desventurados,  
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas ... Dores ... Ansiedades!  
Livro de Sombras ... Névoas e Saudades!  
Vai pelo mundo ... (Trouxe-o no meu seio ...)

Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,  
Chorai comigo a minha imensa mágoa,  
Lendo o meu livro só de mágoas cheio! ...

## **VAIDADE**

Sonho que sou a Poetisa eleita,  
Aquele que diz tudo e tudo sabe,  
Que tem a inspiração pura e perfeita,  
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade  
Para encher todo o mundo! E que deleita  
Mesmo aqueles que morrem de saudade!  
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo ...  
Aquele de saber vasto e profundo,  
Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,  
E quando mais no alto ando voando,  
Acordo do meu sonho ... E não sou nada! ...

## **EU**

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida! ...

Sou aquela que passa e ninguém vê ...  
Sou a que chamam triste sem o ser ...  
Sou a que chora sem saber porquê ...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver  
E que nunca na vida me encontrou!

## **CASTELÃ DA TRISTEZA**

Alta e couraçada de desdém,  
Vivo sozinha em meu castelo: a Dor!  
Passa por ele a luz de todo o amor ...  
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês? ... A quem? ...  
– E o meu olhar é interrogador –  
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr ...  
Chora o silêncio ... nada ... ninguém vem ...

Castelã da Tristeza, porque choras  
Lendo, toda de branco, um livro de horas,  
À sombra rendilhada dos vitrais? ...

À noite, debruçada, plas ameias,  
Porque rezas baixinho? ... Porque anseias? ...  
Que sonho afaçam tuas mãos reais? ...

## **TORTURA**

Tirar dentro do peito a Emoção,  
A lúcida Verdade, o Sentimento!  
– E ser, depois de vir do coração,  
Um punhado de cinza esparso ao vento! ...

Sonhar um verso de alto pensamento,  
E puro como um ritmo de oração!  
– E ser, depois de vir do coração,  
O pó, o nada, o sonho dum momento ...

São assim ocios, rudes, os meus versos:  
Rimas perdidas, vendavais dispersos,  
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,  
O verso altivo e forte, estranho e duro,  
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!

### **LÁGRIMAS OCULTAS**

Se me ponho a cismar em outras eras  
Em que ri e cantei, em que era querida,  
Parece-me que foi noutras esferas,  
Parece-me que foi numa outra vida ...

E a minha triste boca dolorida,  
Que dantes tinha o rir das primaveras,  
Esbate as linhas graves e severas  
E cai num abandono de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago ...  
Toma a brandura plácida dum lago  
O meu rosto de monja de marfim ...

E as lágrimas que choro, branca e calma,  
Ninguém as vê brotar dentro da alma!  
Ninguém as vê cair dentro de mim!

## **TORRE DE NÉVOA**

Subi ao alto, à minha Torre esguia,  
Feita de fumo, névoas e luar,  
E pus-me, comovida, a conversar  
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria  
Dos versos que são meus, do meu sonhar,  
E todos os poetas, a chorar,  
Responderam-me então: “Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também  
Tivemos ilusões, como ninguém,  
E tudo nos fugiu, tudo morreu! ...”

Calaram-se os poetas, tristemente ...  
E é desde então que eu choro amargamente  
Na minha Torre esguia junto ao céu! ...

## **A MINHA DOR**

*À você*

A minha Dor é um convento ideal  
Cheio de claustros, sombras, arcarias,  
Aonde a pedra em convulsões sombrias  
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias  
Ao gemer, comovidos, o seu mal ...  
E todos têm sons de funeral  
Ao bater horas, no correr dos dias ...

A minha Dor é um convento. Há lírios  
Dum roxo macerado de martírios,  
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,  
Noites e dias rezo e grito e choro,  
E ninguém ouve ... ninguém vê ... ninguém ...

## **DIZERES ÍNTIMOS**

É tão triste morrer na minha idade!  
E vou ver os meus olhos, penitentes  
Vestidinhos de roxo, como crentes  
Do soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade! ...)  
As minhas mãos esguias, languescentes,  
De brancos dedos, uns bebês doentes  
Que hão-de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso,  
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,  
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos ... (Sou tão nova!)  
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida! ...”  
Responde a minha Dor: “Que linda a cova!”

## AS MINHAS ILUSÕES

Hora sagrada dum entardecer  
De Outono, à beira-mar, cor de safira,  
Soa no ar uma invisível lira ...  
O sol é um doente a enlanguescer ...

A vaga estende os braços a suster,  
Numa dor de revolta cheia de ira,  
A doirada cabeça que delira  
Num último suspiro, a estremecer!

O sol morreu ... e veste luto o mar ...  
E eu vejo a urna de ouro, a balouçar,  
À flor das ondas, num lençol de espuma.

As minhas Ilusões, doce tesoiro,  
Também as vi levar em urna de ouro,  
No mar da Vida, assim ... uma por uma ...

## NEURASTENIA

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!  
Um sino dobra em mim Ave-Maria!  
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,  
Faz na vidraça rendas de Veneza ...

O vento desgrenhado chora e reza  
Por alma dos que estão nas agonias!  
E flocos de neve, aves brancas, frias,  
Batem as asas pela Natureza ...

Chuva ... tenho tristeza! Mas porquê?!  
Vento ... tenho saudades! Mas de quê?!  
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!  
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso!! ...

## PEQUENINA

*À Maria Helena Falcão Risques*

És pequenina e ris ... A boca breve  
É um pequeno idílio cor-de-rosa ...  
Haste de lírio frágil e mimosa!  
Cofre de beijos feito sonho e neve!

Doce quimera que a nossa alma deve  
Ao Céu que assim te faz tão graciosa!  
Que nesta vida amarga e tormentosa  
Te fez nascer como um perfume leve!

O ver o teu olhar faz bem à gente ...  
E cheira e sabe, a nossa boca, a flores  
Quando o teu nome diz, suavemente ...

Pequenina que a Mãe de Deus sonhou,  
Que ela afaste de ti aquelas dores  
Que fizeram de mim isto que sou!

## **A MAIOR TORTURA**

*A um grande poeta de Portugal!*

Na vida, para mim, não há deleite.  
Ando a chorar convulsa noite e dia ...  
E não tenho uma sombra fugidia  
Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilás tenho que enfeite  
A minha atroz, imensa nostalgia! ...  
A minha pobre Mãe tão branca e fria  
Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo desprezado,  
A urze que se pisa sob os pés.  
Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura inda é maior:  
Não ser poeta assim como tu és  
Para gritar num verso a minha Dor! ...

## **A FLOR DO SONHO**

A Flor do Sonho, alvíssima, divina,  
Miraculosamente abriu em mim,  
Como se uma magnólia de cetim  
Fosse florir num muro todo em ruína.

Pende em meu seio a haste branda e fina  
E não posso entender como é que, enfim,  
Essa tão rara flor abriu assim! ...  
Milagre ... fantasia ... ou, talvez, sina ...

Ó Flor que em mim nasceste sem abrolhos,  
Que tem que sejam tristes os meus olhos  
Se eles são tristes pelo amor de ti?! ...

Desde que em mim nasceste em noite calma,  
Voou ao longe a asa da minha'alma  
E nunca, nunca mais eu me entendi ...

## **NOITE DE SAUDADE**

A Noite vem poisando devagar  
Sobre a Terra, que inunda de amargura ...  
E nem sequer a bênção do luar  
A quis tornar divinamente pura ...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar  
A sua dor que é cheia de tortura ...  
E eu oiço a Noite imensa soluçar!  
E eu oiço soluçar a Noite escura!

Por que és assim tão escura, assim tão triste?!  
É que, talvez, ó Noite, em ti existe  
Uma Saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu sei donde me vem ...  
Talvez de ti, ó Noite! ... Ou de ninguém! ...  
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

## ANGÚSTIA

Tortura do pensar! Triste lamento!  
Quem nos dera calar a tua voz!  
Quem nos dera cá dentro, muito a sós,  
Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar! ... e o pensamento  
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós ...  
Querer apagar no céu – ó sonho atroz! –  
O brilho duma estrela, com o vento! ...

E não se apaga, não ... nada se apaga!  
Vem sempre rastejando como a vaga ...  
Vem sempre perguntando: “O que te resta? ...”

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!  
Ser pedaço de gelo, ser granito,  
Ser rugido de tigre na floresta!

## AMIGA

Deixa-me ser a tua amiga, Amor,  
A tua amiga só, já que não queres  
Que pelo teu amor seja a melhor,  
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor  
O que me importa a mim?! O que quiseses  
É sempre um sonho bom! Seja o que for,  
Bendito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho ...  
Como se os dois nascêssemos irmãos,  
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho ...

Beija-mas bem! ... Que fantasia louca  
Guardar assim, fechados, nestas mãos  
Os beijos que sonhei prà minha boca! ...

## DESEJOS VÃOS

Eu queria ser o Mar de altivo porte  
Que ri e canta, a vastidão imensa!  
Eu queria ser a Pedra que não pensa,  
A pedra do caminho, rude e forte!

Eu queria ser o Sol, a luz imensa,  
O bem do que é humilde e não tem sorte!  
Eu queria ser a árvore tosca e densa  
Que ri do mundo vão e até a morte!

Mas o Mar também chora de tristeza ...  
As árvores também, como quem reza,  
Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim de um dia,  
Tem lágrimas de sangue na agonia!  
E as Pedras ... essas ... pisa-as toda a gente! ...

## PIOR VELHICE

Sou velha e triste. Nunca o alvorecer  
Dum riso são andou na minha boca!  
Gritando que me acudam, em voz rouca,  
Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida, que ao nascer, enfeitada e touca  
De alvas rosas a fronte da mulher,  
Na minha fronte mística de louca  
Martírios só poisou a emurcheçar!

E dizem que sou nova ... A mocidade  
Estará só, então, na nossa idade,  
Ou está em nós e em nosso peito mora?!

Tenho a pior velhice, a que é mais triste,  
Aquela onde nem sequer existe  
Lembrança de ter sido nova ... outrora ...

### **A UM LIVRO**

No silêncio de cinzas do meu Ser  
Agita-se uma sombra de cipreste,  
Sombra roubada ao livro que ando a ler,  
A esse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquele que escreveste,  
Artista da saudade e do sofrer!  
Estranho livro aquele em que puseste  
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o, e folheio, assim, toda a minh'alma!  
O livro que me deste é meu, e salma  
As orações que choro e rio e canto! ...

Poeta igual a mim, ai que me dera  
Dizer o que tu dizes! ... Quem soubera  
Velar a minha Dor desse teu manto! ...

### **ALMA PERDIDA**

Toda esta noite o rouxinol chorou,  
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!  
Alma de rouxinol, alma da gente,  
Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,  
Que se fundiu na Dor, suavemente ...  
Talvez sejas a alma, a alma doente  
Dalguém que quis amar e nunca amou!

Toda a noite choraste ... e eu chorei  
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei  
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,  
Que eu pensei que tu eras a minh'alma  
Que chorasse perdida em tua voz! ...

### **DE JOELHOS**

“Bendita seja a Mãe que te gerou.”  
Bendito o leite que te fez crescer

Bendito o berço aonde te embalou  
A tua ama, pra te adormecer!

Bendita essa canção que acalentou  
Da tua vida o doce alvorecer ...  
Bendita seja a Lua, que inundou  
De luz, a Terra, só para te ver ...

Benditos sejam todos que te amarem,  
As que em volta de ti ajoelharem  
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser  
Alguém, bendita seja essa Mulher,  
Bendito seja o beijo dessa boca!!

### **LANGUIDEZ**

Tardes da minha terra, doce encanto,  
Tardes duma pureza de açucenas,  
Tardes de sonho, as tardes de novenas,  
Tardes de Portugal, as tardes de Antó,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!  
Horas benditas, leves como penas,  
Horas de fumo e cinza, horas serenas,  
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,  
Que poisam sobre duas violetas,  
Asas leves cansadas de voar ...

E a minha boca tem uns beijos mudos ...  
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,  
Traçam gestos de sonho pelo ar ...

### **PARA QUÊ?!**

Tudo é vaidade neste mundo vão ...  
Tudo é tristeza, tudo é pó, é nada!  
E mal desponta em nós a madrugada,  
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção  
Que o nosso peito ri à gargalhada,  
Flor que é nascida e logo desfolhada,  
Pétalas que se pisam pelo chão! ...

Beijos de amor! Pra quê?! ... Tristes vaidades!  
Sonhos que logo são realidades,  
Que nos deixam a alma como morta!

Só neles acredita quem é louca!  
Beijos de amor que vão de boca em boca,  
Como pobres que vão de porta em porta! ...

### **AO VENTO**

O vento passa a rir, torna a passar,  
Em gargalhadas ásperas de demente;  
E esta minh'alma trágica e doente  
Não sabe se há-de rir, se há-de chorar!

Vento de voz tristonha, voz plangente,  
Vento que ris de mim sempre a troçar,  
Vento que ris do mundo e do amor,  
A tua voz tortura toda a gente! ...

Vale-te mais chorar, meu pobre amigo!  
Desabafa essa dor a sós comigo,  
E não rias assim ! ... Ó vento, chora!

Que eu bem conheço, amigo, esse fadário  
Do nosso peito ser como um Calvário,  
e a gente andar a rir pla vida fora!! ...

## **TÉDIO**

Passo pálida e triste. Oiço dizer:  
“Que branca que ela é! Parece morta!”  
e eu que vou sonhando, vaga, absorta,  
não tenho um gesto, ou um olhar sequer ...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!  
– O que é que isso me faz? O que me importa? ...  
O frio que trago dentro gela e corta  
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que me importa?! Essa tristeza  
É menos dor intensa que frieza,  
É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente ...  
O mesmo lago plácido, dormente ...  
E os dias, sempre os mesmos, a correr ...

## **A MINHA TRAGÉDIA**

Tenho ódio à luz e raiva à claridade  
Do sol, alegre, quente, na subida.  
Parece que a minh'alma é perseguida  
Por um carrasco cheio de maldade!

Ó minha vã, inútil mocidade,  
Trazes-me embriagada, entontecida! ...  
Duns beijos que me deste noutra vida,  
Trago em meus lábios roxos, a saudade! ...

Eu não gosto do sol, eu tenho medo  
Que me leiam nos olhos o segredo  
De não amar ninguém, de ser assim!

Gosto da Noite imensa, triste, preta,  
Como esta estranha e doida borboleta  
Que eu sinto sempre a voltejar em mim! ...

## **SEM REMÉDIO**

Aqueles que me têm muito amor  
Não sabem o que sinto e o que sou ...  
Não sabem que passou, um dia, a Dor  
À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor,  
Este frio que anda em mim, e que gelou  
O que de bom me deu Nosso Senhor!  
Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência  
Que é já tortura infinda, que é demência!  
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,  
A mesma angústia funda, sem remédio,  
Andando atrás de mim, sem me largar!

## **MAIS TRISTE**

É triste, diz a gente, a vastidão  
Do mar imenso! E aquela voz fatal  
Com que ele fala, agita o nosso mal!  
E a Noite é triste como a Extrema-Unção!

É triste e dilacera o coração  
Um poente do nosso Portugal!  
E não vêem que eu sou ... eu ... afinal,  
A coisa mais magoada das que são?! ...

Poentes de agonia trago-os eu  
Dentro de mim e tudo quanto é meu  
É um triste poente de amargura!

E a vastidão do Mar, toda essa água  
Trago-a dentro de mim num mar de Mágoa!  
E a noite sou eu própria! A Noite escura!!

## **VELHINHA**

Se os que me viram já cheia de graça  
Olharem bem de frente em mim,  
Talvez, cheios de dor, digam assim:  
“Já ela é velha! Como o tempo passa! ...”

Não sei rir e cantar por mais que faça!  
Ó minhas mãos talhadas em marfim,  
Deixem esse fio de oiro que esvoaça!  
Deixem correr a vida até o fim!

Tenho vinte e três anos! Sou velhinha!  
Tenho cabelos brancos e sou crente ...  
Já murmuro orações ... falo sozinha ...

E o bando cor-de-rosa dos carinhos  
Que tu me fazes, olho-os indulgente,  
Como se fosse um bando de netinhos ...

### **EM BUSCA DO AMOR**

O meu Destino disse-me a chorar:  
“Pela estrada da Vida vai andando,  
E, aos que vires passar, interrogando  
Acerca do Amor, que hás-de encontrar.”

Fui pela estrada a rir e a cantar,  
As contas do meu sonho desfilando ...  
E noite e dia, à chuva e ao luar,  
Fui sempre caminhando e perguntando ...

Mesmo a um velho eu perguntei: “Velhinho,  
Viste o Amor acaso em teu caminho?”  
E o velho estremeceu ... olhou ... e riu ...

Agora pela estrada, já cansados,  
Voltam todos pra trás desanimados ...  
E eu paro a murmurar: “Ninguém o viu! ...”

## IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:  
“Parece Sexta-Feira de Paixão.  
Sempre a cismar, cismar de olhos no chão,  
Sempre a pensar na dor que não existe ...

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!  
Faça por estar contente! Pois então?! ...”  
Quando se sofre, o que se diz é vão ...  
Meu coração, tudo, calado, ouviste ...

Os meus males ninguém mos adivinha ...  
A minha Dor não fala, anda sozinha ...  
Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera! ...

Os males de Anto toda a gente os sabe!  
Os meus ... ninguém ... A minha Dor não cabe  
Nos cem milhões de versos que eu fizera! ...

## **O LIVRO D'ELE**

(1915-1917)

Florbela Espanca

### **JUNQUILHOS...**

Nessa tarde mimosa de saudade  
Em que eu te vi partir, ó meu amor,  
Levaste-me a minh'alma apaixonada  
Nas olhas perfumadas duma flor.

E como a alma, dessa florzita,  
Que é a minha, por ti palpita amante!  
Oh alma doce, pequenina e branca,  
Conserva o teu perfume estonteante!

Quando fores velha, emurchecida e triste,  
Recorda ao meu amor, com teu perfume  
A paixão que deixou e qu'inda existe...

Ai, dize-lhe que se lembre dessa tarde,  
Que venha aquecer-se ao brando lume  
Dos meus olhos que morrem de saudade!

### **O TEU OLHAR**

Quando fito o teu olhar,  
Duma tristeza fatal,  
Dum tão íntimo sonhar,  
Penso logo no luar  
Bendito de Portugal!

O mesmo tom de tristeza,  
O mesmo vago sonhar,  
Que me traz a alma presa  
Às festas da Natureza  
E à doce luz desse olhar!

Se algum dia, por meu mal,  
A doce luz me faltar

Desse teu olhar ideal,  
Não se esqueça Portugal  
De dizer ao seu luar

Que à noite, me vá depor  
Na campa em que eu dormir,  
Essa tristeza, essa dor,  
Essa amargura, esse amor,  
Que eu lia no teu olhar!

## **DOCE MILAGRE**

O dia chora. Agonizo  
Com ele meu doce amor.  
Nem a sombra dum sorriso,  
Na Natureza diviso,  
A dar-lhe vida e frescor!

A triste bruma, pesada,  
Parece, detrás da serra  
Fina renda, esfarrapada,  
De Malines, desdobrada  
Em mil voltas pela terra!

(O dia parece um réu.  
Bate a chuva nas vidraças.)

As avezitas, coitadas,  
'Squeceram hoje o cantar.  
As flores pendem, fanadas  
Nas finas hastes, cansadas  
De tanto e tanto chorar...

O dia parece um réu.  
Bate a chuva nas vidraças.  
É tudo um imenso véu.  
Nem a terra nem o céu  
Se distingue. Mas tu passas...

E o sol doirado aparece.  
O dia é uma gargalhada.  
A Natureza endoidece  
A cantar. Tudo entenece  
A minh'alma angustiada!

Rasgam-se todos os véus  
As flores abrem, sorrindo.  
Pois se eu vejo os olhos teus  
A fitarem-se nos meus,  
Não há de tudo ser lindo?!

Se eles são prodigiosos  
Esses teus olhos suaves!  
Basta fitá-los, mimosos,  
Em dias assim chuvosos,  
Para ouvir cantar as aves!

A Natureza, zangada,  
Não quer os dias risonhos?...  
Tu passas... e uma alvorada  
Pra mim abre perfumada,  
Enche-me o peito de sonhos!

### **CARTA PARA LONGE**

O tempo vai um encanto,  
A Primavera 'stá linda,  
Voltaram as andorinhas...  
E tu não voltaste ainda!...

Porque me fazes sofrer?  
Porque te demoras tanto?  
A Primavera 'stá linda...  
O tempo vai um encanto...

Tu não sabes, meu amor,  
Que, quem 'spera, desespera?  
O tempo está um encanto...  
E, vai linda a Primavera...

Há imensas andorinhas;  
Cobrem a terra e o céu!  
Elas voltaram aos ninhos...  
Volta também para o teu!...

Adeus. Saudades do sol,  
Da madressilva e da hera;  
Respeitosos cumprimentos  
Do tempo e da Primavera.

Mil beijos da tua q'rida,  
Que é tua por toda a vida.

## TRISTE PASSEIO

Vou pela estrada, sozinha.  
Não me acompanha ninguém.  
- Num atalho, em voz mansinha:  
"Como está ele? Está bem?"

É a toutinegra curiosa;  
Há em mim um doce enleio...  
Nisto pergunta uma rosa:  
"Então ele? Inda não veio?"

Sinto-me triste, doente...  
E nem me deixam esquecer-lo!...  
Nisto o sol impertinente:  
"Sou um fio do seu cabelo..."

Ainda bem. É noitinha.  
Enfim já posso pensar!  
Ai, já me deixam sozinha!  
De repente, oiço o luar:

"Que imensa mágoa me invade,  
Que dor o meu peito sente!  
Tenho uma enorme saudade!  
De ver o teu doce ausente!"

Volto a casa. Que tristeza!  
Inda é maior minha dor...  
Vem depressa. A natureza  
Só fala de ti, amor!

## MENTIRAS

"Ai quem me dera uma feliz mentira,  
Que fosse uma verdade para mim!"  
J.Dantas

Tu julgas que eu não sei que tu me mentes  
Quando o teu doce olhar poisa no meu?  
Pois julgas que eu não sei o que tu sentes?  
Qual a imagem que alberga o peito teu?

Ai, se o sei, meu amor! Eu bem distingo  
O bom sonho da feroz realidade...  
Não palpita d'amor, um coração  
Que anda vogando em ondas de saudade!

Embora mintas bem, não te acredito;  
Perpassa nos teus olhos desleais,  
O gelo do teu peito de granito...

Mas finjo-me enganada, meu encanto,  
Que um engano feliz vale bem mais  
Que um desengano que nos custa tanto!

## **OS MEUS VERSOS**

Leste os meus versos? Leste? E adivinhaste  
O encanto supremo que os ditou?  
Acaso, quando os leste, imaginaste  
Que era o teu esse olhar que os inspirou?

Adivinhaste? Eu não posso acreditar  
Que adivinhasses, vês? E até, sorrindo.  
Tu disseste para ti: "Por um olhar  
Somente, embora fosse assim tão lindo,

Ficar amando um homem!... Que loucura!"  
- Pois foi o teu olhar; a noite escura,  
- (Eu só a ti digo, e muito a medo...)

Que inspirou esses versos! Teu olhar  
Que eu trago dentro d'alma a soluçar!  
.....  
Aí não descubras nunca o meu segredo!

[sem título]

Meu fado, meu doce amigo  
Meu grande consolador  
Eu quero ouvir-te rezar,  
Orações à minha dor!

Só no silêncio da noite  
Vibrando perturbador,  
Quantas almas não consolas  
Nessa toada d'amor!

Cantando p'r uma voz pura  
Eu quero ouvir-te também  
P'r uma voz que me recorde  
A doce voz do meu bem!

Pela calada da noite  
Quando o luar é dolente  
Eu quero ouvir essa voz  
Docemente... docemente...

## **AOS OLHOS D'ELE**

Não acredito em nada. As minhas crenças  
Voaram como voa a pomba mansa,  
Pelo azul do ar. E assim fugiram  
As minhas doces crenças de criança.

Fiquei então sem fé; e a toda a gente  
Eu digo sempre. embora magoada:  
Não acredito em Deus e a Virgem Santa  
É uma ilusão apenas e mais nada!

Mas avisto os teus olhos, meu amor,  
Duma luz suavíssima de dor...  
E grito então ao ver esses dois céus:

Eu creio, sim, eu creio na Virgem Santa  
Que criou esse brilho que m'encanta!  
Eu creio, sim, creio, eu creio em Deus!

## **MISTÉRIO D'AMOR**

Um mistério que trago dentro em mim  
Ajuda-me, minh'alma a descobrir...  
É um mistério de sonho e de luar  
Que ora me faz chorar, ora sorrir!

Vimos tanto tempo tão amigos!  
E sem que o teu olhar puro toldasse  
A pureza do meu. E sem que um beijo  
As nossas bocas rubras desfolhasse!

Mas um dia, uma tarde... houve um fulgor,  
Um olhar que brilhou... e mansamente...  
Ai, dize ó meu encanto, meu amor:

Porque foi que somente nessa tarde  
Nos olhamos assim tão docemente  
Num grande olhar d'amor e de saudade?!

### **ESCREVE-ME...**

Escreve-me! Ainda que seja só  
Uma palavra, uma palavra apenas,  
Suave como o teu nome e casta  
Como um perfume casto d'açucenas!

Escreve-me! Há tanto, há tanto tempo  
Que te não vejo, amor! Meu coração  
Morreu já, e no mundo aos pobres mortos  
Ninguém nega uma frase d'oração!

"Amo-te!" Cinco letras pequeninas,  
Folhas leves e tenras de boninas,  
Um poema d'amor e felicidade!

Não queres mandar-me esta palavra apenas?  
Olha, manda então... brandas... serenas...  
Cinco pétalas roxas de saudade...

### **O TEU SEGREDO**

O mundo diz-te alegre porque o riso  
Desabrocha em tua boca, docemente  
Como uma flor de luz! Meigo sorriso  
Que na tua boca poisa alegremente!

Chama-te o mundo alegre. Ai, meu amor,  
Só eu inda li bem nessa alegria!...  
Também parece alegre a triste cor  
Do sol, à tarde, ao despedir-se o dia!...

És triste; eu sei. Toda suavidade  
Tão roxa, como é roxa uma saudade  
É a tua alma, amor, cheia de mágoa.

Eu sei que és triste, sei. O meu olhar  
Descobriu o segredo, que a cantar  
Repoisa nos teus olhos rasos d'água!

## **DOCE CERTEZA**

Por essa vida fora hás de adorar  
Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,  
Em infinito anseio hás de beijar  
Estrelas d'oiro fulgindo em muita boca!

Hás de guardar em cofre perfumado  
Cabelos d'oiro e risos de mulher,  
Muito beijo d'amor apaixonado;  
E não te lembrarás de mim sequer!..

Hás de tecer uns sonhos delicados...  
Hão de por muitos olhos magoados,  
Os teus olhos de luz andar imersos !

Mas nunca encontrarás p' la vida fora,  
Amor assim como este amor que chora  
Neste beijo d'amor que são meus versos!

## **SONHO MORTO**

Nosso sonho morreu. Devagarinho,  
Rezemos uma prece doce e triste  
Por alma desse sonho! Vá... baixinho...  
Por esse sonho, amor, que não existe!

Vamos encher-lhe o seu caixão dolente  
De roxas violetas; triste cor!  
Triste como ele, nascido ao sol poente,  
O nosso sonho... ai!... reza baixo... amor...

Foste tu que o mataste! E foi sorrindo,  
Foi sorrindo e cantando alegremente,  
Que tu mataste o nosso sonho lindo!

Nosso sonho morreu... Reza mansinho...  
Ai, talvez que rezando, docemente,  
O nosso sonho acorde... mais baixinho...

## **SONHANDO...**

É noite pura e linda. Abro a minha janela  
E olho suspirando o infinito céu,  
Fico a sonhar de leve em muita coisa bela  
Fico a pensar em ti e neste amor que é teu!

D'olhos fechados sonho. A noite é uma elegia  
Cantando brandamente um sonho todo d'alma  
E enquanto a lua branca o linho bom desfia  
Eu sinto almas passar na noite linda e calma.

Lá vem a tua agora... Numa carreira louca  
Tão perto que passou, tão perto à minha boca  
Nessa carreira doida, estranha e caprichosa

Que a minh'alma cativa estremece, esvoaça  
Para seguir a tua, como a folha de rosa  
Segue a brisa que a beija... e a tua alma passa!...

## **DESEJO**

Quero-te ao pé de mim na hora de morrer.  
Quero, ao partir, levar-te, todo suavidade,  
Ó doce olhar de sonho, ó vida dum viver  
Amortalhado sempre à luz duma saudade!

Quero-te junto a mim quando o meu rosto branco  
Se ungir da palidez sinistra do não ser,  
E quero ainda, amor, no meu supremo arranco  
Sentir junto ao meu seio teu coração bater!

Que seja a tua mão tão branda como a neve  
Que feche o meu olhar numa carícia leve  
Em doce perpassar de pétala de lis...

Que seja a tua boca rubra como o sangue  
Que feche a minha boca, a minha boca exangue!...

.....  
Ah, venha a morte já que eu morrerei feliz!...

## **CONFISSÃO**

Aborreço-te muito. Em ti há qualquer coisa  
De frio e de gelado, de pérfido e cruel,  
Como um orvalho frio no tampo duma lousa,  
Como em doirada taça algum amargo fel.

Odeio-te também. O teu olhar ideal  
O teu perfil suave, a tua boca linda,  
São belas expressões de todo o humano mal  
Que inunda o mar e o céu e toda a terra infinda.

Desprezo-te também. Quando te ris e falas,  
Eu fico-me a pensar no mal que tu calas  
Dizendo que me queres em íntimo fervor!

Odeio-te e desprezo-te. Aqui toda a minh'alma  
Confessa-to a rir, muito serena e calma!

.....  
Ah, como eu te adoro, como eu te quero, amor!...

### **AONDE?...**

Ando a chamar por ti, demente, alucinada,  
Aonde estás, amor? Aonde... aonde... aonde?...  
O eco ao pé de mim segreda... desgraçada...  
E só a voz do eco, irônica, responde!

Estendo os braços meus! Chamo por ti ainda!  
O vento, aos meus ouvidos, soluça a murmurar;  
Parece a tua voz, a tua voz tão linda  
Cantando como um rio banhado de luar!

Eu grito a minha dor, a minha dor intensa!  
Esta saudade enorme, esta saudade imensa!  
E Só a voz do eco à minha voz responde...

Em gritos, a chorar, soluço o nome teu  
E grito ao mar, à terra, ao puro azul do céu:  
Aonde estás, amor? Aonde... aonde... aonde?...

### **QUEM SABE?!...**

Eu sigo-te e tu foges. É este o meu destino:  
Beber o fel amargo em luminosa taça,  
Chorar amargamente um beijo teu, divino,  
E rir olhando o vulto altivo da desgraça!

Tu foges-me, e eu sigo o teu olhar bendito;  
Por mais que fujas sempre, um sonho há de alcançar-te  
Se um sonho pode andar por todo o infinito,  
De que serve fugir se um sonho há de encontrar-te?!

Demais, nem eu talvez, perceba se o amor  
É este perseguir de raiva, de furor,  
Com que eu te sigo assim como os rafeiros leais.

Ou se é então a fuga eterna, misteriosa,  
Com que me foges sempre, ó noite tenebrosa!

.....  
Por me fugires, sim, talvez me queiras mais!

## **HUMILDADE**

Toda a terra que pisas, eu q'ria, ajoelhada,  
Beijar terna e humilde em lânguido fervor;  
Q'ria poisar fervente a boca apaixonada  
Em cada passo teu, ó meu bendito amor!

De cada beijo meu, havia de nascer  
Uma sangrenta flor! Ébria de luz, ardente!  
No colo purpurino havia de trazer  
Desfeito no perfume o mist'rioso Oriente!

Q'ria depois colher essas flores reais,  
Essas flores de sonho, estranhas, sensuais,  
E lançar-tas aos pés em perfumados molhos.

Bem paga ficaria, ó meu cruel amante!  
Se, sobre elas, eu visse apenas um instante  
Cair como um orvalho os teus divinos olhos!

## **ORAÇÃO DE JOELHOS**

Bendita seja a mãe que te gerou!  
Bendito o leite que te fez crescer!  
Bendito o berço aonde te embalou  
A tua ama pra te adormecer!

Bendito seja o brilho do luar  
Da noite em que nasceste tão suave,  
Que deu essa candura ao teu olhar  
E à tua voz esse gorjeio d'ave!

Benditos sejam todos que te amarem!  
Os que em volta de ti ajoelharem  
Numa grande paixão, fervente, louca!

E se mais, que eu, um dia te quiser  
Alguém, bendita seja essa mulher!  
Bendito seja o beijo dessa boca!

## **AOS OLHOS D'ELE**

É noite de luar casto e divino.  
Tudo é brancura, tudo é castidade...  
Parece que Jesus, doce bambino,  
Anda pisando as ruas da cidade...

E eu que penso na suavidade  
Do tempo que não volta, que não passa,  
Olho o luar, chorando de saudade  
De teus olhos claros cheios de graça!...

Oceanos de luz que procurando  
O seu leito d'amor, andam sonhando  
Por esta noite linda de luar...

Talvez o perfumado, o brando leito  
Que procurais, ó olhos, no meu peito  
Esteja à vossa espera a soluçar...

## **DESDÉM**

Andas dum lado pro outro  
Pela rua passeando;  
Finges que não queres ver  
Mas sempre me vais olhando.

É um olhar fugidio,  
Olhar que dura um instante,  
Mas deixa um rasto de estrelas  
O doce olhar saltitante...

É esse rasto bendito  
Que atraiçoa o teu olhar,  
Pois é tão leve e fugaz  
Que eu nem o sinto passar!

Quem tem uns olhos assim  
E quer fingir o desdém,  
Não pode nem um instante  
Olhar os olhos d'alguém...

Por isso vai caminhando...  
E se queres a muita gente  
Demonstrar que me desprezas  
Olha os meus olhos de frente!...

## RÚSTICA

Eu q'ria ser camponesa;  
Ir esperar-te à tardinha  
Quando é doce a Natureza  
No silêncio da devesa,  
E só voltar à noitinha...

Levar o cântaro à fonte  
Deixá-lo devagarinho,  
E correndo pela ponte  
Que fica detrás do monte  
Ir encontrar-te sozinho...

E depois quando o luar  
Andasse pelas estradas,  
D'olhos cheios do teu olhar  
Eu voltaria a sonhar,  
P'los caminhos de mãos dadas.

E depois se toda a gente  
Perguntasse: "Que encarnada,  
Rapariga! Estás doente?"  
Eu diria: "É do poente,  
Que assim me fez encarnada!"

E fitando ao longe a ponte,  
Com meu olhar cheio do teu,  
Diria a sorrir pro monte:  
"O cant'ro ficou na fonte  
Mas os beijos trouxe-os eu..."

?!

Se as tuas mãos divinas folhearem  
As páginas de luto uma por uma  
Deste meu livro humilde; se poisarem  
Esses teus claros olhos como espuma

Nos meus versos d'amor, se docemente  
Tua boca os beijar, lendo-os, um dia;

Se o teu sorrir pairar suavemente  
Nessas palavras minhas d'agonia,

Repara e vê! Sob essas mãos benditas,  
Sob esses olhos teus, sob essa boca,  
Hão de pairar carícias infinitas!

Eu atirei minh'alma como um rito  
Às trevas desse livro, assim, ó louca!  
A noite atira sóis ao infinito!..

## **SÚPLICA**

A prece que eu murmuro, a soluçar  
Ao Deus todo bondade e todo amor,  
É rezada de rastos no altar  
Onde a tristeza reza com a dor!

A minha boca reza-a comovida,  
Chora-a meus olhos, beija-a o meu peito  
Sonha-a minh' alma sempre enternecida  
Ao ver-te rir, ó meu Amor Perfeito..

Que o Deus do céu atenda a minha prece,  
Embora eu saiba nesta desventura  
Que Deus só ouve aquele que o merece!

Mas vou pedindo ao Deus de piedade,  
Que te conceda anos de ventura,  
Como dias a mim de infelicidade!...

## **ESCUA...**

À Beatriz Carvalho

Escuta, amor, escuta a voz que ao teu ouvido  
Te canta uma canção na rua em que morei,  
Essa soturna voz há de contar-te, amigo  
Por essa rua minha os sonhos que sonhei!

Fala d'amor a voz em tom enternecido,  
Escuta-a com bondade. O muito que te amei  
Anda pairando aí em sonho comovido  
A envolver-te em oiro!... Assim s'envolve um rei!

Num nimbo de saudade e doce como a asa  
Recorta-se no céu a minha humilde casa  
Onde ficou minh'alma assim como penada

A arrastar grilhões como um fantasma triste.  
É dela a voz que fala, é dela a voz que existe  
Na rua em que morei... Anda crucificada!

### **A ESTA HORA...**

A esta hora branda d'amargura,  
A esta hora triste em que o luar  
Anda chorando, Ó minha desventura  
Onde estás tu? Onde anda o teu olhar?

A noite é calma e triste... a murmurar  
Anda o vento, de leve, na doçura  
Ideal do aveludado ar  
Onde estrelas palpitam... Noite escura

Dize-me onde ele está o meu amor,  
Onde o vosso luar o vai beijar,  
Onde as vossas estrelas co fulgor

Do seu brilho de fogo o vão cobrir!  
Dize-me onde ele está!... Talvez a olhar  
A mesma noite linda a refulgir...

### **SOL POSTO**

Sol posto. O sino ao longe dá Trindades  
Nas ravinas do monte andam cantando  
As cigarras dolentes... E saudades  
Nos atalhos parecem dormitando...

É esta a hora em que a suave imagem  
Do bem que já foi nosso nos tortura  
O coração no peito, em que a paisagem  
Nos faz chorar de dor e d'amargura...

É a hora também em que cantando  
As andorinhas vão p'lo meio das ruas  
Para os ninhos, contentes, chilreando...

Quem me dera também, amor, que fosse  
Esta a hora de todas a mais doce  
Em que eu unisse as minhas mãos às tuas!...

## **ESTRELA CADENTE**

Traço de luz... lá vai! Lá vai! Morreu.  
Do nosso amor me lembra a suavidade...  
Da estrela não ficou nada no céu  
Do nosso sonho em ti nem a saudade!

Pra onde iria a 'strela? Flor fugida  
Ao ramalhete atado no infinito...  
Que ilusão seguiria entontecida  
A linda estrela de fulgir bendito?...

Aonde iria, aonde iria a flor?  
(Talvez, quem sabe?... ai quem soubesse, amor!)  
Se tu o vires minha bendita estrela

Alguma noite... Deves conhecê-lo!  
Falo-te tanto nele!... Pois ao vê-lo  
Dize-lhe assim: "Por que não pensas nela?"

## **VERSOS**

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...  
Pedacos de sorriso, branca espuma,  
Gargalhadas de luz. cantos dispersos,  
Ou pétalas que caem uma a uma.

Versos!... Sei lá! Um verso é teu olhar,  
Um verso é teu sorriso e os de Dante  
Eram o seu amor a soluçar  
Aos pés da sua estremeçada amante!

Meus versos!... Sei eu lá também que são...  
Sei lá! Sei lá!... Meu pobre coração  
Partido em mil pedacos são talvez...

Versos! Versos! Sei lá o que são versos..  
Meus soluços de dor que andam dispersos  
Por este grande amor em que não crês!...

## RELIQUIAE

Florbela Espanca

Título dado a este livro por Guido Battelli, que ficou depositário destes originais após a morte da poetisa. Foi publicado, como apêndice, nas 2ª e 3ª edições de Charneca em flor.

### POBREZINHA

Nas nossas duas sinas tão contrárias  
Um pelo outro somos ignorados:  
Sou filha de regiões imaginárias,  
Tu pisas mundos firmes já pisados.

Trago no olhar visões extraordinárias  
De coisas que abracei de olhos fechados... -  
Em mim não trago nada, como os párias...  
Só tenho os astros, como os deserdados...

E das tuas riquezas e de ti  
Nada me deste e eu nada recebi,  
Nem o beijo que passa e que consola.

E o meu corpo, minh'alma e coração  
Tudo em risos poisei na tua mão!...  
...Ah, como é bom um pobre dar esmola!...

### ROSEIRA BRAVA

Há nos teus olhos de oiro um tal fulgor  
E no teu riso tanta claridade,  
Que o lembrar-me de ti é ter saudade  
Duma roseira brava toda em flor.

Tuas mãos foram feitas para a dor,  
Para os gestos de doçura e piedade;  
E os teus beijos de sonho e de ansiedade  
São como a alma a arder do próprio amor!

Nasci envolta em trajes de mendiga;  
E, ao dares-me o teu amor de maravilha,  
Deste-me o manto de oiro de rainha!

Tua irmã... teu amor... e tua amiga...  
E também - toda em flor - a tua filha,  
Minha roseira brava que é só minha!...

## **NAVIOS-FANTASMAS**

O arabesco fantástico do fumo  
Do meu cigarro traça o que disseste,  
A azul, no ar; e o que me escreveste,  
E tudo o que sonhaste e eu presumo.

Para a minha alma estática e sem rumo,  
A lembrança de tudo o que me deste  
Passa como o navio que perdeste,  
No arabesco fantástico do fumo...

Lá vão! Lá vão! Sem velas e sem mastros,  
Têm o brilho rutilante de astros,  
Navios-fantasmas, perdem-se a distância!

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,  
Noiva-menina, as doidas caravelas,  
Ao ignoto País da minha infância...

## **O MEU SONETO**

Em atitudes e em ritmos fleumáticos,  
Erguendo as mãos em gestos recolhidos,  
Todos os brocados fúlgidos, hieráticos,  
Em ti andam bailando os meus sentidos...

E os meus olhos serenos, enigmáticos,  
Meninos que na estrada andam perdidos,  
Dolorosos, tristíssimos, extáticos,  
São letras de poemas nunca lidos...

As magnólias abertas dos meus dedos  
São mistérios, são filtros, são enredos  
Que pecados d'amor trazem de rastos...

E a minha boca, a rútila manhã,  
Na Via Láctea, lírica, pagã,  
A rir desfolha as pétalas dos astros!...

## **NIHIL NOVUM**

Na penumbra do pórtico encantado  
De Bruges, noutras eras, já vivi;  
Vi os templos do Egito com Loti;  
Lancei flores, na Índia, ao rio sagrado.

No horizonte de bruma opalizado,  
Frente ao Bósforo errei, pensando em ti!  
O silêncio dos claustros conheci  
Pelos poentes de nácar e brocado...

Mordi as rosas brancas de Ispahan  
E o gosto a cinza em todas era igual!  
Sempre a charneca bárbara e deserta,

Triste, a florir numa ansiedade vã!  
Sempre da vida - o mesmo estranho mal,  
E o coração - a mesma chaga aberta!

## **ÉVORA**

Évora! Ruas ermas sob os céus  
Cor de violetas roxas... Ruas frades  
Pedindo em triste penitência a Deus  
Que nos perdoe as míseras vaidades!

Tenho corrido em vão tantas cidades!  
E só aqui recordo os beijos teus,  
E só aqui eu sinto que são meus  
Os sonhos que sonhei noutras idades!

Évora!... O teu olhar... o teu perfil...  
Tua boca sinuosa, um mês de Abril  
Que o coração no peito me alvoroça!

...Em cada viela o vulto dum fantasma...  
E a minha alma soturna escuta e pasma...  
E sente-se passar *menina-e-moça*...

## **À JANELA DE GARCIA DE REZENDE**

Janela antiga sobre a rua plana...  
Ilumina-a o luar com o seu clarão...  
Dantes, a descansar de luta insana,  
Fui, talvez, flor no poético balcão...

Dantes! Da minha glória altiva e ufana,  
Talvez... Quem sabe?... Tonto de ilusão,  
Meu rude coração de alentejana  
Me palpitasse ao luar nesse balcão...

Mística dona, em outras Primaveras,  
Em refulgentes horas de outras eras,  
Vi passar o cortejo ao sol doirado...

Bandeiras! Pajens! O pendão real!  
E na tua mão, vermelha, triunfal,  
Minha divisa: um coração chagado!...

## **O MEU IMPOSSÍVEL**

Minh'alma ardente é uma fogueira acesa,  
É um brasido enorme a crepitar!  
Ânsia de procurar sem encontrar  
A chama onde queimar uma incerteza!

Tudo é vago e incompleto! E o que mais pesa  
É nada ser perfeito! É deslumbrar  
A noite tormentosa até cegar  
E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...

Aos meus irmãos na dor já disse tudo  
E não me compreenderam!... Vão e mudo  
Foi tudo o que entendi e o que pressinto...

Mas se eu pudesse, a mágoa que em mim chora. Contar, não a chorava como  
agora,  
Irmãos, não a sentia como a sinto!...

## **EM VÃO**

Passo triste na vida e triste sou  
Um pobre a quem jamais quiseram bem!  
Um caminhante exausto que passou,  
Que não diz onde vai nem donde vem.

Ah! Sem piedade, a rir, tanto desdém  
A flor da minha boca desdenhou!  
Solitário convento onde ninguém  
A silenciosa cela procurou!

E eu quero bem a tudo, a toda a gente!...  
Ando a amar assim, perdidamente,  
A acalantar o mundo nos meus braços!

E tem passado, em vão, a mocidade  
Sem que no meu caminho uma saudade  
Abra em flores a sombra dos meus passos!

### **VOZ QUE SE CALA**

Amo as pedras, os astros e o luar  
Que beija as ervas do atalho escuro,  
Amo as águas de anil e o doce olhar  
Dos animais, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro,  
E dos sapos, o brando tilintar  
De cristais que se afagam devagar,  
E da minha chameca o rosto duro.

Amo todos os sonhos que se calam  
De corações que sentem e não falam,  
Tudo o que é Infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!  
Solução imenso, eterno, que é a voz  
Do nosso grande e mísero Destino!...

### **PARA QUÊ?**

*Ao velho amigo João*

Para que ser o musgo do rochedo  
Ou urze atormentada da montanha?  
Se a arranca a ansiedade e o medo  
E este enleio e esta angústia estranha

E todo este feitiço e este enredo  
Do nosso próprio peito? E é tamanha  
E tão profunda a gente que o segredo  
Da vida como um grande mar nos banha?

Pra que ser asa quando a gente voa  
De que serve ser cântico se entoa  
Toda a canção de amor do Universo?

Para que ser altura e ansiedade,  
Se se pode gritar uma Verdade  
Ao mundo vão nas sílabas dum verso?

## **SONHO VAGO**

Um sonho alado que nasceu num instante,  
Erguido ao alto em horas de demência...  
Gotas de água que tombam em cadência  
Na minh'alma tristíssima, distante...

Onde está ele o Desejado? O Infante?  
O que há de vir e amar-me em doida ardência?  
O das horas de mágoa e penitência?  
O Príncipe Encantado? O Eleito? O Amante?

E neste sonho eu já nem sei quem sou...  
O brando marulhar dum longo beijo  
Que não chegou a dar-se e que passou...

Um fogo-fátuo rútilo, talvez...  
E eu ando a procurar-te e já te vejo!...  
E tu já me encontraste e não me vês!...

## **PRIMAVERA**

É Primavera agora, meu Amor!  
O campo despe a veste de estamenha;  
Não há árvore nenhuma que não tenha  
O coração aberto, todo em flor!

Ah! Deixa-te vogar, calmo, ao sabor  
Da vida... não há bem que nos não venha  
Dum mal que o nosso orgulho em vão desdenha!  
Não há bem que não possa ser melhor!

Também despi meu triste burel pardo,  
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo  
E ando agora tonta, à tua espera...

Pus rosas cor-de-rosa em meus cabelos...  
Parecem um rosal! Vem desprendê-los!  
Meu Amor, meu Amor, é Primavera!...

## **BLASFÊMIA**

Cala-te... Escuta... Não me digas nada...  
Cai a noite nos longes donde vim...  
Toda eu sou alma e amor! Sou um jardim!  
Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios, a sombra enluarada,  
Quando os teus olhos descem sobre mim,  
Traça trêmulas hastes de jasmim  
Na palidez da face extasiada!

Sou no teu rosto a luz que o alumia...  
Sou a expressão das tuas mãos de raça...  
E os beijos que me dás já foram meus...

Em ti sou glória, altura e poesia!  
E vejo-me (Oh, milagre cheio de graça!)  
Dentro de ti, em ti, igual a Deus!...

## **[sem título]**

Passam no teu olhar nobres cortejos,  
Frotas, pendões ao vento sobranceiros.  
Lindos versos de antigos romanceiros,  
Céus do Oriente, em brasa, como beijos,

Mares onde não cabem teus desejos;  
Passam no teu olhar mundos inteiros,  
Todo um povo de heróis e marinheiros,  
Lanças nuas em rútilos lampejos;

Passam lendas e sonhos e milagres!  
Passa a Índia, a visão do Infante em Sagres,  
Em centelhas de crença e de certeza!

E ao sentir-te tão grande, ao ver-te assim,  
Amor, julgo trazer dentro de mim  
Um pedaço da terra portuguesa!

## **NOITE DE CHUVA**

Chuva... Que gotas grossas!... Vem ouvir:  
Uma... duas... mais outra que desceu...  
É Viviana, é Melusina a rir,  
São rosas brancas dum rosal do céu...

Os lilases deixaram-se dormir...  
Nem um frêmito... a terra emudeceu...  
Amor! Vem ver estrelas a cair:  
Uma... duas... mais outra que desceu...

Fala baixo, juntinho ao meu ouvido,  
Que essa fala de amor seja um gemido,  
Um murmúrio, um soluço, um ai desfeito...

Ah, deixa à noite o seu encanto triste!  
E a mim... o teu amor que mal existe,  
Chuva a cair na noite do meu peito!

## **TARDE DE MÚSICA**

Só Schumann, meu Amor! Serenidade...  
Não assustes os sonhos... Ah!, não varras  
As quimeras... Amor, senão esbarras  
Na minha vaga imaterialidade...

Liszt, agora, o brilhante; o piano arde...  
Beijos alados... ecos de fanfarras...  
Pétalas dos teus dedos feito garras...  
Como cai em pó de oiro o ar da tarde!

Eu olhava para ti... "É lindo! Ideal!"  
Generam nossas vozes confundidas.  
- Havia rosas cor-de-rosa aos molhos –

Falavas de Liszt e eu... da musical  
Harmonia das pálpebras descidas,  
Do ritmo dos teus cílios sobre os olhos...

## **CHOPIN**

Não se acende hoje a luz... Todo o luar  
Fique lá fora. Bem aparecidas  
As estrelas miudinhas, dando no ar  
As voltas dum cordão de margaridas!

Entram falenas meio entontecidas...  
Lusco-fusco... Um morcego, a palpitar,  
Passa... torna a passar... torna a passar...  
As coisas têm o ar de adormecidas...

Mansinho... Roça os dedos p'lo teclado,  
No vago arfar que tudo alteia e doira,  
Alma, Sacrário de Almas, meu Amado!

E, enquanto o piano a doce queixa exala,  
Divina e triste, a grande sombra loira,  
Vem para mim da escuridão da sala...

## **O MEU DESEJO**

Vejo-te só a ti no azul dos céus,  
Olhando a nuvem de oiro que flutua...  
Ó minha perfeição que criou Deus  
E que num dia lindo me fez sua!

Nos altos que diviso pela rua,  
Que cruzam os seus passos com os meus...  
Minha boca tem fome só da tua!  
Meus olhos têm sede só dos teus!

Sombra da tua sombra, doce e calma,  
Sou a grande quimera da tua alma  
E, sem viver, ando a viver contigo...

Deixa-me andar assim no teu caminho  
Por toda a vida, Amor, devagarinho,  
Até a morte me levar consigo...

## **ES CRAVA**

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,  
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,  
Fala da minha boca a palpitar,  
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propício o astro e a flor,  
Que a teus pés se incline a terra e o mar,  
P'los séculos dos séculos sem par,  
Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,  
E, de mãos postas, em sentida prece,  
Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, esse verso imenso de ansiedade,  
Esse verso de amor que te fizesse  
Ser eterno por toda a Eternidade!...

## **DIVINO INSTANTE**

Ser uma pobre morta inerte e fria,  
Hierática, deitada sob a terra,  
Sem saber se no mundo há paz ou guerra,  
Sem ver nascer, sem ver morrer o dia,

Luz apagada ao alto e que alumia,  
Boca fechada à fala que não erra,  
Urna de bronze que a Verdade encerra,  
Ah! ser Eu essa morta inerte e fria!

Ah, fixar o efêmero! Esse instante  
Em que o teu beijo sôfrego de amante  
Queima o meu corpo frágil de âmbar loiro;

Ah, fixar o momento em que, dolente,  
Tuas pálpebras descem, lentamente,  
Sobre a vertigem dos teus olhos de oiro!

## **SILÊNCIO!...**

No fadário que é meu, neste penar,  
Noite alta, noite escura, noite morta,  
Sou o vento que geme e quer entrar,  
Sou o vento que vai bater-te à porta...

Vivo longe de ti, mas que me importa?  
Se eu já não vivo em mim! Ando a vaguear  
Em roda à tua casa, a procurar  
Beber-te a voz, apaixonada, absorta!

Estou junto de ti e não me vês...  
Quantas vezes no livro que tu lês  
Meu olhar se poisou e se perdeu!

Trago-te como um filho nos meus braços!  
E na tua casa... Escuta!... Uns leves passos...  
Silêncio, meu Amor!... Abre! Sou eu!...

## **O MAIOR BEM**

Este querer-te bem sem me queres,  
Este sofrer por ti constantemente  
Andar atrás de ti sem tu me veres  
Faria piedade a toda a gente.

Mesmo a beijar-me a tua boca mente...  
Quantos sangrentos beijos de mulheres  
Poisa na minha a tua boca ardente,  
E quanto engano nos seus vãos dizeres!...

Mas que me importa a mim que me não queiras.  
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,  
Este mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdêns,  
E, na vida, o mais alto dos meus bens?  
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

## **OS MEUS VERSOS**

Rasga esses versos que eu te fiz, Amor!  
Deita-os ao nada, ao pó ao esquecimento,  
Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,  
Que a tempestade os leve aonde for!

Rasga-os na mente, se os souberes de cor,  
Que volte ao nada o nada dum momento.  
Julguei-me grande pelo sentimento,  
E pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!  
Tantos penaram já o que eu penei!  
Asas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida!  
Como se um grande amor cá nesta vida  
Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

### **AMOR QUE MORRE**

O nosso amor morreu... Quem o diria!  
Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta.  
Ceguinha de te ver, sem ver a conta  
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...  
E outro clarão, ao longe, já desponta!  
Um engano que morre... e logo aponta  
A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que pra viver  
São precisos amores, pra morrer  
E são precisos sonhos pra partir.

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso  
Fazer do amor que parte o claro riso  
Doutro amor impossível que há de vir!

**[sem título]**

.....  
.....  
.....  
.....

E não sou de ninguém... Quem me quiser  
Há de ser luz do sol em tardes quentes,  
Nos olhos de água clara há de trazer  
As fúlgidas pupilas das videntes!

Há de ser seiva no botão repleto  
Voz no murmúrio do pequeno inseto,  
Vento que enfuna as velas sobre os mastros!...

Há de ser Outro e Outro num momento!  
Força viva, brutal, em movimento,  
Astro arrastando catadupas de astros!

## **SOBRE A NEVE**

Sobre mim, teu desdém, pesado jaz  
Como um manto de neve... Quem dissera  
Porque tombou em plena Primavera  
Toda essa neve que o Inverno traz!

Coroavas-me inda há pouco de lilás  
E de rosas silvestres... quando eu era  
Aquela que o Destino prometera  
Aos teus rútilos sonhos de rapaz!

Dos beijos que me deste não te importas,  
Asas paradas de andorinhas mortas...  
Folhas de Outono em correria louca...

Mas inda um dia, em mim, ébrio de cor,  
Há de nascer um roseiral em flor  
Ao sol de Primavera doutra boca!

## **VÃO ORGULHO**

Neste mundo vaidoso o amor é nada,  
É um orgulho a mais, outra vaidade,  
A coroa de loiros desfolhada  
Com que se espera a Imortalidade.

Ser Beatriz! Natércia! Irrealidade...  
Mentira... Engano de alma desvairada...  
Onde está desses braços a verdade,  
Essa fogueira em cinzas apagada?...

Mentira! Não te quis... não me quiseste...  
Eflúvios subtis dum bem celeste?  
Gestos... palavras sem nenhum condão...

Mentira! Não fui tua... não! Somente...  
Quis ser mais do que sou, mais do que gente,  
No alto orgulho de o ter sido em vão!...

## ÚLTIMO SONHO DE "SÓROR SAUDADE"

*Àquele que se perdera no caminho...*

Sóror Saudade abriu a sua cela...  
E, num encanto que ninguém traduz,  
Despiu o manto negro que era dela,  
Seu vestido de noiva de Jesus.

E a noite escura, extasiada ao vê-la,  
As brancas mãos no peito quase em cruz,  
Teve um brilhar feérico de estrela  
Que se esfolhasse em pétalas de luz!

Sóror Saudade olhou... Que olhar profundo  
Que sonha e espera?... Ah! como é feio o mundo.  
E os homens vão! - Então, devagarinho,

Sóror Saudade entrou no seu convento...  
E, até morrer, rezou, sem um lamento,  
Por Um que se perdera no caminho!...

## ESQUECIMENTO

Esse de quem eu era e que era meu,  
Que foi um sonho e foi realidade,  
Que me vestiu a alma de saudade,  
Para sempre de mim desapar'ceu.

Tudo em redor então escureceu,  
E foi longínqua toda a claridade!  
Ceguei... tateio sombras... Que ansiedade!  
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...  
A sombra dos meus olhos, a escurecer...  
Veste de roxo e negro os crisântemos...

E desse que era meu já me não lembro...  
Ah, a doce agonia de esquecer  
A lembrar doidamente o que esquecemos!...

## **LOUCURA**

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada  
Pavorosa! Não sei onde era dantes.  
Meu solar, meus palácios meus mirantes!  
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...

Passa em tropel febril a cavalgada  
Das paixões e loucuras triunfantes!  
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!  
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...

Pesadelos de insônia, ébrios de anseio!  
Loucura a esboçar-se, a enegrecer  
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!  
Ó pavoroso e atroz mal de trazer  
Tantas almas a rir dentro da minha!

## **DEIXAI ENTRAR A MORTE**

Deixai entrar a Morte, a Iluminada,  
A que vem para mim, pra me levar.  
Abri todas as portas par em par  
Com asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,  
A que prendeu nas mãos todo o luar,  
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar  
E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?  
Entre agonias e em dores tamanhas  
Pra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti? Pra que eu tivesse sido  
Somente o fruto amargo das entranhas  
Dum lírio que em má hora foi nascido!...

## À MORTE

Morte, minha Senhora Dona Morte,  
Tão bom que deve ser o teu abraço!  
Lânguido e doce como um doce laço  
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte  
Tua mão que nos guia passo a passo,  
Em ti, dentro de ti, no teu regaço  
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,  
Fecha-me os olhos que já viram tudo!  
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
Má fada me encantou e aqui fiquei  
À tua espera,... quebra-me o encanto!

## LIVRO DE SÓROR SAUDADE

1923

Florbela Espanca

Irmã, Sórora Saudade, ah! se eu pudesse  
Tocar de aspiração a nossa vida,  
Fazer do mundo a Terra Prometida  
Que ainda em sonho às vezes me aparece!

Américo Durão

Il n'a pas à se plaindre celui qui attend  
Un sentiment plus ardent et plus généreux.  
Il n'a pas à se plaindre celui qui attend  
Le désir d'un peu plus de bonheur, d'un  
Peu plus de beauté, d'un peu plus de justice.

Maeterlinck  
La Sagesse et a Destinée

### "SÓROR SAUDADE"

A Américo Durão

Irmã, Sórora Saudade me chamaste...  
E na minh'alma o nome iluminou-se  
Como um vitral ao sol, como se fosse  
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de Outono o murmuraste,  
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe,  
Jamais me hão de chamar outro mais doce.  
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma da minh'alma,  
Como bênção de sol que afaga e acalma,  
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo  
Digo as palavras desse nome lindo  
Que tu me deste: "Irmã, Sórora Saudade..."

## **O NOSSO LIVRO**

A A.G.

Livro do meu amor, do teu amor,  
Livro do nosso amor, do nosso peito...  
Abre-lhe as folhas devagar, com jeito,  
Como se fossem pétalas de flor.

Olha que eu outro já não sei compor  
Mais santamente triste, mais perfeito  
Não esfolhes os lírios com que é feito  
Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!  
Num sorriso tu dizes e digo eu:  
Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente  
Dirá, fechando o livro docemente:  
"Versos só nossos, só de nós os dois!..."

## **O QUE TU ÉS...**

És Aquela que tudo te entristece  
Irrita e amargura, tudo humilha;  
Aquela a quem a Mágoa chamou filha;  
A que aos homens e a Deus nada merece.

Aquela que o sol claro entenebrece  
A que nem sabe a estrada que ora trilha,

Que nem um lindo amor de maravilha  
Sequer deslumbra, e ilumina e aquece!

Mar-Morto sem marés nem ondas largas,  
A rastejar no chão como as mendigas,  
Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve Primavera...  
Ah! Não seres como as outras raparigas  
Ó Princesa Encantada da Quimera!...

## **FANATISMO**

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.  
Meus olhos andam cegos de te ver.  
Não és sequer razão do meu viver  
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...  
Passo no mundo, meu Amor, a ler  
No mist'rioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida!...

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa...  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:  
"Ah! podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

## **ALENTEJANO**

À Buja

Deu agora meio-dia; o sol é quente  
Beijando a urze triste dos outeiros.  
Nas ravinas do monte andam ceifeiros,  
Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas meigamente.  
Brilham os olhos negros, feiticeiros.  
E há perfis delicados e trigueiros  
Entre as altas espigas d'oiro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais  
A cabeleira loira dos trigais  
Sob a bênção dulcíssima dos céus.

Há gritos arrastados de cantigas...  
E eu sou uma daquelas raparigas...  
E tu passas e dizes: "Salve-os Deus!"

### **QUE IMPORTA?....**

Eu era a desdenhosa, a indiferente.  
Nunca sentira em mim o coração  
Bater em violências de paixão  
Como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,  
Sem sombra de Desejo ou de emoção,  
Enquanto a asa loira da ilusão  
Dentro em mim se desdobra a um sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;  
Como nascida em carinhoso monte  
Toda ela é riso, e é frescura, e graça!

Nela refresca a boca um só instante...  
Que importa?... Se o cansado viandante  
Bebe em todas as fontes... quando passa?...

### **FUMO**

Longe de ti são ermos os caminhos,  
Longe de ti não há luar nem rosas;

Longe de ti há noites silenciosas,  
Há dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois velhos pobrezinhos  
Perdidos pelas noites invernosas...  
Abertos, sonham mãos cariciosas,  
Tuas mãos doces plenas de carinhos!

Os dias são Outonos: choram... choram...  
Há crisântemos roxos que descoram...  
Há murmúrios dolentes de segredos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!  
E ele é, ó meu amor pelos espaços,  
Fumo leve que foge entre os meus dedos...

## **O MEU ORGULHO**

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera  
Não me lembrar! Em tardes dolorosas  
Lembro-me que fui a Primavera  
Que em muros velhos faz nascer as rosas!

As minhas mãos outrora carinhosas  
Pairavam como pombas... Quem soubera  
Porque tudo passou e foi quimera,  
E porque os muros velhos não dão rosas!

O que eu mais amo é que mais me esquece...  
E eu sonho: "Quem olvida não merece...  
E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobrezinha:  
Que também é orgulho ser sozinha,  
E também é nobreza não ter nada!

## **OS VERSOS QUE TE FIZ**

Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem pra te dizer!  
São talhados em mármore de Paros  
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolências de veludos caros,  
São como sedas brancas a arder...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E, nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

## **FRIEZA**

Os teus olhos são frios como as espadas,  
E claros como os trágicos punhais,  
Têm brilhos cortantes de metais  
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas  
De abandonos cruéis e desleais,  
Fantásticos desejos irreais,  
E todo o oiro e o sol das madrugada!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,  
Que viver neste mundo sem amar  
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!  
E quanta vez dirás a soluçar:  
"Ah, quem me dera, Irmã, amar assim!..."

## **MEU MAL**

A meu irmão

Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,  
Eu sei o nome ao meu estranho mal:  
Eu sei que fui a renda dum vitral,  
Que fui cipreste, caravela, dor!

Fui tudo que no mundo há de maior:  
Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!  
E fui, talvez, um verso de Nerval,  
Ou. um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,  
Deram as minhas mãos aroma aos nardos...  
Deu cor ao eloendro a minha boca...

Ah! de Boabdil fui lágrima na Espanha!  
E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha,  
Mágoa não sei de quê! Saudade louca!

### **A NOITE DESCE...**

Como pálpebras roxas que tombassem  
Sobre uns olhos cansados, carinhosas,  
A noite desce... Ah! doces mãos piedosas  
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me beijassem!  
Assim me adormecessem! Caridosas  
Em braços de lírios, de mimosas,  
No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...  
Perfume de baunilha ou de lilás,  
A noite põe embriagada, louca!

E a noite vai descendo, sempre calma...  
Meu doce Amor tu beijas a minh'alma  
Beijando nesta hora a minha boca!

## **CARAVELAS**

Cheguei a meio da vida já cansada  
De tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi  
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.  
E as torres de marfim que construí  
Em trágica loucura as destruí  
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar-Morto,  
Mar sem marés, sem vagas e sem porto  
Onde velas de sonhos se rasgaram.

Caravelas doiradas a bailar...  
Ai, quem me dera as que eu deitei ao Mar!  
As que eu lancei à vida, e não voltaram!...

## **INCONSTÂNCIA**

Procurei o amor que me mentiu.  
Pedi à Vida mais do que ela dava.  
Eterna sonhadora edificava  
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
E tanto beijo a boca me queimava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...  
Um sol a apagar-se e outro a acender  
Nas brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo  
É igual a outro amor que vai surgindo,  
Que há de partir também... nem eu sei quando...

## **O NOSSO MUNDO**

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos  
Como um divino vinho de Falerno!  
Poisando em ti o meu amor eterno  
Como poisam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...  
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...  
E a Vida já não é o rubro inferno  
Todo fantasmas tristes e pressagos!

A vida, meu Amor, quer vivê-la!  
Na mesma taça erguida em tuas mãos,  
Bocas unidas hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...  
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...  
O mundo, Amor?... As nossas bocas juntas!...

## **PRINCE CHARMANT**

A Raul Proença

No lânguido esmaecer das amorosas  
Tardes que morrem voluptuosamente  
Procurei-O no meio de toda a gente.  
Procurei-O em horas silenciosas

Das noites da minh'alma tenebrosas!  
Boca sangrando beijos, flor que sente...  
Olhos postos num sonho, humildemente...  
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant  
Como audaz cavaleiro em velhas lendas  
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Ah! Toda a nossa vida anda a quimera  
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...  
- Nunca se encontra Aquele que se espera!...

## **ANOITECER**

A luz desmaia num fulgor d'aurora,  
Diz-nos adeus religiosamente...  
E eu, que não creio em nada, sou mais crente  
Do que em menina, um dia, o fui... outrora...

Não sei o que em mim ri, o que em mim chora  
Tenho bênçãos d'amor pra toda a gente!  
Como eu sou pequenina e tão dolente  
No amargo infinito desta hora!

Horas tristes que são o meu rosário...  
Ó minha cruz de tão pesado lenho!  
Meu áspero e intérmino Calvário!

E a esta hora tudo em mim revive:  
Saudades de saudades que não tenho...  
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

## **ESFINGE**

Sou filha da charneca erma e selvagem.  
Os giestais, por entre os rosmaninhos,  
Abrindo os olhos d'ouro, p'los caminhos,  
Desta minh'alma ardente são a imagem.

Embalo em mim um sonho vão, miragem:  
Que tu e eu, em beijos e carinhos,  
Eu a Charneca e tu o Sol, sozinhos,  
Fôssemos um pedaço de paisagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade  
Ouviria da boca do luar  
O De Profundis triste da saudade...

E à tua espera, enquanto o mundo dorme,  
Ficaria, olhos quietos, a cismar...  
Esfinge olhando a planície enorme...

### **TARDE DEMAIS...**

Quando chegaste enfim, para te ver  
Abriu-se a noite em mágico luar;  
E pra o som de teus passos conhecer  
Pôs-se o silêncio, em volta, a escutar...

Chegaste enfim! Milagre de endoidar!  
Viu-se nessa hora o que não pode ser:  
Em plena noite, a noite iluminar;  
E as pedras do caminho florescer!

Beijando a areia d'oiro dos desertos  
Procura-te em vão! Braços abertos,  
Pés nus, olhos a rir, a boca em flor!

E há cem anos que eu fui nova e linda!...  
E a minha boca morta grita ainda:  
"Por que chegaste tarde, Ó meu Amor?!..."

### **NOTURNO**

Amor! Anda o luar todo bondade,  
Beijando a terra, a desfazer-se em luz...  
Amor! São os pés brancos de Jesus  
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade  
Das ilusões e risos que em ti pus!  
Traçaste em mim os braços duma cruz,  
Neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de mágoas,  
E nesta noite o nenúfar dum lago  
'Stendendo as asas brancas sobre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos com carinho,  
Fecha-os num beijo dolorido e vago...  
E deixa-me chorar devagarinho...

## **CINZENTO**

Poeiras de crepúsculos cinzentos,  
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,  
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços  
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,  
Devagarinho, em mist'riosos passos...  
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...  
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,  
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,  
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que o teu olhar me deslumbrou...  
Hora em que a tua boca me beijou...  
Hora em que fumo e névoa te tornaste...

## **MARIA DAS QUIMERAS**

Maria das Quimeras me chamou  
Alguém.. Pelos castelos que eu ergui  
P'las flores d'ouro e azul que a sol teci  
Numa tela de sonho que estalou.

Maria das Quimeras me ficou;  
Com elas na minh'alma adormeci.  
Mas, quando despertei, nem uma vi  
Que da minh'alma, Alguém, tudo levou!

Maria das Quimeras, que fim deste  
Às flores d'ouro e azul que a sol bordaste,  
Aos sonhos tresloucados que fizeste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...  
Aonde estão os beijos que sonhaste,  
Maria das Quimeras, sem quimeras?...

## **SAUDADES**

Saudades! Sim.. talvez.. e por que não?...  
Se o sonho foi tão alto e forte  
Que pensara vê-lo até à morte  
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!  
Que tudo isso, Amor, nos não importe.  
Se ele deixou beleza que conforto  
Deve-nos ser sagrado como o pão.

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,  
Para mais doidamente me lembrar  
Mais decididamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:  
Quanto menos quisesse recordar  
Mais saudade andasse presa a mim!

## **O QUE ALGUÉM DISSE**

"Refugia-te na Arte" diz-me Alguém  
"Eleva-te num vôo espiritual,  
Esquece o teu amor, ri do teu mal,  
Olhando-te a ti própria com desdém.

Só é grande e perfeito o que nos vem  
Do que em nós é Divino e imortal!  
Cega de luz e tonta de ideal  
Busca em ti a Verdade e em mais ninguém!"

No poente doirado como a chama  
Estas palavras morrem... E n'Aquele  
Que é triste, como eu, fico a pensar...

O poente tem alma: sente e ama!  
E, porque o sol é cor dos olhos d'Ele,  
Eu fico olhando o sol, a soluçar...

## **RUÍNAS**

Se é sempre Outono o rir das Primaveras,  
Castelos, um a um, deixa-os cair...  
Que a vida é um constante derruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

E deixa sobre as ruínas crescer heras,  
Deixa-as beijar as pedras e florir!  
Que a vida é um contínuo destruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!  
Tenho ainda mais sonhos para erguê-los  
Mais alto do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!  
São como os beijos duma linda boca!  
Sonhos!... Deixa-os tombar... Deixa-os tombar.

## **CREPÚSCULO**

Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes  
Batendo as asas leves, irisadas,  
Poisam nos meus, suaves e cansadas  
Como em dois lírios roxos e dolentes...

E os lírios fecham... Meu Amor, não sentes?  
Minha boca tem rosas desmaiadas,  
E as minhas pobres mãos são maceradas  
Como vagas saudades de doentes...

O Silencio abre as mãos... entorna rosas...  
Andam no ar carícias vaporosas  
Como pálidas sedas, arrastando...

E a tua boca rubra ao pé da minha  
É na suavidade da tardinha  
Um coração ardente palpitando...

## **ÓDIO?**

A Aurora Aboim

Ódio por Ele? Não... Se o amei tanto,  
Se tanto bem lhe quis no meu passado,  
Se o encontrei depois de o ter sonhado,  
Se à vida assim roubei todo o encanto,

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto  
Turva o meu triste olhar, marmorizado,  
Olhar de monja, trágico, gelado  
Com um soturno e enorme Campo Santo!

Nunca mais o amar já é bastante!  
Quero senti-lo doutra, bem distante,  
Como se fora meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saudade infinda,  
Mágoa de o ter perdido, amor ainda!  
Ódio por Ele? Não... não vale a pena...

## **RENÚNCIA**

A minha mocidade há muito pus  
No tranqüilo convento da tristeza;  
Lá passa dias, noites, sempre presa,  
Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fora, a Noite, Satanás, seduz!  
Desdobra-se em requintes de Beleza...

E como um beijo ardente a Natureza...  
A minha cela é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!  
Empalidece mais! E, resignada,  
Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!  
Enche a boca de cinzas e de terra  
Ó minha mocidade toda em flor!

## **A VIDA**

É vão o amor, o ódio, ou o desdém;  
Inútil o desejo e o sentimento...  
Lançar um grande amor aos pés d'alguém  
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo "Pedro Sem",  
Uma alegria é feita dum tormento,  
Um riso é sempre o eco dum lamento,  
Sabe-se lá um beijo donde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...  
Uma saudade morta em nós renasce  
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia...  
A gente esquece sempre o bem dum dia.  
Que queres, ó meu Amor, se é isto a Vida!...

## **HORAS RUBRAS**

Horas profundas, lentas e caladas  
Feitas de beijos rubros e ardentes,  
De noites de volúpia, noites quentes  
Onde há risos de virgens desmaiadas...

Oiço olaias em flor às gargalhadas...  
Tombam astros em fogo, astros dementes,  
E do luar os beijos languescentes  
São pedaços de prata p'las estradas...

Os meus lábios são brancos como lagos...  
Os meus braços são leves como afagos,  
Vestiu-os o luar de sedas puras...

Sou chama e neve e branca e mist'riosa...  
E sou, talvez, na noite voluptuosa,  
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

## **SUAVIDADE**

Poisa a tua cabeça dolorida  
Tão cheia de quimeras, de ideal  
Sobre o regaço brando e maternal  
Da tua doce Irmã compadecida.

Hás de contar-me nessa voz tão q'rida  
Tua dor infantil e irreal,  
E eu, pra te consolar, direi o mal  
Que à minha alma profunda fez a Vida.

E hás de adormecer nos meus joelhos...  
E os meus dedos enrugados, velhos,  
Hão de fazer-se leves e suaves...

Hão de poisar-se num fervor de crente,  
Rosas brancas tombando docemente  
Sobre o teu rosto, como penas d'aves...

## **PRINCESA DESALENTO**

Minh'alma é a Princesa Desalento,  
Como um Poeta lhe chamou, um dia.  
É revoltada, trágica, sombria,  
Como galopes infernais de vento!

É frágil como o sonho dum momento,  
Soturna como preces de agonia,  
Vive do riso numa boca fria!  
Minh'alma é a Princesa Desalento...

Altas horas da noite ela vagueia...  
E ao luar suavíssimo, que anseia,  
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,  
E vai traçar, fantástico e gelado,  
A sombra numa cruz à tua porta...

## **SOMBRA**

De olheiras roxas, roxas, quase pretas,  
De olhos límpidos, doces, languescientes,  
Lagos em calma, pálidos, dormentes  
Onde se debruçassem violetas...

De mãos esguias, finas hastes quietas,  
Que o vento não baloiça em noites quentes...  
Nocturno de Chopin... risos dolentes...  
Versos tristes em sonhos de Poetas...

Beijo doce de aromas perturbantes...  
Rosal bendito que dá rosas... Dantes  
Esta era Eu e Eu era a Idolatrada!...

Ah, cinzas mortas! Ah, luz que se apaga!  
Vou sendo, em ti, agora, a sombra vaga  
D'alguém que dobra a curva numa estrada...

## **HORA QUE PASSA**

Vejo-me triste, abandonada e só  
Bem como um cão sem dono e que o procura  
Mais pobre e desprezada do que Job  
A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!  
Minh'alma triste, dolorida, escura,  
Minh'alma sem amor é cinza, é pó,  
Vaga roubada ao Mar da Desventura!

Que tragédia tão funda no meu peito!...  
Quanta ilusão morrendo que esvoaça!  
Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre...  
O instante que foge, voa, e passa...  
Fiozinho d'água triste... a vida corre...

### **DA MINHA JANELA**

Mar alto! Ondas quebradas e vencidas  
Num soluçar aflito, murmurado...  
Vão de gaivotas, leve, imaculado,  
Como neves nos píncaros nascidas!

Sol! Ave a tombar, asas já feridas,  
Batendo ainda num arfar pausado...  
Ó meu doce poente torturado  
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!

Meu verso de Samain cheio de graça,  
Inda não és clarão já és luar  
Como um branco lilás que se desfaça!

Amor! Teu coração traga-o no peito...  
Pulsa dentro de mim como este mar  
Num beijo eterno, assim, nunca desfeito!...

### **SOL POENTE**

Tardinha... "Ave-Maria, Mãe de Deus..."  
E reza a voz dos sinos e das noras...  
O sol que morre tem clarões d'auroras,  
Águia que bate as asas pelo céu!

Horas que têm a cor dos olhos teus...  
Horas evocadoras doutras horas...  
Lembranças de fantásticos outroras,  
De sonhos que não tenho e que eram meus!

Horas em que as saudades, p'las estradas,  
Inclinam as cabeças mart'rizadas  
E ficam pensativas... meditando...

Morrem verbenas silenciosamente...  
E o rubro sol da tua boca ardente  
Vai-me a pálida boca desfolhando...

## **EXALTAÇÃO**

viver! Beber o vento e o sol! Erguer  
Ao céu os corações a palpar!  
Deus fez os nossos braços pra prender,  
E a boca fez-se sangue pra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto a arder!  
Asas sempre perdidas a pairar!  
Mais alto até estrelas desprender!  
A glória! A fama! Orgulho de criar!

Da vida tenho o mel e tenho os travos  
No lago dos meus olhos de violetas,  
Nos meus beijos estáticos, pagãos!

Trago na boca o coração dos cravos!  
Boêmios, vagabundos, e poetas,  
Com eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos!